

Rey de Dinamarca, vendo-se chegado á velhice, & temendo os achaques della, se quiz anticipar à morte; & deu hum collar de ouro, que pezava cento & vinte libras, a hum chamado Hatero, porque lhe cortasse a cabeça, que offereceo com desesperada resolução. Esta causa dá hũ grave Author 18 àquella acção barbara, posto que outros 19 referem, que foy arrependimento de haver morto hum filho do mesmo Hatero. Plinio 20 barbaramente considerou nos homens hum bem que faltava a Deos, & era poderem-se matar, para evitarem as penalidades da vida.

14 Finalmente o bem que imaginamos nosso, he emprestado por brevissimo tempo; só possuímos nosso o que imaginamos que não temos; no principio da vida cegueyra, no progresso trabalhos, no fim dores, & sempre erros. Ou, como lamentava Solon, 21 podridão no nascimento, vento na duração, manjar de bichos no fim. Que dia temos que não seja penoso? Qual nos foy tão alegre, que não pagasse penção? antes cada dia nos traz pensoens novas. 22 Poderá a Escritura santa contar os dias da manhã até a noyte; mas conta da vespera até a manhã; 23 porque não temos dia que não participe de trevas. Sofronio conta na historia dos Padres do Ermo, que hum Ermitão moderno se queyxou ao Santo Abbade Theodoro Firme, de que não tinha achado hum dia de descanso; & o Santo velho respondeo: Se eu o não tenho achado em mais de setenta annos, como querias tu achallo em tão poucos? Como não ha homem que seja immortal, o não ha que não seja triste em quanto vive, diz S. João Chrysofomo. 24 E Seneca nota, que não ha, nem houve no mundo casa sem prantos. 25 Temos guerra perpetua com a fortuna, em que só a virtude nos pudera dar vitoria; mas fracos, & defarmados pelejamos com ella em desigual partido, & fomos vencidos facilmente; zomba de nós, parecemos-lhe capazes de fazer de nós jogo; animacs de vida breve, & cuydados infinitos, que sem sabermos tomar porto, nem conselho, a nossa resolução he estar pendentes; & além do mal presente, sentir dor do passado, & temor do futuro; temor que he mais pezado que a morte. 26 Caim, & Elias por não temerem desejavaõ morrer. 27 Somos exemplo da fraqueza, despojo do tempo, imagem da inconstancia, balança das calamidades, pelotas da fortuna; o calor nos abraza, o frio nos gela: deytados desejanos levantarnos; levantados queremos deytarnos: o occio nos faz molles, o exercicio fracos: huma hora buscamos o que em outra fugimos; recusamos o que temos, anhelamos ao que não temos; cossa mesma vontade nos atormenta. Esta guerra interior que padecemos, ou esta infania, dizia Democrito, que lhe causava o riso continuo; quem dirá que tal vida he viver? como Salviano dizia dos Romanos abatidos, 28 Bem disse Cesar a hum que lhe pedia a morte: *E tu cuydas que vives?* 29 Chegou a dizer Seneca

18 P. Lyficux *suprà* 2. p. ad fin.

19 Saxo l. 8.

20 Plin. l. 2. c. 7. in fin.

21 Solon *epud* Stob. *serm.* 96.

22 Senec. *trag.* in *T. oad.* Nulla dies in morte caret: sed nova fletus causa ministrat.

23 Gen 1 5. Factumque est vespere, & mane dies unus. *Et infra sapius.*

24 D. Chrysof. *ad pop.* Antioch. *hom.* 67.

25 Senec. *de consolat.* ad Polyb. c. 32.

Nulla domus in toto orbe terrarum aut est, aut fuit sine exploratione. D. Bern *serm.* de obedient patient & sap in princip. Et qui declinat aliquis, sed incidit proculdubio in graviores.

26 D. Petr. Chrysol. *serm.* 147. in princ. Favore mors ipsa levior.

27 Gen. 4. 14.

3. Reg. 11. 4.

28 Salnian. *de vero judic.* & *provid.* l. 6.

Vivere nos post ista credimus, quibus vita sic constet.

29 *Refert* Sen. *ep.* 78. ad fin.

30 Senec. *ep.* 61. Nil melius aeterna lex fecit, quam quod unum introitum nobis ad vitam dedit, exitus multos.

Seneca, 30 que foy a melhor obra da natureza darnos huma entrada para a vida, & muytos caminhos para fahir della: que mayor bem, que ter muytas portas para fahir deste carcere? Carcere he o mundo; por isso Tertulliano 31 consolava os Martyres prezos, dizendolhes, que estando fóra delle, haviaõ fahido da prizaõ.

15 Suppoito o referido, que experimentamos, para que amamos tanto a vida? porque não havemos sempre de chorar? Quintiliano 32 faz menção de naçoens que choravaõ aos que nasciaõ, & fettejavaõ os mortos: que causa temos para rir? Os bens que foraõ, já não faõ, os futuros ainda não chegáraõ, & faõ incertos; os presentes vaõ fugindo: tudo he inconstancia, & ruina proxima. A ignorancia nos levou os primeyros annos: os vicios nos levaõ a adolescencia: os trabalhos a idade varonil: as doenças a velhice: com lagrimas copiosas se devèra marcar este caminho para a sepultura; & nós o celebramos com festas: *Comamos, & bebamos, alegremonos por todos os modos,* (dizem os homens, como refere Haías, & Salamaõ 33] *porque à manhã morreremos:* ha mayor ignorancia? se disseraõ: *Porque havemos de viver cem mil annos,* teriaõ alguma razaõ; mas alegrar-se (sem ser Santo) havendo de morrer à manhã, he mais que cegueyra.

31 *Tertullian. ad Martyres.*
Segregati estis à mundo, si enim recogitemus ipsum, magis mundum carcerem esse, exiisse vos de carcere, quàm in carcerem introisse intelligemus.

32 *Quintilian 15 c. 11. refert Catepin. in dict. verbo, Fletus.*

33 *Isai. 22. 19. Sap. 2. 8.*

CAPITULO XXXVII.

Os homens se enganaõ em quererem suavizar a vida com passatempos; poem-se primeyro exemplo no jogo.

1 **P**iedosamente nos alojou Deos em taõ má casa, porque desejaßemos fahir della como inficionada, para a que nos tem preparada no Cco; 1 mas com ignorancia buscamos pretextos para a não aborreçermos, querendo com alivios suavizar a vida.

2 Lícito he, sendo honestos, & taes que verdadeyramente aliviem; porque temperar o trabalho he louvavel, como acima dissemos. 2 Nosso erro está em os affectar com demasia, que antes arruina; como às hervas a foga a agua demasiada, que as crearia sendo com moderação. Os que imaginamos remedio, penalizaõ mais, & ainda usados sem excessõ não faõ mais que bordaõ.

3 Ao jogo, com que muytos se querem divertir, chamou Aristoteles 3 medicina das molestias, neste sentido o louva; 4 mas nota que ha differença entre trabalhar com muyto estudo, & cuydado por jugar; ou jugar para poder trabalhar; isto diz que he louvavel; o outro que he de nescio. 5 A natureza, disse Tullio, 6 não nos fez para jogos; mas para cousas graves. Esta materia pede medida.

1 *P. Lyseux na Phil. Cbrist. p. 1. c. 27. no princ.*

2 *Suprà cap. 9. ex n. 4.*

3 *Arist. de Rep. l. 8. c. 5*

4 *Idem polit. l. 3. c. 3 & Ethic. l. 4. cap. 8.*

5 *Idem Ethic. 10. cap. 6.*
Multum studii, curæque ponere, & laborem ferre ut ludas, stultum quiddam. & puerile est, ut serias res agere possis, Anacharsidis sententia est.

6 *Tull. offic.* Non ita à natura generati sumus, ut ad ludum, & jocum facti esse videamur, sed ad veritatem potius, & quædam studia graviora, atque maiora.

7 Ita Steph. Costa in tract. de Ludo §. 2. n. 3. & 4.

4 Quem nunca joga, he rustico; quem sempre joga, he vil: quem joga algumas vezes, he urbano. 7

5 O primeyro he rustico, porque talvez falta à conservaçaõ, & à recreaçãõ, que serve ao descanso, o qual se encaminha a renovar o trabalho; & assim negar o jogo, he tirar as forças para trabalhar.

6 O segundo he vil, porque joga como por officio: abate-se a jogar com o mais vil, & sofrello: he comediante dos miroens: homem publico para entreter ociosos: & à custa de honra, & fazenda sustenta, & alimenta nesciamente a casa de tabolagem. O que mais serve a nosso intento he dizer o Filosofo, que os taes trabalhaõ por jogar; & accreicenta, que com muyto estudo, & cuydado. Trabalhaõ, estudaõ, & cuydaõ donde lhes virã o dinheyro: jogaõ com a mayor applicaçãõ dos sentidos, a mà forte lhes he hũa lançada no coraçãõ: a boa sorte he muyto càra no sustento; com que tristeza se recolhe o perdido: com que ancia deseja provar outra vez fortuna! entre sonhos se lhe representaõ as mãos que perdeo; & naõ tem pouco trabalho em fingir que naõ sente. Alguns dissimulaõ mais: & penariaõ menos se desabafassem; o certo he que todos o sentem muyto, & o mostra o desejo de se forrarem, porque ser jogador nasce de ser cobiçoso, & a cobiça he muyto parenta da avareza; & assim aos mayores jogadores poem Aristoteles 8 entre os avarentos; & de ordinario vemos que o saõ em gastar, como o mercador arisca no mar muyta fazenda pela esperança do lucro, & he muyto parco em sua casa. Em que se melhoraõ, ou aliviaõ estes miseraveis? antes penaõ mais, & offendem a faude: o sangue do que està jugando, posto que ganhe, està como o de hum touro no corro, posto que victorioso em ferir hum cavallo: seria veneno se lho tirassem; prejudica-se com as vigias das noytes, expõemse a perigos de contendas pezadas; quantos vimos mortos por esta causa? alguns vimos tambem que adoeceraõ, & morreraõ de pezar da perda que naõ podiaõ pagar.

8 Aristot. Ethic. l. 4. c. 3.

9 Apud Steph. Costa sup. & Paris. de Puteo tract. de Ludo n. 8.

7 Sõ quem joga algumas vezes, & moderado, he urbano, & sabe aliviarse; assim lemos 9 que jugaraõ Socrates, Cataõ, Scevola Jurisconsulto, & o Evangelista Saõ Joaõ, que basta por muytos exemplos. Porém ainda nisto he de advertir que ha tres especies de jogo.

10 Paris. de Puteo sup. n. 11. Quia stultum est committere se viribus fortunæ.

11 Idem Puteo sup. vers. ludus honoris n. 9. & vers. ludus est n. 12.

8 Huns pendem só da fortuna, & saõ os que chamaõ de *parar*, & disseraõ os sabios que os homens entendidos nunca devem jogar a estes; porque he grande ignorancia entregar-se à jurisdicãõ da fortuna. 10 Nos dados se ajutata outra razaõ de ser jogo contra os bons costumes, & torpe, & assim a quem os joga reputaõ os Doutores por infame. 11

9 Outros ha muytos, em que obra a fortuna, & juntamente a pericia, & industria, como os de cartas, que naõ saõ de parar, & as tabolas; ou a ligeyreza, & forças corporaes, como a péla, & outros semelhantes. Só nestes, usados algumas vezes

sem

PARTE I. CAP. XXXVIII. 153

sem continuação, & com preço moderado, dizem que se pratica a urbanidade, & pôde haver honesto alivio; & deste usão os homens menos.

10 A terceyra especie consiste só no saber, como o Xadrez. 12 Este se deve entender, por se ter noticia de tudo, & saber se jogar, porém só mediocrementemente, pelo que logo diremos. Mas por tres razoes se não deve usar. Primeyra, porque leva muyto tempo: segunda, porque distrahe o juizo; & assim os Authores o prohibem aos estudantes, & Ecclesiasticos, pelos não distrahir do estudo, & cousas do espirito. 13 Terceyra, porque este jogo, dizem os Filósofos, & Medicos, que pertence à imaginativa; a qual por melhor consistir em mais calor, he contraria ao bom entendimento; por quanto este necessita de que o cerebro esteja composto de partes subtis, & muy delicadas, como diz Galeno; 14 & o muyto calor da imaginativa gasta, & consome o mais delicado, & deyxá o grosso, & terrestre; donde infere o doutissimo João Huarte de São João no celebre tratado de Exame de engenhos: 15 *El juego del Axedrez es una de las cosas que más descubren la imaginativa por donde el que alcançare delicadas tretas, y diez, ò doze lances juntos en el tablero, conre peligro en las sciencias que pertenecen al entendimiento, y memoria; são palavras suas: accrescenta: Si no es que haze junta de dos ò tres potencias, mas havia dito 16 que tal junta se não acha, senão por maravilha. Segue-se logo, que o jogador mediocre he de juizo mais perfeyto por ter imaginativa bastante, & sem tanto calor que offenda o entendimento; & quanto o jogador for melhor tanto he menos entendido; pelo que nos devemos abster deste jogo, porque sempre se vay perder nelle, pois quem ganha, se mostra de entendimento inferior, & quem perde, dá presumpção de mais entendido ao que o não he; sendo nella tão loucos os jogadores do Xadrez, que hum chamado Cayo, ou Lanio Julio, estando jogando quando o levavaõ para a morte a que estava condenado, tomou testemunhas de como tinha melhor jogo, porque o outro não disse que o tinha vencido; 17 & dar ao mais nescio presumpção de mais sabio, he cousa de que se deve fugir, salvo for por humildade fanta; cuydo que para exercicio della se permite este jogo dentro de alguns Conventos Religiosos, & não alcanço outra causa.*

12 Stephan. Cost. sup. ars. 2. n. 234

13 Puteus sup. ante n. 14.
Cacialopus de iudo n. 27.
Diximus in tract. Perj. 3. Doff,
quait. 9. n. 2. vers. questio.

14 Gal. L. art. med. c. 12.
João Huarte no exame de engenhos
c. 8. ad fin. vers. uel calor.

15 Huarte sup. c. 10. post med. v.
del ju go.

16 Idem Huarte d. c. ad fin. v.
del calor.

17 Refere Seneca Franc de Fu-
ensalida no trat. Soffego da alma
cap. 1.

CAPITULO XXXVIII.

Segundo exemplo, que a caça não he alivio, antes trabalho, & prejudicial à vida.

1 Semelhante engano ao do capitulo passado padecem os homens que se querem aliviar com a caça.

2 He verdade que he exercicio approvado nos moços 1 por

1 Plat de leg dial. 7. in fin.

por algumas razoens. Primeyra, porque usando de espías, ciladas, corridas, & chegadas encubertas, he semelhança, & escola da guerra. Os antigos differaõ, que nella se haviaõ creado Achilles, Ulysses, Diomedes, & outros heroes, & que por isto Cicero Rey dos Perlas fazia crear nella todos os nobres. 2

2 Xenophon. in Cyroped. l. 8.

3 Plin. de vir. illust.
Luc Flor. l. 2. c. 17.

4 1. Reg. 17. 34.

5 Plat supra.

6 Gen. 10. 9. Erat robustus venator.

7 Senec. Tragic. in Hip.

8 Ovid. de remed. amor. l. 1.

9 Manoel Severim de Faria nos discurs. polit. discurs. do exercicio da caça.

De Mithridates Rey de Ponto, do valeroso Portuguez Viriato, & de outros Capitaens famosos se lê, que tiveraõ o mesmo exercicio: & David para persuadir a Saul, que venceria o Gigante, lhe disse, que por suas mãos tinha morto muytes féras. 4 O que procede na que se faz de dia com trabalho, & forças; & não de noyte, ou com redes, & laços, como advertio Platon antes prohibio esta. 5

3 Segunda, que faz os homens robustos para qualquer trabalho. A Escritura sagrada 6 referindo que Nemrod era robusto, refere juntamente que era caçador; & em Cadmo, Teseo, & Hercules notaraõ o mesmo as letras humanas.

4 Terceyra, porque ajuda a castidade; por isso os Poetas faziaõ caçadora a casta Diana; & Seneca Tragic 7 introduz a Hippolyto caçador desprezar a desordenada affeyção de Phedra; & Ovidio 8 poz a caça entre os remedios do amor.

5 O erudito, curioso, & não menos virtuoso Manoel Severim de Faria, 9 em hum discurso que fez deste exercicio, louva nos caçadores a industria de domesticarem, & ensinarem não só os caens, mas tambem algumas féras, & aves de rapina, a servirem ao homem neste ministerio, caçando para elle, & trazendolhe à mão a preza. E adverte que tambem lhes devemos as noticias muyto uteis da natureza dos animaes, que dos caçadores alcançou Aristoteles para as escrever por mandado de Alexandre.

6 Mas tudo isto se alcança com mais trabalho que gosto. A recreação da caça he para Principes que tem coutadas aonde ha muyta: tem Monteyros que a vaõ emprazar para se achar facilmente; & muytos, & bons caçadores a que ella não escapa. Para os particulares não he a caça grossa, que corre muyta terra, & são necessarios muytos que a cavallo a cerquem, & sigaõ; ainda na miuda se desgostaõ muytas vezes, tomando pouco, ou nada, de que culpaõ varios accidentes: que sahio tarde, que havia muyto orvalho, que fazia vento, que os caens perdêraõ o faro, que a caça andava levantada, que a espingarda, ou polvora não era boa, que a terra era muyto cuberta; com que colheriaõ não haverem sahido de casa.

7 Em caso que succeda com gosto, mais custa do que val: tem a molestia de curar dos açores, & outros passaros: de sofrer caens com seu mão cheyro: de regalar os gaigos até com boa cama, & muytas vezes os mete o caçador na sua: a incommodidade de madrugar: cançasso de correr leguas: a pena de padecer as inclemencias do tempo: descuyda os homens do que mais lhes importa, como succedia a D. Favila Rey das Asturias,

PARTE I. CAP. XXXVIII. 155

10 & succedera a Dom Affonso IV. nosso Rey de Portugal, se não fora advertido por seus Conselheiros, 11 esquece-os da familia, & proprias mulheres, como disse Horacio; 12 & os faz agrestes, como notaraõ Seneca Tragico, Claudiano, & o nosso Camoens. 13 ElRey Mithridates chegou a não viver sete annos debayxo de telhado; 14 donde veyo Petrarca a notallos no credito, chamando-lhes ineptos para o politico, & amigos de tratar com feras, por lhes serem semelhantes; 15 pelo menos pouco credito se lhes dá nos successos que referem, porque costumão ser largos nelles. Horacio 16 faz menção de hum chamado Gargilio, que comprava javalis, & os levava pela praça mortos sobre hum mulo, porque se cuidasse que elle os matara. Finalmente em Acteon comido dos seus caens, allegorizaraõ os Poetas, que com o sustento dos caens, aves, caçadores, & outros gastos das caçadas se consume a fazenda; & foy a fabula originada de verdade, 17 como escrevem os Commentadores, & com outras razoes prova os mesmos inconvenientes o muyto curioso Doutor Solorzano em hũ dos seus emblemas.

18 He tambem a caça prejudicial à faude; porque ainda que Medicos antigos 18 a approvãõ pelos bens do exercicio, he muyto violento para as compreyçoens de hoje; a muytos cança, attenua até morrerem; outros adoecem com as calmas, frios, & chuvas: o que se come no monte, ou he frio, ou fóra das horas a que a natureza está habituada: se se não come, se satisfaz depois a fome com demasiada carga para o estomago; tudo isto causa cruezas, como os mesmos Medicos consideraõ tratando os dannos que faz a caça. 19 A isto se ajuntaõ os perigos em que morreraõ muytos; deixo o que os Poetas allegorizaraõ em Adonis morto por hum javali. Nas historias de Hespanha nos he exemplo ElRey D. Favila; 20 a que pudemos ajuntar nosso Rey D. Dinis morto por hum Urlo junto a Beja, se milagrosamente o não soccorréra São Luis Bispo de Tolosa; 21 & o illustre Cavalleyro Dom Fuas Roupinho despenhado no mar, se a Virgem Mãe de Deos o não livrara; 22 depois accresceraõ os das espingardas, que arrebentaõ cada dia.

9 De tudo se deyxaver, que seria gostosa, & util à vida a caça em que não houvesse as molestias, & inconvenientes que apontamos, o que he quasi impossivel, & sendo exercitada poucas vezes, & por horas que não cheguem a cançar demasiado; & de qualquer modo só convem à idade juvenil, como poem por regra Xenophonte; 23 & nessa idade diz elle, 24 que a exercitava Cyro, a quem procurou fazer exemplar de perfeyto Principe. E assim Virgilio, que não usou de palavra sem grande advertencia, quando referio a caçada com que Didido quiz festejar a Eneas, declarou que a ella hiaõ os mancebos escolhidos. 25 Com estas qualidades louva Santo Thomàs 26 o exercicio da caça; em outra maneyra (que he a que ordinaria-

10 *Marian hist. d. Hesp. l. 7. c. 3.º ad fin.*

11 *Duart Nunes na Chron. de Affonso IV.*

12 *Horat. l. 1. ode 1. Venator teneat eõjugis immemor:*

13 *Senec. Tragic. sup. d. Triculentus & sylvelter, & vix in scius de terra cælis.*

Claudian. in p. r. ad panegy. n. 6. consut Honorii.

Mentis tamen ad sylvas, & sua lustra redit.

Camoens Lusit. cont. 9 est 26. Que por leguit hũm seyo animal fe: o,

Foge da gente, & bella fórmã humana.

14 *Ravis. Text. in offic. p. 1. tit. venatores.*

15 *Petrarch de prosp. fort. dial. 31.*

16 *Horat. l. 1. Epist.*

17 *Ovid. Metam. l. 3. & ibi comment. Vianca n. 8.*

Solorzano emblema 33. ex n. 8.

18 *Mercur. in gymnast. l. 3. ca. 15.*

19 *Idem Mercur. sup. l. 6. c. 23.*

20 *Mariano sup. l. 7. c. 3.º ad fin. Brito nis Monarch. Lusit. p. 2. l. 7. c. 7. post princ.*

21 *Fr. Prax. Brandão na Monarch. Lusit. p. 5. l. 17. c. 21.*

22 *Brito sup. p. 2. l. 7. c. 4.*

23 *Xenophon. de venat. c. 2. de persona venator.*

24 *Idem Xenophon. in pad. Cyri l. 1.*

25 *Virg. Æneid. l. 4. It portis, jubate exorto, delecta juvenus.*

26 *D. Thom. opuscul. 2. l. 2. c. 6.*

27 In decretal. tit. de Clerico ve-
matore.

28 Petrarcb. d. dial. 31. Si ex hoc
voluptatem quandam, seu solum
temporis fugam querunt, utcum-
que stulti voti compotes forte cre-
se iuc.

nariamente se usa) a prohibem as Leys Canonicas aos Clerigos;
27 & em todos avalia o excellente juizo de Francisco Petrarca
por ignorancia, querer com ella passar o tempo, ou deleytar-se,
28 qualquer gozto que dà he a preço excessivo; as minas do
ouro se queyxaõ, se gastaõ mais do que rendem; & assim se en-
ganaõ os homens, que procuraõ aliviar com a caça as molestias
da vida.

C A P I T U L O XXXIX.

*Como os homens que procuraõ regalar a vida com comer,
a destroem: Trata-se dos excessos, & damnos da
gula, & da utilidade da temperança.*

1 **H**A homens que poem o regalo da vida no comer;
huns pela quantidade, outros pela qualidade dos
manjares.

1 Apud Text. in officina p. 2. tit.
gulosi Franc. in Camp. Elys. q. 98. n.
4. ubi refert alias Scriptores.

2 Na quantidade ha exemplos 1 que parecem incriveis.
Clodio comeo em huma cea quinhentos figos, cem pecegos,
dez meloens, vinte arrateis de uvas, cem tordos, & quarenta
ostras. Milon Crotoniense comeo de huma vez hum touro de
quatro annos. Hum Athleta chamado Theogenes, tambem de
huma vez comia hum touro. Phago na mesa do Emperador
Aureliano comeo hum javali, hum carneyro, hum grande leytaõ,
cem paens, & bebeo hum odre de vinho. Em Augusta no anno
de 1511. se presentou ao Emperador Maximiliano hũ homem
que comia hũ bezerro, & huma ovelha crua, & ficava faminto.
El Rey Mithridates naõ só comia, & bebia muyto, mas tambem
tinha constituido premios aos que comeassem, & bebessem mais.
Tal fome deu huma noyte, & taõ repentina a Cambyfes Rey
de Lydia, que comeo sua mulher. 2 Houve tempo em que os
Reys de Dinamarca mandavaõ enforçar excessivos comedores,
porque naõ gastassem o necessario para os moderados. 3

2 Cel. Rhodigin. l. 5. c. 19. & l. 7.
c. 11. Textor, & Franco. suprà.

3 Ex Olano, & Ab Krantio re-
fert Franco suprà n. 6.

4 Textor suprà.

5 Plin. l. 7. c. 56.

3 Dos bebedores naõ fallamos, por naõ manchar o papel
com tal vicio. Só referirey de Philoxeno, que desejava ter pes-
coço de grou para gostar do vinho com mais vagar; 4 bem dif-
ferente Destaphilo, filho de Sileno, que foy o primeyro que o
temperou com agua. 5

4 Posto que fossem admiraveis aquelles excessos, naõ fal-
taõ hoje alguns muyto extraordinarios, de que naõ convem es-
crever exemplos que conhecemos. Pelo costume em que este
se poem lhes he já a gula como natural, & cuydaõ que sem ella
naõ podem sustentar a vida; sendo que a natureza regulada se
accommoda, & alimenta com pouco. Deyxo, por miraculosas
as abstinencias de Moyses, Elias, dos sete Dormentes, & de ou-
tros Santos; deixo tambem o prodigio de outros, q̄ sem serem

Santos

Santos se sustentão sem comer, nem beber, naõ só muytos dias, mezes, & annos, chegando a dezoyto, & vinte, & quarenta & seis, como foy hum nobre Veneziano; & setenta & cinco, (que tantos dormio Epimenides) mas toda a vida; tantos, & taõ admiraveis, que nem ha lugar de fazer eleyção de alguns, nem de referir todos. Gaspar dos Reys Franco, Medico Portuguez eruditissimo, & curiosissimo, no livro justamente intitulado, *Campus Elysius jucundarum quæstionũ*, os ajuntou de varios Authores, & disputa como pòde ser naturalmente, apontando fêras, aves, & peyxes, em que succedeo o mesmo. E nosso doutissimo Padre Mendoga tinha já referido muytos. 6 Na Cidade de Londres, por discurso de mais de cinco annos, do de mil seiscientos & quarenta & hum, atè mil & seiscientos & quarenta & seis, continuou em minha casa hum moço Romano de nação, de vinte atè vinte & seis annos, que por experiencias que fazia por dinheyro, sendo fechado em hum aposento por espaço de trinta dias, naõ comia sennaõ seyxsos dos lizos, que se achão junto dos rios, taõ grandes como huma noz pequena; vinte pouco mais, ou menos de huma vez; causando tambem admiração o caberemlhe pela garganta com a facilidade com que os hia engulindo, sobre elles bebia hum copo de vinho, & logo descobrindo o estomago, batia nelle, & se ou viaõ bater dentro os seyxsos huns com os outros; dizia que os digerira em areã; era corpulento, naõ alto, de cor verdenegra, sem barba, mas tinha faude; casou, & a mulher, passados alguns mezes, se apartou delle, dizendo que era inutil; mais gostava de bons comeres, só comia seyxsos por ganhar dinheyro. Tornando eu a Inglaterra no anno de 1669. naõ achei noticia delle. Já nos naõ parece incrivel, o que Plinio, & outros 7 escrevem de gentes da India que naõ tinhaõ boca, & se sustentavaõ do cheyro das flores, & de outras a que sómente o ar, & o Sol eraõ alimento.

5 Sem milagre, nem prodigio sabemos, 8 que muyto depois do diluvio, os Arcadios comiaõ só bolotas: os Athenienses, figos: os Argeos, & Tyrencios, peros sylvestres: os Ethiopes, canas çumofas: os Carmanos, tamaras: os Meotas, & Sarmatas, milho: os Persas mastruffos, cardamo, ou tercbinto, que era fruto de huma arvore: os Argivos, maçans: os Medos, amendoas: os Indios, semente de huma herva: os Nomadas, Egetas, só bebiaõ leyte, que já era alimento melhor; & no tempo mais adiante com elle se sustentou Plinio sem comer, nem beber outra cousa em toda a sua vida. 9 Pelos annos de mil seiscientos & quarenta & tres, tive na Cidade de Londres quatro annos em minha casa refugiado da perseguição do Parlamento contra os Catholicos, hum Sacerdote finalado em virtude, de mais de noventaannos, Deaõ da fórmula de Cabido com que o Clero daquelle Reyno de Inglaterra se governava; o qual havia mais de doze annos que (por naõ poder) naõ comia, nem bebia, sennaõ cada dia quartilho & meyo de leyte de vacas quete, misturado

6 Franc.in Camp.Elysi. q.18. § n.7.
P.Mendoga in virid. l.4. probi. 24.

7 Plin. l.7. c.2. ad finem
Strab. l.15.

Cel. Rhodigin. antiq. l.8. c.24. § 11.
8 Ex Alex. ab Alexigenial. l.3. cap.1.
Pineda na Monarch. Eccl. l.1. c.18. § 2.

9 Alex. ab Alex. d. c. 11. Theophr. ast. apud P. Mexiana Sylva l.2. c.28.

rado com hum quartilho de mel, repartido em almoço, jantar, & cea; posto que de ordinario estava em cama por fraqueza das pernas, tinha taõ boa cor, & disposiçãõ, que me dizia que tinha disto escrupulo. Faleceu em minha casa de lhe faltara natureza. Na India, andando perdido por terra Joãõ da Nova Portuguez, com oytõ, ou nove peffoas, se sustentãõ nove dias sem comer, nem beber mais que cada hum em cada dia hum grãõ de anfiãõ, que he como pimenta, que levava hum Mouro da companhia; por usarem elles daquella prevençãõ para taes necessidades, & com isto chegãõ ao Porto do Achem. 10 Sorapan Medico douto 11 refere ser opiniãõ recebida, que só o cheyro do paõ quente sustenta; & com Rhodiginio, que Democrito no fim da vida se sustentou com elle quatro dias para fazer certos negocios; & que tendo-os feyto, naõ querendo viver mais, apartou o paõ, & espirou.

6 Quando os regalos começãõ a crescer em Roma, consistiãõ os banquetes só em ovos, & mel por primeyro prato; & em frutas, & mel, ou alfaces, & outras hervas por segundo; nos mais esplendidos se punhaõ legumes, & tal vez se comiãõ torados, ou outras aves. Depois se permittio gastar atẽ quatro arateis de carne em hum comer, (que entãõ era cea; & assim na cea poz Christo Senhor nosso o exemplo dos banquetes) & quem excedia, incorria em pena. A Ley Fannia feyta em Roma, sendo Consul Cayo Fannio, antes da terceyra guerra Punicã, mandou que em cada comer naõ houvesse mais ave que hũa gallinha, & que só nos dias de festa, que eraõ os Saturnaes, & de jogos publicos, se pudesse gastar em hũa cea atẽ dezaseis moedas de muyto pouco valor; & posto que a mesa fosse muyto parca, se naõ permittia levantar-se vasia, mas sempre haviaõ de ficar nella sobejos para o outro dia, nos quaes se mostrasse que se havia refreado o appetite. Quasi seiscẽtos annos atẽ a guerra Persica, naõ tiverãõ os Romanos paõ; comiãõ só papas de farinha de trigo, cevada, ou favas; & porque ainda naõ usavaõ mós de moinhos, tiravaõ a farinha em pizocns, ou em pias, como almofarizes, secando o grãõ ao fogo para se pizar; os mais regalados comiãõ bolos, ou biscouto que lhes faziaõ pasteleyros, que por isto começãõ; & porque elles mesmos pizavaõ, & tiravaõ a farinha, se chamãõ em Latim *pistores*. Depois começãõ as mulheres a fazer paõ; mas muyto tempo se naõ comeo fenaõ às ceas, & se alguma vez jantavaõ, comiãõ sem paõ, ainda que fosse carne. 12

7 Naõ he minha tençãõ persuadir tanta abstinencia, como dizia São Joãõ Chrysofomo: *Naõ prego jejum, nem haverã quem o ouça; mas reprovõ o luxo, corto as delicias por vossa utilidade.* 13 contentãrãme com a moderaçãõ dos Romanos, quando já senhores do mundo, cujos principaes comiãõ só tres iguarias, & em banquete magnifico chegavaõ a seis. Assim o ulava Augusto, o mayor, mais prospero, & excellente Emperador; &

10 Joãõ de Barros dec. 3. l. 5. c. 3.

11 Sorapan na Medicina Hes-

panhola. ref. an. 5. c. 1. c. 3.

Cel. Rhodigin. l. 21. c. 3.

12

12 Hec ex Alex. ab Alex. Gen. dier. l. 3. c. 1. & l. 3. c. 21.

13 D. Chrysof. hom. 54. ad pop. Antioch. in 5. tom. Non promulgo jejunium, nec cuius est qui audiat, sed tollo luxum, praecido delicias propter utilitatem vestram.

PARTE I. CAP. XXXX. 159

na verdade os melhores banquetes consistem no selecto, não na abundancia, & taes os fazia o discreto Emperador Tito. Entre as profissoens, & vicios do Emperador Heliogabalo se taxou haver dado em hum banquete vinte & cinco iguarias; 14 & hoje não se taxa em qualquer escudeyro dar muytas mais; a tanto tem chegado os excessos: os Athenienses disseraõ, que todos se lhes pegaraõ dos Asiaticos, com o ouro da Persia, quando puzeraõ em fugida a Mardonio: melhor disse Floro 15 que se introduziraõ em Roma pela prosperidade das Conquistas, & victorias; deprava-se mais nossa roim natureza cõ as felicidades.

8 Não só cresceo o excesso na quantidade, mas tambem na qualidade dos manjares. Dizem que Amatrites Rey de Assyria inventou as iguarias extraordinarias. 16 Quinto Hortensio, famoso Oraclor Romano, inventou comerem-se pavoens; Marco Apicio, tambem Romano, achou que a lingua da ave chamada Phenicoptero, era laborosissima. Vedio Pollio lançava escravos em viveyros de peyxes, porque lhe sabiaõ melhor sustentados com sangue humano. 17 O Emperador Vitelio em hum banquete deu hum prato guizado só de linguas, miolos, & figados de peyxes, & de certas aves, no qual pelas variedades q̄ se b̄ scáraõ, despendeo dez mil cruzados; 18 & hum irmaõ seu lhe deu em huma cea dous mil peyxes raros, & escolhidos, & sete mil aves da mesma sorte. 19 Clodio Esopo, Tragico riquissimo, deu hum prato avaliado em seiscentos sestercios, (cada sestercio tinha pelo menos dez mil reis 20) só de aves que cantaõ, fallaõ, gostando de comer cousas que imitassem o homem. 21 O Emperador Caligula gastou em banquetes grandes thesouros q̄ lhe havia deyxado Tiberio. 22 O Emperador Heliogabalo, se se achava perto do mar, não comia peyxes, se longe do mar, lho haviaõ de trazer vivo, por comer o mais difficil; comia cristas de gallos vivos, linguas de pavoens, & de royxinoes em grande quantidade. A todos seus criados, q̄ eraõ muytos, dava a comer animaes grandes recheados de muèlas, & figados de pavões, miolos de passarinhos, ovos de perdizes, cabeças de papagayos, & de faysscões. Quando na praça de Roma via vender cousas ordinarias, dizia que se lastimava da pobre Republica; tinha sinalados grandes premios a quem lhe inventasse iguaria nova; acodiaõ muytos ao ganho, & se a iguaria lhe não agradava, fazia que o inventor nunca comesse outra cousa; convidava para ceas de manjares nunca vistos; chegou a prometter a ave Feniz, ou mil libras de ouro por ella, & as pagou; mas tambem algumas vezes zombava dos convidados, dandolhes só em pintura; ou em figura de pão, marfim, pedra, ou barro o que elle comia, & fazendo-os beber a cada vista daquellas iguarias, como se as gostassem. 23 Vitelio inventou hũa iguaria de excessivo preço; que chamou *Escudo de Minerva*. 24 Elio Vero se prezava de inventor de hũa celebre empada composta de faissaõ, pavaõ, prezuato, & ubres de porca acabando de

14 *Hac etiam ex Alex. sup.*

15 *Luc. Flor. l. 4. c. 2.*

16 *Brito na Monarquia Lusit. l. 1. tit. 6.*

17 *Textor d. tit. gulofe.*

18 *Niceus in Vit.*

19 *Alex. ab Alex. d. l. 5. c. 21.*

20 *Cardoso de monet. Rom. ad finem dictionarii.*

21 *Plin. l. 10. c. 51.*

Alex. ab Alex. d. c. 11.

22 *Textor sup.*

23 *Lamprid. in Heliogabalo. Mexia na Sylv. de va. liq. l. 2. c. 29.*

24 *Alex. ab Alex. sup.*

25 *Spartian. in Elium ver.*

26 *Plin. l. 9. c. 35. ad fin.*

27 *Plin. d. c. 33. in fin.*

Val. Max. l. 9. c. 1. n. 3.

28 *Ab. 720 c. 44. n. 14.*

29 *Ælius Start. in vit. Geta.*

Alex. ab Alex. sup. l. 1. c. 11.

30 *Idem Alex. ibidem.*

31 *Aul. Gel. not. Attic. l. 7. c. 18.*

l. 14. c. 26.

Alex. ab Alex. d. l. 5. c. 21.

32 *Gel. ex Varro in Satyr.*

Menip. l. 13. c. 11.

Erasm. Chit. ad. 1. cent. 3. c. 97.

Athenens. l. 1. dinopso. hist. c. 1.

Hom. apud Alex. ab Alex. d. c. 21.

Plat. in sympo. apud Athenensum, &

Alex. sup.

33 *Septem convivium, novem*

convivium facere.

Alex. ab Alex. sup.

Horat.

Loens est & pluribus umbris.

parir. 25 Cleopatra, Rainha do Egypto, em huma cea que deu a Marco Antonio, gastou perto de quinhentos mil cruzados, da moeda que hoje corre em Portugal; & apostando com o mesmo Marco Antonio, quem daria outra mais custosa cea, bebeo hũa perola desfeyta em vinagre muyto forte, [que as desfaz) de duas que hum Rey do Oriente pessoalmente lhe apresentou, de valor incestimavel, por serem as mayores que se viraõ já mais; & querendo que o Romano bebesse a outra, Lucio Planio, Juiz da aposta, julgando que vencera, a estorvou, & partindo a perola em duas partes, fez arrecadas para a Deosa Venus, que estava no templo *Panteon* de Roma. 26 Cleopatra fez isto por grandeza; mas Clodio, filho do riquissimo Tragico, do mesmo nome de que acima fallámos, por gula, só por saber que gosto tinhaõ as perolas, já de antes havia feyto o mesmo, bebendo cõ amigos algumas preciosissimas que herdara de seu pay. 27 Na Escritura sagrada he celebre o banquete de Assuero, que descrevemos em outro lugar. 28

9 Davaõ-se banquetes de traças engenhosas. O Emperador Geta os dava pelas letras do A, B, C: em hum dia tudo o que começava por A, em outro o que começava por B, & assim até o fim. 29 Heliogabalo os distinguia nas cores dos manjares; & Lucullo pelos Deoses. 30 Havia huns que chama-vaõ *Amatorios*, em q se fallava lendo pelas primeyras letras das iguarias, & tambem ellas eraõ hieroglificos; hum prato de rolas significava faudades, ou queyxas; hum de pombos, ciumes; & assim outros.

10 No modo, materia, & esplendor das mesas: das bayxelas, serviço dos criados: no costume de comer deytado, em pé, ou assentado, & em outras particularidades encaminhadas a mayor delicia, houve em tempos varios differença em todas as naçoens; trataraõ isto miudamente, Aulo Gelio, & Alexandre ab Alexandro: 31 & relatallo fora escriptura prolixa.

11 Chegaraõ graves Escriptores a disputar quantos deviaõ ser os convidados a hum banquete. Gelio disse, que nem deviaõ ser menos de tres, nem mais de nove, Erasmo quer que sejaõ sete; Atheneo que sejaõ quatro, ao mais cinco; Homero louvava serem até dez; Plataõ se alargou a vinte & oytos. 32 He adagio antigo: *Sete fazem banquete, nove fazem tumulto de vozes.* Os que se chegavaõ sem serem convidados, se chama-vaõ *sombras*, 33 porque seguiaõ aos convidados, como as sombras aos corpos.

12 Finalmente huma selva dà mantimento a muytos Elefantes, & toda a terra o não dà a hum homem. Para fazer hum mappa do mundo em huma mesa, não só a terra concorre com o que tem, mas tambem do profundo das aguas se tiraõ os peyxes, & no alto dos ares se mataõ as aves, a que já não livra o seu voar, porque enfronhada em hũa espingarda as vay là buscar a gula, que cada dia cresce. Do estomago se faz orelha pa-

ra os passaros nascidos somente para cantar: sem horror se comem peyxes crus: gosta-se o ambar, & almiscar creado só para o cheyro: a arte com segunda natureza offerece as cousas fóra de sezaõ, neve no Estio, frutas no Inverno: só o que muyto custa sabe bem, 34 & porque tudo vem a enfastiar, disfarçaõ os cozinheyros as cousas para se gostar dellas. Do milagre de cinco pães, & dous peyxes, 35 disse hum douto 36 que o tinha por quasi igual em contentar a tantos appetites, como em fartar tanta gente.

13 Até cousas contra a natureza, & horriveis se appetiteem, come-se barro, terra, pão, carvão, lá, linho, estopas, cal, pedras, vidro, & por mais que os Medicos admoeftem, não se deyxá o mão costume. João Nieremberg 37 conta, que vio hum homem que gostava de ratos vivos; & que huma vez o vio comer hum gato vivo com sua pelle, & pellos; & que causava lastima ouvir gritar o gato, & elle hir comendo; & que via o que não cria.

14 Estes excessos, que os comedores chamaõ gosto da vida, são os que mais a destroem, & fazem miseravel. A muyta quantidade offende o juizo; 38 Bartholo, para o ter sempre igual, comia por medida. 39 Nutre os vicios, 40 empobrece a casa; 41 como a hum que não teve que comer, nem beber mais que pão, & agua, disse Plataõ: *Se não jantaras tanto, não cearas tão pouco*; & o diz [tomado em hum sentido] o refram Castelhano: *El mucho comer trae poco comer*. 42 Causa enfermidades mortaes, 43 de que se não convalece; 44 os Medicos trazem por exemplo Filogeno, Apicio, Melancio, Calamidade, Aristipo, & outros glotões, centros de doencas em toda sua vida; & Julio Cesar, que com abstinencia se livrou de gotta coral, & o Emperador Vespasiano, que com ella se preservou de enfermidades, & com não comer hum dia em cada mez. A muytos mata repentinamente, como lemos que matou a Domiciano Afro, q̄ morreo antes de se levantar da mesa em que ceava; ao Emperador Juviano, a Childerico Saxonio, & a outros innumeraveis, a que cada dia se ajuntaõ companheyros. Tem o demasiado comer a mesma força que o veneno; assim o entendeu o Emperador Septimio Severo, que querendo matarse desesperado com dores de gotta, tomou por expediente comer tanta carne mal cozida, que com ella no estomago morreo. 45

15 Assim tambem a variedade dos manjares, posto que em menor quantidade, corrompe o estomago; vemos que os Religiosos, & outras pessoas que a não usãõ, tem melhor saude. Massinissa Rey de Numidia comia só o simplez comer de hum soldado; a isto se attribue 46 ser tão robusto, que aos oytenta & sete annos de idade gerou hum filho, 47 & aos noventa & tres venceo aos Carthaginenses; pela mesma causa se diz, que Marco Valerio Corvino, sendo de cem annos, tinha força, & juizo perfeyto. 48 Faz a variedade famintos os poderosos, porque en-

34 Lucan. l. 4.
O prodiga rerum.
Luxuries, nunquam parvo contenta paratis.

35 Matib. 15. Luc 9. Joan 6.
36 Fr. Heytor Pinto nos dial. g. P. 2. d. al. 2. c. 12.

37 Nieremberg. hist. nat. l. 3. c. 9.

38 D. Chrysoft sup. Joan. tom. 21.

Cacalup. de modo stud document. 1.
39 Joan. Picha d. in vita Jurisconsulti. Dixim. in 1. act. Per. sect. Doctor qual 10. n. 4.

40 D. Ambros. serm. 4.
41 P. ov. 21. 17 Qui diligit epulas, in egestate erit: qui amat vinum, & pingua, non ditabitur.

Refer. Maxim. serm. 61.

42 Sorocian na Medicina Hispanola refran 2 no princ.

43 Ecclesiast. 37. 34.

Hippocrat. 2 aphorism. 17.

Avicen. 3. 1. c. 7.

44 D. Basil. l. de venunt.
Largamete 1. ata de touos estes damnos 1. r. D. ogo. Bistella no Tratado da vaidade do mundo p. 1. c. 64.

Putchzè P. Maximilian. Sandaus in Aviar.

Mariano orat. 3. cygnus, in med.

45 Sorapan. d. refran 2. & 3.

46 Senec. ep. 96 post princ. in l. 15.

Ex discordi cibo morbus est.

Sorapan d. refran 2. ad med.

47 Plin. l. 7. c. 14.

48 Ex Pier. refert P. Lyseux

Phitoseph. Christ p. 1. c. 13.

fastiados, já não podem comer senão o que se não acha; causa cuydado em o buscar, & até os ricos experimentaõ a despeza. Os Egypcios cortavaõ o ventre aos mortos, como em vingança dos males q̄ com seu appetite causáraõ a toda a casa, & a todo o corpo. Finalmẽte por comer perdeu Adam o Paraíso, Elau o morgado, o cunuco de Faraõ a vida: entre manjares vio El-Rey Balthasar a sua ruina, & se traçou a degollaçaõ do Bautista.

16 Por esta, & outras razoens que largamente consideraõ os doutos, 49 se disse q̄ a gula mata mais que as guerras; 50 para conservaçaõ das vidas, prohibiraõ varias Leys 51 os excessos nesta materia, & nosso Rey D. Sebastiaõ fez algumas. O Corifeo da Medicina Hippocrates aos que notavaõ o pouco que comia, & bebia, respondia: 52 *Eu como para viver, & não vivo para comer*; & viveo cento sessenta & nove annos, 53 já no tempo das idades curtas; mas nada basta para persuadir à mayor parte dos homens o que lhes convem; no que os mata poem a ignorancia as conveniencias da vida. Até Epicuro, que professou, & ensinou só regalalla, era no comer parcissimo; sustentava-se com papas, & agua, & algumas hervas; dizia, que o não fazia por virtude, mas porque lhe era delicia, & que apostaria felicidades com Jupiter, se tivesse isto sempre. 54

17 Até o comer com moderaçaõ nos dà trabalho. Para se ajuntar, hum cahe da arvore colhendo a fruta; outro adoece na caça por calmas, & por frios; a outro fere, ou mata a espingarda que arreventou; outro se afoga na pescaria. Maldita fome (exclama Santo Ambrosio, 55) que tantos males causa para satisfazer! Buscar, & fazer o comer, he huma occupaçaõ continua; foy simplicidade virtuosa de Fr. Junipero, Frade leygo da Ordem Serafica, cozer em hum dia todo o comer que o Convento costumava gastar em quinze, por se não divertir todos os dias da oraçaõ; 56 não advertia que se os Religiosos o comessem junto, nem por isso escusariaõ comer nos dias seguintes; & se o fossem comendo frio, o mimo, ou a malicia do corpo o não sofreria sem adoecer; tão penosa he esta occupaçaõ aos que tem, como aos que não tem; os que não tem, morrem de não comer; os que tem, morrem de comer.

18 Hippocrates 57 para atalhar estes danos, ensina que seja a medida conforme o que o estomago póde facilmente digerir; & sobre isso que se trabalhe: Avicena 58 aconselha, que sempre nos levantemos da mesa com algumas reliquias de fome; porém no conhecer isto mesmo está a difficuldade, & a mortificaçaõ; pois o corpo já mais se contenta com o que lhe damos, tanto appetee o superfluo, como o necessario, nem sofre abstinencia, nem abundancia, a fome lhe he insupportavel, a fartura perigosa; quanto se ha mister para o servir! que invençoens para lhe dar gosto! que medida para que não adoeça! grande ignorancia he presumir que se podem aliviar as penas da vida com meyo em que he impossivel acertar.

49 D. Chrysof. serm. contra lux.
& caput. som. 5. & serm. seq. contra gul.

Sorapan d. ref. an. 2. & 3.

P. Franc. de Cast. o na Reformaçam
Crist. trat. 5. & 6.

50 Gula plures occidit, quam gladius Paris de Rep. l. 5. c. 8.

51 Refere as Alex. ab Alex. d. l. 3. c. 12. od. fin.

52 Refere Sorapan d. ref. an. 2. post med.

53 Diremos no cap. 46. no fin.

54 Alian. var. hist. l. 4. c. 13.

55 D. Ambros. serm. 4. Quanti peccantur, ut nobis quod delectare pareat? suavelta fames vestra: suavelta luxuries.

56 P. Fr. Marcos de Lisboa na Chron. de S. Francisco p. 1. l. 6. c. 41.

57 Hippocrat. 6. popul. 4. 20. & l. 3. de diet. & l. de veter. medic.

58 Avicena sen. n. 3. doct. 2. c. 3.

CAPITULO XL.

Como se enganaõ os homens nas commodidades que imaginaõ nos officios da Republica. Trata-se dos males da privação com os Principes.

1 **I** Maginaõ muytos, q̄ feriaõ felices se tivessem officio na Republica. Representa-se aquelle lugar com abastança do necessario para o sustento: respcytado de todos: gozoso no governar: & por mil vias huma bemaventurança. Que grande engano! he pirola dourada; alguns que vendêraõ fazenda para comprarem officios, vi bem arrependidos, não se conheceo que não se experimentou: quanto o cargo he mayor, mais penaliza.

2 O ministro de muyta occupaçaõ (que he o que mais se defeja fer, porque nos outros não se imaginaõ aquellas felicidades) he servo publico: sendo de todos, não he seu: perde o proprio por cuydar do alheyo: faz das noytes dias sem dormir: não tem tempo para comer: tem quando outro só meya vida, como hum daquelles dous irmãos celebrados nas fabulas.

3 He paga desta servidaõ a perda dos amigos, (se algum havia) por não ser possivel fazer o que elles querem: a lingua dos censores, que nenhum ministro achaõ bom senaõ depois que o successor o acredita; a mà vontade dos descontentes, que não põdem faltar, & mais gostaõ de se queyxarem injustamente, que de serem despachados: como o pertendente da Piscina, q̄ perguntandolhe *Christo* Senhor nosso se queria saude, não respondeo quasi, mas queyxando-se que não tinha homem; 1 sendo que padecia por sua doença: 2 ninguem cuyda que não tem justiça, mas que falta homem que lha faça; se lha fazem, não só não agradece, mas tem por razaõ de estado, dizer que merecia mais: dos muytos, que se despachaõ, he impossivel que não vaõ alguns com favor; & he cousa notavel, que nem hum só dê graças: (fallo com experiencia) entre os dez leprosos, que farou o *Senhor*, se achou hum agradecido, 3 & entre dez mil destes, nem hum se acha.

4 Sobre tudo, tal vez não pende sua conservaçaõ de seus procedimentos, mas da fortuna de algum amigo grande; por ser costume das Cortes cahirem com elle seus bem affectos, só pelo serem. 4

5 Que gosto põde haver em tacs officios? o fazer bem aos que se fingem amigos, he semear ingraticidões, gloriarse de que o venerem, he jactancia do animal, que levava a Deosa; 5 não he isto mais que hum cadafalso ornado ricamente, cuja apparen-

1 *Jean. 5. 6. & 7. Vis sanus fieri? Respondit ei languidus: Domini, hominem non habeo.*

2 *Jean. sup. n. 5. In infirmitate sua.*

3 *Luc. 17. 15.*

4 *Notem o P. Hortencio no sermão da volta da Virgem do Egypito §. Muerto al fin Herodes, tom. 2. das Oraçoens Evangelicas.*

5 *Difsemos no cap. 34. n. 10.*

apparencia leva os olhos do vulgo, que não considera o que alli se padece. Ou como os Gigantes q se leuão em procissão muy vistosos, & ornados com magestade: & o que não apparece he hum homemsinho cançado, & suado de levar aquella grandeza sobre seus hombros. A experiencia he muyto diferente da imaginação.

6 Ser primeyro Ministro de hum Reyno, privado, & valido do Rey, ser hum secretario muyto intimo, ou outro Ministro muyto favorecido, avaliou hum Author por felicidade sobre a fortuna; 6 mas como por fado, he raramente duravel; 7 dis-lo mesmo se segue sua ruina: o que chegou ao mais alto, caminha naturalmente à declinação, & de mais alto se dá mayor queda; são estes como tartaruga, a que a Aguia levantou sobre os ares para deyxar cahir, & despedaçar sobre hũa pedra, com que tal felicidade vem a ser nada. *Nada me pedistes ategora*, disse Christo Senhor nosso a seus Discipulos; 8 & os Zebedeos lhe haviaõ pedido a sua privança, como a Rey da terra. 9

7 He a privança, ou favor, navegação como Seneca disse a Lucilio; 10 ninguem se fie de bonança; em hum momento se revolve o mar, & em hum mesmo dia se forvem os navios aonde galhardos navegavaõ: depende-se de muytos ventos, não só da graça do Rey, mas de todos os Principes da Casa Real, se os ha, que ordinariamente sopraõ a diferentes rumos, & podem muyto; he triste cousa pender da vontade alhea: & niagueu pòde servir a dous senhores, 11 & menos a mais, he necessario o mais destre Piloto, que por instante mude os rumos, pela menor nuvem conheça a mudança, & anticipadamente colha as velas atè passar a borrasca. Ha nesta navegação infinitos perigos, cachopos, & bayxos.

8 O primeyro, quando o navio por demasiadamente veleiro vay dar nos penhascos da ambição, & soberba, 12 como os de Aman, 13 & Sezano; 14 atè Anjos naufragaraõ nelle. 15 Só hum David favorecido soube humilhar-se: 16 & El Rey Theodorico o louvou por novidade em seu favorecido Senario. 17

9 O segundo he o bayxo da cobiça, posto que seja só pela via licita de adquirir mercês: Scylla, & Carybdis, em que de ambas as partes se periga. 18 De huma se chama inconveniente em não accrescentar a casa; de outra em despertar a inveja; bastou que Nabucodonosor as offerecesse a Daniel, recusando-as elle; 19 para ser perseguido atè o lançarem a Leoens. 20 Por façanha de Cassiodoro seu Secretario, ou privado, contava El Rey Theodorico, que moderando tudo com igualdade, nem deyxara a graça do Principe ociosa, nem se aproveytara della com demasia: 21 aceytou testemunho de seus serviços, & da magnificencia Real; mas não occasionou, que o povo encaresse suas riquezas, quando chorava as proprias miserias; não privou a virtude do premio, cujo exemplo anima outros a

seg uilla

6 *D. Rodrigo Bispo de Camora de laud. Curtot. Cum Regibus verò amicari supra fortunam est.*

7 *Tact. an. at. l. 3. Facta potètiæ ratio sempiternæ.*

8 *Matth. 10. 21.*

9 *Nota Pr. Heytor Pinto dial. 5. c. 1. in 2. p.*

10 *Senec. l. 1. ep. 4. Noli huic tranquillitati confidere, momento mare vertitur, eodem die ubi luserunt navigia forbeantur.*

11 *Matth. 6. 24. Nemo potest duobus dominis servire.*

12 *Esther c. ult. n. 2. Multi bonitate Principum, & honore, qui in eos collatus est, abusi sunt in superbiam.*

13 *Esther c. 3.*

14 *Tact. annal. l. 4.*

15 *Har. 14. 13.*

16 *1. Re. 18. 23.*

17 *Apud Cassiod. l. 4. ep. 4. Hæc amplius commendabit humilitas, quæ tam clara, quam rara est: novum est enim sub auro Principis custodire modestiam.*

18 *Ovid. Metam. l. 10.*

19 *Dan. 2. 48. & 69.*

20 *D. n. 6. & 14.*

21 *Cassiod. l. 1. ep. 1. Equitate cuncta moderatus, gratiam nostram in se non reddidit otiosum.*

seguilla; 22 mas não fazia ostentação que convidasse oppo-
scoens: 23 Daniel pedio para Sidrach, Misach, & Abdenago
os lugares q̄ ElRey Nabuco lhe dava. O Conde da Castanhey-
ra privado delRey D. Joaõ III. de Portugal, pedindo o fenhor
da Azambuja licença para vender aquella Villa para se desem-
penhar, & offerecendo ElRey a licença ao Conde para que a
comprasse, pela conveniencia de estar junto das suas terras; el-
le persuadio a ElRey, que não consentisse na alheação de tão
antiga Casa, antes ajudasse ao Fidalgo para compor seus acre-
dores, como ElRey fez. O Duque de Lerma valido de Filippê
III. de Castella, quando ElRey lhe fazia mercè, procurava que
juntamente fizesse outras a benemeritos por não ser unico, por
todas as traças ha de trabalhar o pobre valido para se não per-
der neste bayxo.

10 O terceyro está no conselho que deve dar ao Principe
que d'elle se fia; porque aconselhar parece superioridade de en-
tendimento; & esta se não gera odio, causa dissabor, como suc-
cedeo a David com Saul; 24 & temeo o prudente Portuguez,
quando vio que a carta q̄ elle fizera, parecêra melhor a ElRey,
q̄ a feyta pelo mesmo Rey. Pelo q̄ diante do Rey não queyras
parecer sabio, adverte o Ecclesiastico: 25 o celebre Secretario
de Estado Antonio Peres dizia que mais lhe valera no Paço hir
arrojado as chinellas (q̄ entaõ se usavaõ) ao som de seu descuy-
do, q̄ quantos bons pareceres havia dado. Com medida se devem
largar, ou amaynar as velas do talento, segũdo a occasião, usan-
do sempre de modestia; com isto se conservou Ephestião na pri-
vação de Alexandre: & ElRey Theodorico louvou seu mini-
stro intimo de saber fallar, & callar ao seu tempo. 26

11 He outro bayxo que necessita de fonda, a inclinação do
Principe na materia de que se trata; porq̄ se o conselho for con-
tra sua vontade, ou opiniaõ, se expoem o ministro a perderse.
He verdade q̄ perguntando os Reys, Nabucodonosor, & Bal-
thasar a interpretação de seus sonhos a Daniel, & respondendo
elle a hum que se converteria em bruto; a outro, que cedo se
acabaria seu Imperio: quando de desenganos tão amargos pu-
dera esperar rigores, o vestiraõ de purpura, & fizeraõ Presiden-
te supremo: 27 & tambem ElRey Dom Joaõ II. de Portugal
disse que fazia mercè a Dom Joaõ de Menezes, porque sempre
lhe fallára verdade, ainda que fosse contra seu gosto; 28 po-
rêm são raros exemplos. Ordinariamente gostaõ os Principes
de que os enganem; & avaliaõ por delicto encontrar seus di-
ctames. Cyro matou os filhos de Herpalo, & lhos deu a comer,
porque o advertio de certo vieio; Cambyfes a hum privado,
porque o avisou de que o notavaõ de inclinado a vinho; Ale-
xandre a Calistenes, porq̄ lhe disse que se inclinava demasiada-
mente aos costumes da Persia; & com tudo não pôde o mini-
stro valido, & Christaõ deyxar de aconselhar na verdade; cha-
ma-se amigo, 29 (não podendo entre pessoas tão desiguaes ha-
ver

22 *Cassiod. l. 2. ep. 56. Nutriunt enim proximi exempla virtutes.*
23 *De praxari cupit qui thesaurum publicè portat in vlla. D. Greg.*

24 *1. Reg. 18.*

25 *Ecclesiast. 7. 6. Penes Regem noli velle videri sapiens.*

26 *Apud Cassiod. l. 4. ep. 6. Subgenii nostri luce intrepidus quidè, sed reverenter a stabat, opportunè tacitus necessariò copiosus.*

27 *Dan. 2. & 4. & 5.*

28 *Rezende na Chron. de Dom Joaõ II. c. 141.*

29 *1 Paralipom. 27. 23. Chusak Archites amicus Regis.*

3 Reg. 4. 5. Zabud filius Nathan Sacerdos amicus Regis. Tacit. Annal. 1. 3. Junius Rusticus dilectus à Cætare. D. Rodrigo supra. Cum Regibus amicavi, &c.

30 Fr. João de S. Maria na Rep. & Polu. Christ. c. 31. no princ.

31 Cassiod. l. 1. ep. 4. Est nimirū cutarum nostrarum felix portio, januam nostræ cogitationis ingreditur: pectus, in quo generales curæ voluntur, agnoscit.

Disse El Rey Theodorico de seu privado.

32 Vide Tacit. Annal. l. 13. ante meū fallando de Agripina: & abi D. Balthazar de Atamos ephorismo 98.

33 Daniel. 6.

34 Liber, cui titulus, Imago Regis Caroli, c. 2.

35 Homo est animal sociabile.

36 Joan. 21. 20.

37 Joan. 20. 27.

38 Comines nas memórias da vida de Luis XI. tom. 1. c. 91.

39 Q. Curt. in Alex. l. 8. paulo post princip.

ver amizade 30) só pela sinceridade com que devia fallar. 31 Só pôde, & deve navegar com todas as velas do zelo; mas com huma só hir payrando, & sondando; representando com industria os inconvenientes, sem avançar muyto, & entretendo a execuçaõ, até ver se acalmado o mar do appetite, se dà lugar a outro parecer. Mas finalmente quando não basta, não ha de recusar ser victima gloriosa. Que regalo se pôde librar em tantos riscos?

12 Talvez (& he quinto bayxo, ou cachopo) acha ao Rey com pouco agrado, ou por calumnia dos emulos, ou por accidente da condiçaõ humana; & escurecendo-se aquelle Sol, não pôde o favorecido tomar a altura em que está. Então lhe convem não mostrar que vê a nuvem, mas simular alegria; porque se as scintinellas da Corte notarem novidade, sem perderem occasiã, tiraraõ a mascara para o descomporem, 32 & nem sempre a graça Real pôde defender; a de Dario não bastou a Daniel para deyxar de ser lançado aos Leoens, porque os vassallos o ameaçaraõ, se o não entregasse; 33 nem a de Carlos I. Rey de Inglaterra pode livrar a cabeça do Conde Estrafort; 34 & em outros se vio o mesmo.

13 Igual perigo ha, quando os Reys, suspendendo hum pouco a authoridade, se humanaõ em particular; o que não podem deyxar de fazer muytas vezes; porque a dignidade não lhes tirou o serem sociaveis, 35 nem os fez taõ soberanos, que sejaõ intrataveis: pois Christo Senhor nosso permittio a hũ Discipulo descançar sobre seu peyto, 36 & a outro meterlhe a mão no lado; 37 & o que he commodidade a homem, he necessidade no Principe; porque os mayores cuydados pedem mayor alivio. 38 Nestas occasioens. se o que tem tal privança não for festival, se fará aborrecido; se for muyto facil, aventurará a authoridade necessaria para q̃ o Principe o estime; he volatim sobre maroma, que faltandolhe o equilibrio, cahe do alto. Se se offerece (sem affectaçã) dizer huma graça, não deve arriscar a gravidade por ostentar engenho: deve dizella com decõro que o acredite de cortezaõ sem nota de jovial. As agudezas não haõ de ser mordazes, porque a menor palavra de hum valido tem grande pezo: dos Cardeas Richelieu, & Mazarini, privados insignes de Luis XIII. Rey de França, se dizia que tinhaõ para isto hum molde com que nenhum outro acertava.

14 Nas praticas ordinarias com o Principe não faltaõ perigos; porque o privado Christãõ deve nellas louvar as virtudes de outros Principes, que possaõ servir de exemplo; mas sem as encarecer tanto, que occasionem inveja, que se satisfaça no mesmo privado; como succedeo a Clito muyto favorecido de Alexandre, que louvou tanto a seu pay Philippe, que lhe custou a vida; 39 o mesmo perigo ha em affear os vicios, (sendo tambem obrigaçaõ Christã) he necessaria industria, principalmente

mente, fallando-se de alguma que o Principe seja inclinado; porque o tomará por reprehensão disfarçada, & grangeará a borrecimento. Nathão deu lição excellente usando com David o rodeyo da parabola sem entrar logo reprehendendo. 40

15 Estes, (que são os principaes) & outros muytos riscos ameaçaõ naufragio immediatamente com o Principe. Por outras vias são tantos, que se offerecem até pelos amigos; & assim se deve grande cuydado à sua cleyçaõ; os que se tomaõ, ou confirmaõ nas felicidades do Paço, raramente são fieis; assim como seguiraõ esta, seguiraõ outra, se se lhes represẽtar mayor, & com capa de amizade são cintinellas. Devem-se preferir os antigos, porque são mais interessados na conservaçaõ, entendendo que se vier outro valido, se não fiará delles. Destes os mais virtuosos, & sabios, cuja communicaçãõ acredita, & en-
 41 Os parentes não são os mais leaes, antes os mais invejosos: ao Duque de Lerma tirou a privança del Rey Philippe III. de Castella o Duque de Useda seu filho; & ao Conde Duque cahindo da de Philippe IV. succedeo Dom Luis de Haro, filho de sua irmã.

16 No tomar conselho com os antigos tambem ha perigo; porque conjecturada a inclinaçaõ do privado, arrasta os pareceres como primeyro mobil. Logo que Mardoqueo Judeo privou com El Rey Assuero, muytos Gentios se fizeraõ Judeos: 42 porque Eutropio privado do Emperador Arcadio era eunucho, se castrãraõ muytos homens barbados, do que alguns morrerãõ. Tiberio não quiz que seu sobrinho Druso votasse primeyro no Senado, por não torcer o juizo aos Senadores: disto nasciaõ muytos erros ao Conde Duque valido de Philippe IV. antes de aconselharem, se conhecia sua vontade, & todos a seguiaõ.

17 No ponto dos amigos he huma grande confusaõ que quer o Principe que o valido ame aos que elle ama; & muytas vezes são não só os menos affectos ao valido, mas os prejudiciaes ao lado Real por mãos costumes, ou por outras razoens. Se contemporiza, cuyda-se com descredito, que verdadeyramente os estima, & que tolera aquelle damno ao bem do Principe, que devera zelar: se faz o contrario, offende-se o Principe, achando contradicãõ à sua vontade. O remedio he apartallos para longe, com pretexto de utilidade em algũ bom posto; mas succede, nem querer elle, nem o Principe, & ser labiryntho sem sahida.

18 Até nos criados periga o Ministro. Que importa que o Profeta Eliseu não receba as dadas de Naaman, se seu criado Giezi sahe ao caminho a pedir-lhas? foy necessario ao Profeta castigallo com lepra, para purgar a suspeyta de que sahira por seu mandado. 43 Peccaõ com authoridade dos senhores; daõ mãs repostas, se lhas não compraõ boas negaõs entradas fingindo que tem ordem; & senhor, que não he Profe-

40 2. Reg. 12. in principio

41 Psalm. 17. v. 27. Cum electo electus eris: & cum perverso perverseris.
 Proverb. 13. 20. Qui cum sapientibus graditur, sapiens erit: amicus stultorum, similis effietur.
 Seneca latè, epist. 109.

42 Esther 3. 17.

43 4 Reg. 5.

Profeta, não adivinha para se mostrar sem culpa, disse Plinio a Trajano; 44 que sendo cousa magnifica a hum grande ser virtuoso, mais he fazer que o sejaõ os criados: quem acabará tal façanha? & vay nella muyto aos Ministros: o Duque de Lerma não era notado pelo que recebia, (para o que tinha licença delRey) mas pelo que recebiaõ os criados; & ao Conde Duque se dissimulavaõ faltas, porque procurava que seus criados não recebessem.

19 Mas estes, & outros perigos são pequenos comparados com a tempestade dos Cortezãos; tão perigoso he ser amado, como odiado do Principe. Os Principes tem a desgraça de não poderem amar à sua vontade como os outros homens; cuydaõ os vassallos que só haõ de amar por seu voto: vem logo a inveja cintinella das felicidades alheas; 45 doença natural aos homens, 46 que não se evita com a modestia, antes cresce com as virtudes: 47 & entre iguaes qualquer ventagem se tem por crime: todos querem mandar; mas a quem, se nenhum quer obedecer? & se todos mandarem, todos serão servos. 48 Se todo o mundo (diz S. Pedro Chryfologo 49) foy estreyto a dous irmãos, Caim, & Abel; como o não será hum Paço a tantos estranhos entre si? o mesmo he favor do Principe, que odio da Corte: o mesmo, grande fortuna, que grande inveja: o mesmo invejado, que calumniado; & pela calumnia se vay à ruina: Cataõ, porque era varaõ grande, foy quarenta vezes accusado, & custoulhe muyto ser outras tantas absoluto. Qualquer mão successo ao publico, he fogo na polvora; arrebentaõ as minas, querem os emulos que o valido seja Deus da fortuna. As acçoens dos mãos ministros inferiores se lhes imputaõ como a participante com o Principe no erro da eleyção, ou na culpa da paciencia. Toda a cortezia, toda a affabilidade, todo o bom animo, toda a prudencia industriosa, & observação dos documentos, ou daquelle excellente Lelio Peregrino, ou de quaesquer outros grandes mestres, 50 nada basta contra a emulação.

20 Finalmente o officio de hum favorecido, quanto a tratar com o Principe, compára Santo Ambrosio 51 aos que compraõ Leõens, & Ursos para os mostrarem por dinheyro, & sempre estaõ em temor, notando se se enfurecem para se acautelarem; & tal vez perecem por não poderem fugir; & São Pedro Chryfologo 52 disse, que *com serpente ninguem trata seguro*. Não vós fieis dos Principes, aconselha o Psalmista: 53 sejaõ exemplos Joab morto por recommendação de David: 54 Aman enforcado por mandado de Assuero: 55 Parmenião, & Clito; mortos pelas mãos de Alexandre: 56 Sejano feyto prodigio da desgraça por Tiberio: 57 Caligula fez matar a quantos privados, & amigos tinha: 58 Nero mandou matar a Seneca, concedendolhe por favor, q̄ escolhesse o genero de morte: 59 Justiniano fez tirar os olhos a Belizario, & o obrigou a acabar

44 Plin. in Paneg.

45 Alan. de plant. natur. Invidiæ motus, alienæ felicitatis exen-
bix.

46 Tacit. hist. l. 2. Infitum est
mortalibus naturæ, &c.
Notat. com. hist. l. 11. Est morbus
quidam prope nativus certè com-
munis.

47 Divinos na 2. p. v. 1.

48 Tacit. Annal. l. 2. ad med. Nam
si vos omnibus imperitare vultis,
sequitur, ut omnes servitutem acci-
pian.

49 Chrysol. serm. 4.

50 Carta do Peregrino Estanislao
Borbio. Philip. Camerar. 3. succes. c.
56. & 57.

Philip. de Comines. l. 10.

51 D. Ambrosio in Psalm. 104.

52 D. Petr. Chrysol. serm. 155.
ad fin.

Nemo cum serpente securius ludit.

53 Psalm. 145 v. 2. Nolite confi-
dere in Principibus.

De quo Solozan emblem. 59.

54 3 Reg. 2. 6.

55 Esther 7.

56 Q. Curt. d. 1. 8.

57 Tacit. Annal. l. 5.

Pedro Martoço na sua vida.

58 Sueton. & Dion. Cassius.

59 Tacit. Annal. l. 15.

João Pablo Martyr, Rife na vida
de Senec.

acabar mendigando. 60 Em Hespanha nos deraõ exemplos, a cabeça de Dom Alvaro de Luna, privado de Dom Joaõ II. Rey de Castella; 61 & a de Dom Rodrigo Calderon, muyto favorecido de Filippe III. Omitto o Condestavel Momoransi em França, o Conde de Essex em Inglaterra, Frysland em Alemanha, & outros successos; porque trazer todos fora infinito.

60 *Florescal. hister. p. 2 c. 3.*
61 *Marian. hyst. de Hespania tom. 2. l. 22. 12. & 13.*

21 Quanto aos Vassallos, ainda que o grande Ministro faça milagres, he perseguido das mãs vontades dos descontentes, das impertinencias dos zelosos, das censuras dos ociosos, & da diversidade de opinioens, que he impossivel concordar. A' sua affabilidade haõ de chamar engano: ao desinteresse, hyapocrisia: à rectidaõ, severidade: à justiça rigor: ao sofrimento, remissaõ, à brevidade dos despachos, precipitaçaõ: ao tomar conselho, irresoluçaõ: ha de ser murmurado nas casas de jogo, nos lugares de conversaçoes, dentro do Paço, & atè nos pulpitos se ha de conceytuar, arrastando textos sagrados, para provarem que he malissimo homem.

22 Se houvera juizo perfeyto, & se acharaõ valimento em hum caminho, ninguem o levantára; todos se lembrariaõ do proverbio que dizia: *Quem està mais perto de Jupiter, està mais perto do rayo.* 62 Todos considerariaõ que o Principe he Sol no seu Reyno; naõ só porque alumea, mas tambem porque ordinariamente as boas, ou mãs fortunas, saõ effeytos de sua visitança, ou distancia; faz em huma casa Laverno, ou Veraõ, com mais liberdade que o Sol celesste, pois sem seguir regra, adianta, ou retarda os tempos, & os frutos, causando abundancia, ou esterilidade. Quem puder, naõ ha de viver taõ longe deste Sol que se gele, nem taõ perto que se abraze; tanto, ou mais padecem os de Guinë entre ardores, como os de Suecia entre neves; serà maravilha naõ ennegrecer aos que muyto aquecenta: outros comparaõ o Principe ao fogo, encomendando a mesma mediania aos que se lhe chegaõ. 63

62 *Erasm. in Adag. ex Diogeni*
Proximus Jovi, proximus fulguri;
Vide Solorzani. emblem. 57.

23 Mas tantos documentos, & experiencias naõ desenganaõ, sempre ha quem compre este cavallo Sejano, & este collar de Erifile, no engano de sua gentileza, & luzente pedraria, sem advertir nos defastres de todos os que os possuirãõ. Parecem-se estes ambiciosos ao que podendo-se livrar dos açoutes a que foy condenado, consentio na sentença, por querer provar como sabiaõ, & o peyor he, que os achaõ doces, pois se se vem livres daquella miseria, he chamaõ *cabida*, & procuraõ recobralha, mão gosto, & ceguyera do peccado.

63 *Stob. ferm. 43.*
Solorzani. emblem. 58.

¶ Mas nem he bastaõ para contentar a todos. Aõs
justo cambio cruel: ao clemente, troço: ao liberal, prodigo:
ao victorioso, temerario: ao humilde, dixinho que não he
de o uno tem, que xão se de que não ha dum os outros, do
dele

CAPITULO XLI.

Que nem com reynar se aliviaõ, antes crescem os trabalhos da vida.

OS Reys a que Plataõ, ¹ & outros Filozofos chamaõ mairaõ compostos de materia de ouro: divinos entre os homens: eminentes à natureza: fabricados pelo melhor Artifice à semelhança de si mesmo: ² obra unica, imagem do soberano Monarca: familiar a seu Creador: luz entre os subditos: ³ cujo officio dizem os Politicos, ⁴ & as letras sagradas ⁵ que he ministro, simulacro, & substituto do summo Governador, & que se deve obedecer, & respeytar, como Viso-Rey de Deos; aquelles taõ venerados de algumas naçoens na antiguidade, que hum Persa mandado açoutar por seu Rey, lhe deu graças por se lembrar d'elle; ⁶ estes digo que na terra parecem Semi-Deoses, não tem a vida privilegiada.

⁷ Basta para provar não serem izentos das enfermidades, & dores commuas a todos os mortaes; como ferido de huma setta confessou Alexandre Magno, ⁷ contra a presumpção que tivera de se fazer filho de Jupiter. Mas passemos ao em que estaõ de peyor condição que os outros homens.

⁸ Tem o trabalho de deverem ser melhores q̃ os subditos; como dizia Cyro Rey de Persia; & por esta razão Alexandre perguntado quando morreo, a quem deyxava por herdeyro de sua Monarquia, respondeo que ao melhor; ⁸ & a coroa de ouro, com que sobre as de prata, & ferro, he coroado o Emperador de Alemanha, lhe mostra que nos quilates da virtude, deve exceder aos outros homens, como o ouro excede aos outcos metaes. Quanto isto lhe importe, expendemos em outra parte, ⁹ aqui basta apontar, que hum Principe se deve recear do melhor reputado, & não do que tiver peyor nome; pelo que o grande Rey Theodorico chamava á boa reputação, Theouro dos Principes. ¹⁰

⁴ Desta boa fama deve o Rey ter mayor cuydado que os outros homens, porque o resplandor que o acompanha, descobre mais seus procedimentos. A terra, dizem os Poetas, ¹¹ se fez fecunda de linguas, para publicar os defeytos del Rey Midas; qualquer fama que alcançar ha de ser grande à proporção da dignidade, dizendo mais do que for, ¹² principalmente no mal, a que a censura he mais prompta; o que nos outros for nuvem, nelle serà eclipse.

⁵ Mas nem lhe basta ser bom para contentar a todos. Ao justo chamaõ cruel: ao clemente, froxo: ao liberal, prodigo: ao valeroso, temerario: se tem valido, dizem que não he senhor: se o não tem, queyxaõ-se de que não ha quem os ouça; do que

Abfalaõ

¹ Plat. de Rep.

² Esbantes apud Stob. serm. 47.

³ Stob. in admonit. ad Reg. serm. 48.

⁴ Plutarch. de doct. Princ. & l. de disput. Philozoph.

Diotagen l. de Reg.

Simano de Rep. l. 3. c. 6.

⁵ Matib. 2. 21. Marc. 12. 17.

Paul. ad Rom. 13. à n. 4. Petr. ep. 1. c. 2. à n. 13.

⁶ Stob. serm. de leg.

⁷ Plutarch. in Alex. ante med.

⁸ D. Curt. de reb. Alex. l. ult. Ei qui cunct optimus.

⁹ Na karm. Polis. p. 2. §. 1.

¹⁰ Apud Cassid. l. 9. ep. 23. Hoc verè thesauris reponimus, quod famæ commodis applicamus.

¹¹ Ovid. Metam. l. 11.

Natal. Com. mykol. l. 9. c. 15. in fine.

¹² Senec. 1. de elem. c. 8. Nullis magis cavendum qualem famam habeant, quàm qui qualemcumque rauerint, magnam habituri sint.

Abfalaõ accusava a David: 13 se segue os conselhos, poe taxa em feu juizo; se os naõ segue murmuraõ, que he absoluto. Luis que chamãraõ *Pio*, & *De buen ayre*, por sua boa indole; Emperador, & Rey de França, filho de Carlos Magno, foy excellente Principe, & com tudo mãos vassallos, conjurados com seus proprios filhos, o depuzeraõ do governo; 14 vio-se taõ miseravel, que quando em Soissoens o obrigãraõ a despir o habito Imperial diante do Altar de Saõ Sebastiaõ, diz hum Escritor: *Sõ no coração implorava a assistencia de Deos, a que naõ ousava recorrer publicamente naquella injustiça, temendo que suas oraçoens fossem criminosas*: 15 (he verdade que o soccorreo o Senhor, porque tres, ou quatro annos depois foy restituído, arrependidos os nobres, & populares, por admoestação divina, como diz hum grave Historiador: 16 El Rey Dom Joã II. de Portugal alcançou dignamente renome de *Principe perfeyto*, & com tudo teve no Reyno as mayores contradicçoens.

6 Até as desgraças se imputaõ aos Reys, como se todos foraõ Alexandre Magno, de quem disse Quinto Curcio, que só entre os mortaes tivera a fortuna em seu poder. 17 Os Godos mataõ a feu Rey Ucterico, sendo muy valeroso, só porque era desgraçado nas batalhas. 18

7 Todos estudaõ como haõ de enganar ao Rey; & alguns contendem sobre o dominar, como se fora Reyno, & naõ Rey. Cuyda elle q̄ entraõ no Paço a servillo, & entraõ a procurar entregallo; huns com lisonjas, mal perpetuo dos Principes; outros nos meynos de alcançarem mercès; & naõ tem quem o desengane; 19 falta que Seneca 20 chorava em quem tem com abundancia tudo o mais; antes paga conselheyros para o enganarem, como se queyxava o Emperador Diocleciano; 21 tem contra si amigos, & inimigos, como dizia Saturnino Augusto 22 aos que lhe vestiaõ a purpura Imperial.

8 Digo os que se fingiaõ amigos, porque nenhuns tem verdadeyros, como experimentaõ os cahidos. Por muyto raros saõ celebres nas historias de Hespanha 23 dous Portuguezes, Fernão Pacheco, & Martim de Freytas, que em Celorico, & Coimbra defenderaõ a parte del Rey Dom Sancho Capello, sendo lançado já do Reyno. Tanto que El Rey de Castella D. Fernando o Catholico entregou o Reyno a Philippe I. o desemparãraõ todos os grandes, & nobres, ainda os mãis beneficiados por elle de maneyra, que com grande escandalo se vio em notavel solidaõ; & logo que por morte de Philippe foy chamado para tornar a governar, tornãraõ todos a fazerlhe os antigos obsequios; disse elle entaõ, sorrindo, ao Duque de Bejar: *E vós Duque tambem me desamparastes?* Respondeo elle: *Senhor, quem naõ se enganaria, crendo que hum moço de vinte & quatro annos taõ robusto havia de viver mais que V. A. que tem quasi sessenta?* Mas replicou El Rey: *Só hum nescio se enganaria: & se vós foreis taõ entendido como sois gracioso, cuydaries que vosso*

13 1. Reg. 15. 3. Non est qui te audiat constitutus à Rege.

14 Robert Gogvin. de Franceri gest. l. 4. in Ludov. Pium. Nicol Gilles nos annacs de França ann. 829.

15 Lysieux na Philof. Chyist. p. 1. c. 5. ad fin. vers que sa bruché.

16 Nicol. Gilles sup an 814. in princ ibi: par divin. admonition.

17 Curt. sup. d. l. ult. Plus debuit se fortunæ, quam solus omnium mortalium in potestate habuit.

18 Jul. de Cast. lib. na histor. dos Gedos l. 2. aiscurs. 8.

19 Saavedra na Idèa do Principis, emp. es. 49 in med.

20 Serec de benef. l. 6. c. 30.

21 Apud Flav. Vopisc. in Aurel. Colligunt se quatuor, vel quinque, atque unum consilium ad decipiendum imperatorem capiunt.

22 Apud Vaier. zucl. de status ad belli ratione, p. 1. consid. 1. n. 49. Timentur hostes, comites formidantur.

23 Duarte Nunes, Chron. de D. Sancho II. Vascancellos in Anaceptal ejusd. Moris dial. 2. c. 14.

Chron. de D. Affonso o Sabio de Castel. c. 7. Mariana hist. de Hespanha l. 3. c. 4. no fim.

Fr. An. on. Brandaõ na Monarchia Lusit. p. 4. l. 14. c. 30.

Rey natural, de quem tinheis recebido mercês, podia viver mais, & gratificarvos melhor que hum estrangeyro. 24 Muytos exemplos ha de amor, & fidelidade a homens particulares cahidos, até de escravos para seus senhores; 25 só para Reys despojados são rarissimos, & deyxão-se enganar de veneraçoes.

9 Finalmente, como El Rey Antigo advertio a seu filho, o reynar he huma servidaõ noble; 26 de dia, & de noyte ha de cuydar, & trabalhar; a Republica não he sua, mas elle da Republica: 27 & por esse o tem os vassallos, avaliaõ-lhe por criminosas as horas de alivio; por tal se condenava o tempo em que El Rey Dom Affonso IV. de Portugal se divertia na caça. 28

10 Tanto custa a cerimonia de huma adoraçãõ interesseyra, & a representaçãõ de hum amor fingido, que he só a que os Reys lograõ mais que os outros homens; & com tudo poucos engeytaraõ este engano: occorrem à memoria em Roma só dous Emperadores, Diocleciano, & Maximiniano: (dizem que este se arrependeo) em Grecia, outros dous, Micael Corruptes, & Manoel Comneo: em Alemanha dous, Lothario, & Carlos V. em Castella (além do mesmo Carlos) outros dous, Bermudo, & Affonso el Monge: hum Rachis em Lombardia: hum Pedro em Inglaterra; poucos mais se acharaõ nas historias, sendo innumeraveis os que por todos os caminhos, ainda tyrannicos, procuraraõ reynar. Só hum Quintiliano se matou, porque o faziaõ Emperador. 29

11 El Rey Salamaõ coroa este discurso. Foy o edificador da mayor maravilha no Templo de Jerusalem; 30 illustre por sangue, amavel por pessoa, labio sobre todos os homens, temido dos inimigos, celebre entre as naçoens remotas, 31 que he louvor mais excellente: 32 rico mais que todos os Principes. Lograva as riquezas de quantas Provincias, & Reynos seu pay David fugeytara, dos Moabitas, Syros, Damascenos, Amalecitas, Idumeos: os tributos dos Reynos da outra parte do Jordaõ, & Filistheos; & do Rio Eufrates até o Egypto. Além das grãdes rendas de seu Reyno, tinba seiscentos sessenta & seis quintaes de ouro nas frotas de Tharsis, que tudo importava cada anno mais de cem milhoens de cruzados. De seu pay lhe ficou prata, ouro, & joyas em quantidade inerivel; pôde-se conjecturar a opulencia daquella herança, do legado que deyxou para fazer o templo, q̄ foy de cem mil quintaes de ouro, & dez vezes cem mil quintaes de prata, que reduzidos a moeda commua da Europa montaõ mais de dous mil & quatrocentos milhoens de cruzados. Diz o Texto santo, 33 que havia em Jerusalem tanta prata como pedras. Tinha mil & quatrocentas carroças, & para ellas quarenta mil cavallos: & doze mil de passayo: além de muytas azemelas para serviço. Adornava seus paços com as tapeçarias mais ricas, com as pinturas mais excellentes, com esculturas perfeytissimas. Havia nelles jardins

24 *Libescas na hist. Pontific. p. 2.*
16. 23 § 1.
25 *Aqua Vuler. Max. l. 6. c. 8 & alios.*

26 *1. pul. Ælian. va. hist. l. 2. c.*
20. *Agrovisti. filii. uostrum Regnũ*
nobilem elle servitum?

27 *Sence. de Clement. l. 1. c. 19.*
Non Republicam suam, sed se
Republicam.

28 *Duarte Nunes na Chron. de*
Dom Affonso IV.

19 *Marian hist. de H:sp. l. 4. c.*
10.

30 *3. Reg. 6.*
& *vide supra. l. 4. n. 14.*

31 *3. Reg. 10. 1.*
32 *Cassiodor. l. 10. ep. 19. Com-*
mune est cunctis in suis Imperiis
præficari: sed illud est omnimodis
singulare, in extranea gente laudes
proprietas invenire, quia ibi sunt
æra iusticia, ubi neminem compiti
mi ulla timiditas.

33 *2. Paralip. 9. 27. Tantamque*
copiam præbuit argenti in Jerusa-
lem, quasi lapidum.

dins deleytosissimos: lisongeava o ouvir com musicas de suas
vissimas vozes, & dos melhores instrumentos: o olfacto com os
aromas de Pancaya, & Sabea, em simples, & mixtos: o gosto
com variedade dos mais laborosos manjares: o serviço era o
mais pomposo. Até para a lascivia tinha setecentas mulheres
com titulo de Rainhas, tão escolhidas, como se cada huma só o
fora, & trezentas concubinas das mais fermosas que em seus
Reynos, & nos estranhos se puderaõ achar. Tudo isto (adver-
te hum grave moderno 34) são verdades da sagrada Escri-
tura: 35 Christo Senhor nosso trouxe aquelle Rey por exemplo
da mayor gloria do mundo; 36 & elle mesmo confessou, 37
que gozara todos os deleytes, quanto appeteceraõ seus olhos, &
quanto podia desejar: mas juntamente confessou, 38 que em
tudo trabalhara, suára, & tivera afflição.

12 Quando os Reys se imaginaõ entre delicias, os trata o
mundo como aos de Samatra, cujos povos tinhaõ authoridade
para os depor, & matar. Quando lhe queraõ dar morte, orde-
navaõ huma magestosa caçada de Trigres, & Elefantes, em que
se achava toda a Corte, & por algumas horas o entretinhaõ em
agradavel passatempo, até que no ponto determinado, quan-
do mais irritadas as feras, & o miseravel mais descuydado, o
desamparavaõ todos, & o deyxavaõ despedaçar cruelmente,
tentando o na morte com aquelle aparato.

13 Estas são as penas, & misérias de hum Rey legitimo; 39
ao tyranno accrescem outras terriveis, que veremos em outro
lugar. 40

C A P I T U L O XLII.

*Que os amigos não são alivio para os trabalhos da vida,
antes os accrescentaõ.*

1 Medicina da vida chamou o Ecclesiastico 1 ao ami-
go fiel; para tratar com elle o que se offerece, co-
mo disse Salamaõ, 2 & ter companhia, & conselho em todas as
fortunas; sobre o que escrevêraõ muytos Authores. 3

2 Mas este imaginado alivio he só especulativo, tratar esta
materia, he vaõ trabalho, como o de quem escreveo as qualida-
des da ave Fenix 4 que não ha, ou he unica; só a David, &
Jonathas qualificou a Escriitura santa 5 por amigos perfeytos:
outros que chama amigos, o foraõ em casos particulares. Nas le-
tras humanas, as amizades que referem os Poetas, quasi são fabu-
losas: 6 as de que trataõ as historias, 7 escrevem-se por muyto
raras em muytos seculos; & assim disse o mesmo Ecclesiastico, 8
que achar hum amigo (dos que elle tratava) era achar hum
thesouro: antigamente quando isto disse, poucos thesouros se
achavaõ; hoje nenhũ já se acha, por mais que cobiçosos gastem
sua fazenda em cavar a terra para descobrirem alguns de que
ha fama.

34 P. Castvo na Ref. vnaçã
Christ. fund. in. 1. c. 1.

35 Reg. 3 Paralip. 2. Eccles. 2.

36 Matb. 6. 19. Nec Salomon in
cmni gloria sua.

37 Ecclesiastes 2. 10.

38 Ibidem 2. 11. Ad labores in
quibus frustra sudaveram, vidi in
omnibus vanitatem, & afflictionem
animi.

39 Largamente trata esta matê-
ria Solorzan emblema. 15. & 105. se-
guintes.

40 Na 1. p. 2. 33.

1 Eccles. 6. 16. Amicus fidelis
medicamentum vitæ, & immorta-
litate.

2 Proverb. 15. 9. Cuiam tuam
tracta cum amico tuo.

Senec. ep. 3 paulo post princ.

3 Marc. Tul. de amicis.

D. Ambros. de offic. maxime l. 3.

Multi velati in Potyamb. verb. Ami-
citiæ, in fine.

Seneca ep. 9.

4 D. Joseph Pellicer.

5 1. Reg. 18. 1.

6 Homer. Iliad.

Virg. Eneid. l. 9.

Ovid. Trist. 4. & de Pont. 2.

Stat. Sylv. l. 4.

Sy. v. l. 9.

Propert. l. 2.

7 Referem as mais celebradas

Textor in offic. p. 2. tit. amici.

Potyambæ. verbo Amicitia.

D. fensa da Monarch Lusit p. 2. c. 39.

8 Eccles. d. c. 6. 14. Qui autem in-
venit illum, in venit thesaurum.

9 *Ovia.*

Donc eris felix, multos numerabis amicos:

Tempora si fuerint nubila, solus eris.

*Senec. ep. 9.*10 *Barros dec. 3. l. 9. c. 8. & dec. 4. l. 10. c. 16.*11 *Mariana hist. de Hespanha, lib. 3. c. 15. no princ.*12 *Jacinto Freyre de Andrade na vida de D. Joao de Castro l. 1. n. 39 no fim.*13 *Eccles. d. e. 6 n. 8. & 9.*14 *Q. Curt. in Alex. l. 7. post. med. oratio. e. c. y. t. e. Nec tibi amico opus est, de cuius benevolentia dubites.*

3 Os amigos já tem nome corrente de *amigos do tempo*, 16 o fao na felicidade, em que não são necessários; na adversidade nenhum apparece. 9 Só por cortezia a nação Portugueza creo dous casos, que o grande Historiador Joao de Barros conta, 10 hum de Manoel Cerniche no cerco de Calicut, outro de Gabriel Pacheco no primeyro cerco de Dio, que voltaraõ a pelejar com os inimigos, por acodir cada hum a seu amigo que ficava atraz, & ambos morreraõ no soccorro. Perpenna amigo de Sertorio, vendo-o perseguido pelos Romanos, o fez matar com huma infame conjuraço; & se achou no testamento de Sertorio, que o deyxava instituido herdeyro. 11 Ha outros innumeraveis exemplos.

4 Outros mayores ministros o experimentaõ mais; porque nas Cortes não he mayor crime beyjar a mão ao Sol, q se poem, que acto de religião entre os antigos Persas, adorallo quando nascia; pratica-se a ingratição daquelles Indios Orientaes, que havendo-o adorado no Nascente, o apedrejaõ no Occidente: 12 cada hum, (& mais os mayores entendem,) se se chega ao cahido, basta que o vejaõ perigoso, para fugirem delle, como ratos que deyxão a casa tres mezes antes de se arruinar. Os mais interessados, & obrigados primeyro protestaõ que nunca o amaraõ, & que não podia haver cousa mais util à Republica, q sua ruina: Melhor negocio tem o cahido no voto de hum inimigo declarado, porque este tal vez hypocrita, se quer acreditar fazendo-lhe justiça, ou favor; aquelle por cuydar que se acredita, o encontra sempre; he o que disse o mesmo Ecclesiastico, 13 que *o amigo do tempo, no da tribulaço se converte em inimigo*: fora melhor nestas occasioens não ter taes amigos; não convem amigo de que se haja de duvidar. 14

5 Entre Principes não ha amizade; mede-se por utilidade, não por fé; nem se faz caso de parentesco; gostaõ huns dos males dos outros; dizem que só attendem ao bem dos Povos que Deos lhes encommendou, & que os não querem empenhar em cousas alheas. O Emperador Carlos V. nada fez pela tia irmã de sua mãy repudiada por Henrique VIII. Rey de Inglaterra; deyxando-a viver em Londres em humas casinhas como huma pobre mulher. Luis XIII. Rey de França, achando-se formidavel à Europa, permittio que seu cunhado Carlos I. Rey de Inglaterra fosse degollado por seus vassallos, & q a Rainha sua irmã andasse miseravelmente desterrada; & por respeyto do tyranno Cromuel, & mais rebeldes, com quem logo firmou amizades, lançou seus filhos de França, sem lhes consentir em seu Reyno, nem viver em miserias. Mas esquecelhes aquella razão do bem de seus Povos, se de ajudarem ao chamado amigo lhes pôde vir proveyto. Os Romanos constituirão seu Imperio do que interessaraõ nestes soccorros: em Hespanha entraraõ a soccorrella como amigos como os Carthagienses: em Judèa a ajudar a Hircano contra Aristobolo; & assim em

outras

outras partes. Inglaterra foy por vezes occupada por semelhâtes amigos, que a ella passárao a loccorrer alguns dos Reys, que entaõ reynavao naquella Ilha, & tinhao guerras entre si; & depois os Reys de Inglaterra se introduziraõ no dominio de Irlanda, a titulo de comporem as differenças dos seus regulos D. Fernando de Castella, chamado o Catholico, ajudando ao Papa Julio II. se ficou com o Reyno de Navarra; & passando a ajudar a seu primo Rey de Napoles contra El Rey de França, logo indignamente se concertou com o Francez, & ambos privárao o mesmo Rey legitimo; do que os Authores Castelhanos procuraõ desculpallo, mas não acertaõ razaõ. 15 Bastem estes exemplos. Taes são as amizades.

6 Mas posto que felizmente se ache hum bom amigo, em que remedeia as miserias da vida? nem dà faude nas doenças, nem tira a causa das affliçoens, porque ordinariamente não pôde ajudar as necessidades; acompanhará no sentimento, & vello sentir atormentará mais; chorará nossas calamidades, & nós ficamos com ellas.

7 Antes os amigos sendo verdadeyros; se accrescentaraõ reciprocamente as penas da vida. Porque se a amizade faz communs os interesses, 16 assim como he verdade que os amigos se communicaraõ os gostos, assim tambem se haõ de comunicar os desgostos; & como estes costumaõ ser muytos mais em numero: & a dor posto que pequena, he mais sensivel à nossa natureza, que huma grande alegria; mais penosa fica a vida, havendo cada hum de sentir os seus pezares, & os alheyos; & assim como São Chrysofomo 17 disse que era alvitre para os que desejaõ ser ricos, lograrem por caridade as riquezas dos proximos; assim he meyo para ser mais miseravel, padecer por amor as miserias do amigo.

8 Causaõ os amigos trabalho em os conservar; necessita isto de industria; por isso só entre os Sabios pôde haver amizade, disse Seneca; 18 tem o receyo de haver hum mexerico que os divida: se he hum só, ha perigo de o perder por morte, ou por outro accidente: se são mais, ha entre elles ciúmes: empenhaõ-se nas brigas: nada se lhes pôde recusar; hũ bom Filosofo Christaõ os comparou ao sentido de cheyrar, 19 que alguns differaõ que não fora beneficio da natureza como os outros; porque o ver, gostar, ouvir, & tocar, tem mais objectos de gosto, que de pena; mas ao cheyrar, são, pelo menos, iguaes humas, & outras occasioens.

9 Não digo que se não grangeem amigos; a natureza ensina a procurallos; ainda nas cousas que não nasceraõ para communicação, a terra procura participar qualidades ao Cco, para receber influencias; os astros tem suas conjunçoens, em que se mostraõ sociaveis; se o homem não achar amigos perfeytos, fará o que deve em os buscar. 20 Só digo, que nem os verdadeyros aliviaõ a vida de calamidades.

15 *Ilbesc. hist. Pont. p. 2. l. 6. c. 21. §. 5. post med.*

16 *Senec. ep. 48. in lib. 3. Consolatum rerum omnium inter nos facit amicitia; nec secundi quicquam singulis est, nec aduersi in commune vivitur. Quod quomodo intelligatur, vide egregie apud eund. Senec. de benef. l. 7. c. 12.*

17 *D. Chrysof. hom. 19. ad pop. Tanta est charitatis vis: non fructus pariter cum fruentibus gaudere facit.*

18 *Senec. d. l. 7. c. 12. de benef.*

19 *P. Lyseux na Philosophia Christ. p. 1. c. 35. vers. quelques uns.*

20 *Senec. ep. 9. in princ. in l. 1.*

CAPITULO XLIII.

Conclue se geralmente quam falsos são todos os gostos, & passatempos da vida, & quam desordenado o amor que a ella temos.

Muytos Santos, & Sabios ¹ desenganãraõ os homens de outros imaginados contentamentos, mostrando em todos mais pezares, que prazeres, mais penas, que alivios, & muytos inconvenientes para a mesma vida, q̄ com elles se procura regalar; vestem-nos de festa com ferro de castigo; são moda falsa, pirola dourada, Sereas com rosto de mulheres fermosas, escondendo nas aguas da tribulaçaõ o feyo de peyxes, como Frictionio que inventou andar em coche por cubrir os pès que tinha de dragaõ; ² ou como o Grego, q̄ porque tinha só hum olho, sempre se fazia retratar de perfil. Tomamos por gosto (nota Santo Agostinho ³) o que nos ha de fazer chorar, como os que vaõ ver tragedias de caõs que movem a compayxaõ, gossaõ chorando, & amaõ as lagrimas, misturaõ o riso com a dor, como diz Salamaõ; ⁴ como lançado vinho, & agua em vaso de pào de hera, se escoa o vinho, & só fica a agua: ⁵ assim o mundo escoa o prazer, & só fica o pezar. ⁶

² Trata-nos com aquelle banquete do Emperador Domiciano, quando celebrou as exequias de humas legioens que os inimigos matãraõ. Fez tapeçar de negro huma grande sala, & cobrir de negro os assentos, & quanto estava nella, & tambem a mesa em que se havia de cear. De repente, & de noyte mãdou chamar os convidados sem saberem para que; chamados por hum tyranno de noyte se deraõ por mortos; mas cheyos de angustias naõ puderaõ deyxar de hir: no Paço os fizeraõ entrar hum, & hum na negra sala, & que se assentassem à triste mesa. Trouxe-se a cada hum por primeyro prato hũa columna negra em fõrma de sepultura, & nella o seu nome gravado com letras; entãõ se deraõ por já sepultados: entrãraõ pequenos moços todos nus, & negros, dançando com taõ horriveis gestos, que pareciaõ demonios. Acabada a dança se deytãraõ aos pès dos convidados, continuando os mesmos gestos para lhes meter pavor, vieraõ as iguarias em pratos negros; os copos, & toda a bayxela era da mesma cor; os cõvidados se olhavaõ sem fallarem; forçavaõ-se a comer com medo do Emperador, que estava presente, attentando o que faziaõ. Praticava elle com os criados em homicidios, & crueldades. Acabadas as iguarias, de que se comeo pouco, só por cerimonia, se lhes deu licença para se irem, porèm acompanhados de homens que naõ conheciaõ, o que ainda os naõ confiava. Quando se viraõ em suas casas, atrancãraõ as portas, & naõ cessavaõ de dar graças aos Deoses.

Mas

¹ Inter quos D. Chrysof. serm. contragul. & ceter corp. volupt. tom 5. Petroncha in dialog de prosper. fortun Fr. Heitor Pinto tom. 2. dial. ult. dos verdadeyros, & falsos bens. Fr. Diogo de Esteila no livro da vaidade do mundo.

² Vianna no comment. a Ovid. Metam l. 2 n. 40.

³ D. Aug. Conf. ff. l. 3. c. 2. Gaudens lacrymatur: lacrymæ ergo amantur, & dolores.

⁴ P. overb. 4 13. Ritus dolore miscbitur, & extrema gaudii luctus occupat.

⁵ Pier Valerian. in hierogl. bide. 72

⁶ Nota Fr. Heitor Pinto d. tom. 2. dial. 5. c. 16.

Mas dentro de hum quarto de hora lhes batêraõ às portas em recado do Emperador. Abriraõ assustados, & achãraõ presentes que lhes mandava; nunca se virão presentes taõ pouco agradecidos; nem os presenteados os desejarão outra vez, posto que fossem os mais preciosos.

3 Quem não vê neste o retrato dos banquetes que o mundo nos dà? As iguarias acompanhadas de temores; muyto falgadas a quem lhes toma o labor: 7 se he iguaria contra a Ley de Deos, os demonios a fervem com danças, & em quanto se come, se pratica da morte eterna dos que estaõ comendo; se-jaõ banquetes de Cleopatra, ou delicias de Sardanapalo, tem mais de amargofo, que de doce. Antes tudo he amargofo, porque o doce he a imaginaçaõ do que tinha por seus os navios que entravaõ no Porto Pireo, & era rico de sua loucura; o frenesi de nossas payxoens nos representa essas quimeras; fallamos dellas, como de realidades, mas os que estaõ com juizo, conhecem que saõ discursos de febricitante. Que differença! Joseph, quando Deos lhe mostrou a ventura que teria; 8 Salamaõ quando o *Senhor* o dotou de felicidades; 9 Saõ Pedro quando o Anjo o livrou do carcere, 10 cuydavaõ que eraõ sonhos: que os bens do Ceo, ainda que nos pareçaõ sonhados, saõ verdadeyros; aquelles de que falla Isaías, 11 cuydavaõ que possuhiaõ, mas sonhavaõ; que os bens da terra, parecendo verdadeyros, saõ sonhados; sonhos na noyte da razaõ, que tanto que desperta, se acha sem os thesouros que sonhava possuir. Se fizermos reflexaõ no passado, não acharemos differença entre os sonhos de quando vigiavamos, & os sonhos de quando dormiamos; & os homens daõ mais credito a sonhos, que a realidades; por isso Deos quiz com hum sonho (alheyo) confirmar a Gedeã na vitoria, que em realidades lhe mostrãra: 12 o Evangelista Saõ Mattheos diz, 13 que o demonio mostrou a *Christo* Senhor nosso de cima de hum monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles; não lhe podia mostrar isto, senão representado no ar; & com tudo a letra do Texto diz que lho mostrou, porque em effeyto os Reynos, & gloria do mundo tudo he ar. 14 A gentilidade antiga em hum mesmo templo venerava a *Volupia*, que tinha por Deosa dos prazeres, & juntamente a *Angerona*, que chamava Deosa das agonias. Que confuso he o gosto dos homens! 15 o que parece mais certo, he preambulo do mayor mal: Samsã se perdeo entre os afagos de Dalila: 16 Sifara bebeo a morte no leyte que lhe apagou a sede: 17 Holofernes deyxou a vida nas delicias em que se imaginava: 18 Balthasar vio sua destruiçaõ por ultimo prato de seu esplendido banquete: 19 escusaõ-nos de mais exemplos nossos primeyros pays, que comêraõ a ruina mayor no pomo, que gostãraõ para se exaltarem. 20

4 Sobre tantas experiencias, em nada reparamos por che-

7 *Seneca de brevitate vitæ. l. 6. Ipsæ voluptates eorum trepidæ, & variis terroribus inquietæ sunt.*

8 *Genes 37.6. Audite somnium meum.*

9 *3. Reg. 3.5. Per somnium nocte.*

10 *Mat. 12.9. Existimabat se visum videre.*

11 *Isai 29.8. Sic somniat escuens.*

12 *Judic 6. ex n. 36. & c. 7. ex n. 11.*

13 *Matth. 4.8. Ostendit ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum.*

14 *Ita Pater Sylveyr. in Euang. tom. 1. l. 3. c. 3. q. 32. n. 251. Nec enim alia sunt divitiæ ac honorem mundi, nisi tantum apparentes.*

15 *Maerob Saturn. l. 1. Joet. 1. 12. Confusum est gaudium à filiis hominum.*

16 *Judic. 16. 19.*

17 *Judith 4. 21.*

18 *Judith 13. 10.*

19 *Daniel 5. 30.*

20 *Genes. 3.*

chegar ao q̄ temos por deleyte. Somos como aquelle, a quem os Medicos differaõ, que perderia a vista se continuasse a usar do vinho, & escolheo perdella; caminhamos ao appetite, sem advertir nos perigos que nelle nos cercaõ; como o de que Santo Antonio 21 conta, que fugindo de huma serpente, & cahindo em huma profunda cova, pode pegar-se a huma arvoredinha que estava na entrada, & pôr os pès sobre hum torraõ; ao pé della andavaõ bichos que a rohiaõ; no fundo estavaõ Leoens famintos; & elle vendo em hum ramo mel que alli fabricaraõ abelhas, se poz a comer delle com vagar; & entretanto acabaraõ os bichos de cortar a tenra arvore, & o miseravel cahio a ser tragado de Leoens.

5 Tudo he dizer que procuramos passatempo, como se elle não passára sem o procurarmos, & se queremos que passe, para que o pedimos? se o desejavamos, já o temos; façamos o para que o desejamos. Deviamos desejallo para o que nascemos, que he para cousas grandes; 22 se as não fazemos, sobejanos a vida; para que a queriamos mais larga? queyxamonos de que he breve, & a fazemos mais breve gastando-a mal; se falta para o que queriamos, não falta para o que necessitamos; Deos a ajustou com a necessidade, não com o appetite; como ajustou o estomago com a temperança, & não com a gula; bem distribuida, não será curta: como a fazenda desperdiçada sempre he pouca, bem dispensada he bastante. Na segunda parte diremos disto mais. 23

6 Eu não sey (dizia o grande Padre São João Chrysofostomo 24) donde, ou porque razão se poz o nome de *delicias* ao que o não he; antes se faz tanto mal; deve ser, porque o mundo até nos nomes erra; se por força havemos de viver em afflicções, porque não escolhemos as que nos sirvaõ de coroas? 25 Somos como alchimistas, que sempre trabalhaõ por fazer ouro, & quando cuydaõ que o tem, se achaõ mais pobres, & com a vista gastada.

7 Mas seja embora verdadeyro quanto na vida estimamos; não he labareda em estopa? entre o mesmo gosto estamos com o cuydado de quanto durará. 26 Dure embora por algum tempo; não basta haver-se de acabar para lhe tirar a estimação? Bellissimas são as flores com que se lavraõ os tapizes do prado, para alcatifarem as galarias de Abril; ou joyas fragrantas com que se orna a Primavera ao romper do dia; mas abate seu valor a pouca duração. Bello he hum rosto, que parecendo mais que humano encanta a vista, passa com doce violencia a render o coração, & transforma em si as almas como o nosso Poeta disse; 27 mas desacredita-lhe divindades estar fugeyto ao tempo lavrador, que lhe fará regos nas faces, & semeará de neve a cabeça. Bella he a noyte coroada de Estrellas, com manto de sereno azul; mas perde o preço, porque ao sahir do Sol desaparece sua pompa. Bellissimas são essas Estrellas, pre-
garia

21 Apud Fr. Heytor Pinto p. 2.
dial. 1. c. 2.

22 Cicer. offic. 1. relatio sup. c.
37. n. 3.

23 P. 1. c. 53. à n. 2.

24 D. Chrysofost. hom. 54. ad pop.
Antioch. p. op. fin. & plura dicit
se. m. de vanit. & brevis. pres. vit.
tom. 5.

25 Idem hom. 26. post m. d. ad
Epist. post Paul. ad Cor. int. c. 12.

26 Senec. de brev. vit. c. 16. Su-
bitque cum maxima exultatione,
solicita cogitatio: hæc quandiu?

27 Camoens Lusad. cant. 3. est.
ult.
Que em si está sempre as almas
transformando.

ria dourada da architectura do Ceo, ou flores luminosas daquelles campos de çafir; mas tem a desgraça de as escurecer a manhã que tudo o mais alumea, & de haverem de cahir no tremendo dia. 28 Bella a Lua cheia, que veste de claridade a escuridão, & pratea as nuvens; mas porque ha de minguar, não logra os encomios do Sol. Que cousa mais bella que o Sol, 29 thesouro da luz, dispenfeyro das riquezas, Mordomo mór do mundo, relogio do universo, medalha da effigie do summo Rey? mas diminuelhe a gloria hum vapor da terra, a opposição de huma nuvem, o accidente de hum eclipse, o sepultarse cada dia no Occaso, & haver de faltar no fim do Mundo, 30 (se bem renovados os Ceos refuscitará mais luzente. 31) Se o mais vistoso da terra, o mais resplandecente do Ceo, o mesmo Sol, avò dos dias, pay dos mezes, esposo do anno, irmão do tempo, emulo da eternidade, porque se ha de acabar, perde a graça: que graça achamos em gostos, posto que verdadeyros, tanto menos duraveis?

8 O Mundo não nos engana, pois nada nos faz occulto; os mesmos gostos nos defenganaõ, pois, não nos satisfazendo, mostraõ que não symbolizaõ com a nossa Alma; nossa maldade mente a si mesma, 32 cerrando os olhos ao que vê, & os ouvidos à verdade; só David 33 a conheceo, quando à terra tão povoada de homens, tão cruzada de estradas, & tão abundante de rios, chamava deserta, sem caminho, & secca; porque nem achava homem que o consolasse, nem caminho q o guiasse, nem agua que lhe mataste a sede: tudo eraõ apparencias; pelo que exclamou: *Homens, até quando fereis duros de coração? para que amais a vaidade, & buscais a mentira?* 34 Somos como a escrava de Seneca, que se queyxa va que era a casa escura, sendo a verdade que era cega. 35

9 Parece que fica bastantemente mostrado o erro que acima 36 propuzemos do entendimento, no excessso com que amamos a vida. Porém lembrame que Hegias Filosofo tomou por assumpto prègar os males da mesma vida, & a bemaventurança da morte: & persuadio a muytos a se matarem; pelo que os Magistrados lhe prohibiraõ fallar em publico naquella materia; mas elle nunca se convenceo a si, pois não se matou: creyo que folgava de viver; eu não quizera ser comparado àquelle Rhetorico. Digo que meu assumpto não he que a vida, gostos, & passatempos della se não amem; he que se amem ordenadamente; o modo nos ensinou Christo Senhor nosso quando nos levantou à graça, como veremos na segunda parte. 37



28 Marci 13 15.

29 Ecclesiast. 17. 30. Quid lucius dius Sole?

30 Ecclesiast. sup. Et qui deficiet: 31 I/ai. 30. 26. Et lux Solis erit septemplex.

32 Pf 62. v. 18. Mentita est iniquitas tibi.

33 Psal. 62. v. 3. In terra deserta, & in via, & in aqua.

34 Psal. 4. v. 3. Filii hominum usquequo gravi cordi? ut quid diligitis vanitatem, & queritis mendacium?

35 Mar 17. Rizo na vida de Sã Seneca pag. mibi. 110.

36 Sap. c. 32. in fine, & c. 36.

37 P. 2. c. 55.

CAPITULO XLIV.

Que o entendimento não conhece as riquezas, & os homens as fazem prejudiciaes, podendo ser uteis.

Resta mostrar o erro do entendimento nas riquezas; como acima i propuzemos. Todos os homens as estimão, ainda os Filozofos mais severos, não só pelo que contribuem às delpezas de huma vida alegre, mas também pelo que grangeão de opiniaõ, como acima já mostrámos; 2 só ao rico (disse Santo Ambrosio) tem o Mundo por digno de honra. 3

O certo he, como notou São Bernardo, 4 que as riquezas de si não são boas, nem más. Socrates, & Ariltonimo 5 as comparãõ ao vinho, que toma da vasilha em que o lançaõ, nos bons (dizia Santo Ambrosio 6) ajudaõ a virtude, nos mãos a impedem. Nas mãos de Job, Abraham, Isaac, Jacob, David, Berzellai, Josaphat, Ezequias, Joaquim. Zaqueo, Joseph Arimatheo, São Gregorio, & outros Santos, foraõ virtuosas: nas mãos do Rico avarento, do que se jactava com sua alma do muyto que tinha, & do Principe que consultou com Christo sua salvaçaõ, foraõ viciosas. E assim a este as permittio o Senhor em certa maneyra: 7 o avarento não se condenou por ser rico, mas por não socorrer ao pobre Lazaro: 8 nem o jactancioso por cultivar, & encelleyrar, mas por confiar no que tinha, & não tratar de Deos. 9 Pithagoras as comparava ao cavallo que necessitava de freyo que o governe, 10 & Aristippo Filozofos reprehendido de aceytar dinheyro, respondia, que o aceytava para ensinar aos amigos como se havia de usar delle. 11

3 Qualificaõ-se em quatro tempos, ou partes; no desejo, na acquisiçaõ, no uso, & na perda, se succede. Em todos errãõ os homens ordinariamente, fazendo-as prejudiciaes, como disse Plataõ. 12 Daqui vem o que Salamaõ 13 notou, que huns repartem o proprio, & se fazem mais ricos: outros tomaõ o alheyo, & sempre são pobres.

4 Errãõ no desejo. Porque não faltando ordinariamente a Providencia Divina a cada hum com o necessario conforme o seu estado, todos desejaõ mais para luxo, vã gloria, & appetites, & se tal vez o desejaõ para o necessario, devera ser o desejo moderado com prudencia; 14 porèm costuma ser desvelado em co-biça. Alguns anelaõ o dinheyro, só porque naturalmente o amaõ; o que he a cousa mais iniqua, 15 & mostra o mais abatido animo. 16 Por huma, ou outra cousa o procuraõ com tanta fome, que nada deyxarãõ de obrar por lhe satisfazer. 17 A Rainha Semiramis poz no seu sepulchro hum letreyro que dizia: *Qualquer Rey que necessitar de dinheyro, abra este sepulchro,*

1 *Supra c. 32. in fine*

2 *Supra c. 18. n. 6. & 7.*

3 *D. Ambrosii. offic. 2. Nemo nisi dives, honore dignus reputatur.*

4 *D. Bernardi. serm. 4. de Adventu Domini in princ. Seneca etiam ep. 29.*

5 *Apud Maxim. serm. 12.*

6 *D. Ambrosii. in Luc. velatus à Babaditta in Polit. l. 1. c. 11. n. 24. Sicut divitiæ sunt impedimenta improbis, ita probis sunt adjuncta virtutis.*

7 *Matth. 19. 16.*

Luc. 18. 18.

8 *Luc. 16. à n. 19.*

D. Chrysostomi. hom. 55. ad pop. Antioch. Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, sed quoniam miseriam suam non exhibuit.

9 *Luc. 12. 21. Sic est qui sibi thesaurizat, & non est in Deum dives. Beda in gloss. sibi.*

D. Augustini. sup. Psalm. 61.

10 *Apud Stob. serm. 92. & serm. 3. de tempor.*

11 *Apud Lactantii. de vit. Phisot. l. 2. c. 8.*

12 *Plat. apud Stob. serm. 92. Scienibus quomodo divitiis utendum sit, divitiæ commodæ sunt, improbis verò, & imperitis malæ.*

13 *P. ov. 21. 24. Alii dividunt propria, & ditiores fiunt; alii rapiunt non sua, & semper in egestate sunt.*

14 *Prov. 21. 2. Noli laborare, ut diveris, sed prudentiæ tuæ pone modum.*

15 *Ecclesiast. 10. 10. Nihil est iniquius quàm amare pecuniam.*

16 *Cic. 1. offic. Nihil est tam angustum, tamque parvi animi, quàm amare divitias.*

17 *Ving. Æneid. 3.*

Quid non morsalis pectora cogis, auri sacra fames.

& tome o de que necessitar. Dario o abriu, & em lugar de dinheyro achou em outro letreyro: *Se não foras mão homem, & abrazado de insaciavel cobiça, não abrias os cofres dos mortos.* Taes hydropicos se fazem contemptiveis: 18 que cousa mais vil, que hum homem venal? hum escravo se envergonha quando o vendem na praça, & he sem culpa sua: o cobiçoso voluntariamente se vende em todo o lugar, & occasião em que pôde adquirir; & de todos se faz escravo, porque o he de seu desejo; imagina que em qualquer parte vê dinheyro, & se arremeça pelo alcançar: como hum doudo que vê fantasias, & não realidades. Quem tanto faz por dinheyro, he tragado delle, como Origenes 19 considerou.

5 Erraõ na aquisição que devèra ser justa; do que resultariaõ quatro effeytos: estar o acquirente alegre com a consciencia segura: 20 viver honrado sem murmuraçãõ: 21 lograr elle, & seus filhos o adquirido; 22 & ainda augmentallo. 23 & succedendo perda, a sentir menos, 24 porque sente só a fazenda, & não os meyoos porque a alcançou. Porém poucos repãraõ em meyoos illicitos, & menos repãraõ os mayores; antes se costuma avaliar por inutil, ou descuydado o q se não aproveyta de todos. Estes, diz Santo Ambrosio, 25 enterraõ nos seus cofres os pobres que matãraõ a punhaladas de roubos. O fangue dellas mostrou em Veneza o Veneravel Padre Frey Mattheos de Bassy, Author da Reforma dos Capuchinhos Barbados, que convidado de hum Ministro a jantar, lhe estranhou estar a mesa cuberta com toalhas cheas de fangue; & dizendo-lhe o Ministro, que se enganava, porque estavaõ muyto limpas, o Santo Varaõ espremeo dellas tanto fangue, que trouxeraõ hum vaso para o tomar. 26 Estes mortos, como os que São Joãõ vio no Apocalypse, 27 clamaõ: *Atè quando, Senhor Santo, & verdadeyro, dilatais o julgar, & vingar nosso sangue?* E Deos responde: *Que se aquietem ainda hum pouco, atè que chegue o tempo.* No anno sete centos & vinte da fundaçãõ de Roma em Sicilia na Cidade de Palermo, huma tarde do mez de Agosto cõ tempo sereno, estando os Cidadãos celebrando com festas, & banquetes a pilhagem, que seus piratas haviaõ feyto em huma frota de Numidas, appareceo sobre hum carro tirado por dous Leões, & seguido por dous Ursos, hum pequeno homem disforme, com hum só olho no meyo da testa, calvo, com cornos de cabra, sem pescoço, o braço direyto mais comprido que o esquerdo, as mãos redondas, como pê de cavallo, deyxando-se ver tudo isto no vagar com que passeava. Debayxo delle sahia fogo, que ameaçava incendio géral. Dos que o viaõ, huns cahiaõ pasmados, outros fugiaõ para os Templos, muytas mulheres mal pariraõ: tudo eraõ gritos, accrescentados com o rugido dos Leões. Parou este fantasma diante do Paço do Governador Solino, aonde os piratas estavaõ com a preza. Allí cortou huma orelha a hum dos Leões: com o fangue della es-

inad

Q creveo

18 *Isocrat. ad Demost. Contemne illos, qui uimium dant opes, & divitiis.*

19 *Orig. hom. 19. in Levit.*

20 *Habac. 2. 4. Justus autem in fide sua vivit.*

D. Paul. ad Corint. 3. 7. ad Galat. 3. 11. ad Hebr. 10. 28.

21 *Psal. 111. v. 7. Ab auditione mala non tim ebit.*

22 *Proverb. 7. Dominus autem justus permanebit: & c. 10. 77. Beatos pest te filios derelinquet.*

23 *Ecclesiast. 20. 30. Ipse exaltabitur.*

24 *Prov. 11. 11. Non contristabit justum quidquid acciderit.*

25 *D. Amb. of. 2. offic. c. 16. Cave ne intra loculos tuos includas salutem inopem, & tamquam in tumulis sepelias vitam pauperum.*

26 *Zachar. Bover. in annal. Frat. Minor. Capuccin. ad Christ. 1552. rel. 28.*

27 *Apocalyp. 6. 80.*

creveo na porta da Cidade, & se retirou a hum monte chamado Jamicio, que estava perto, & nelle podia ser visto. Ninguem entendeu a escriptura, senão hũa mulher, que se prezava de interpretar os oraculos; disse que cada letra era principio de hũa palavra, & que todas diziaõ: *Restitui os bens alheios, se quereis conservar os vossos.* Isto socegou hum pouco ao povo, entendendo que só ameaçava aos piratas; mas estes não se reduzirão. Levantouse huma horrivel tempestade, que durou tres dias, estando sempre aquelle demonio em cima do monte, até que delle sahio huma labareda, que abrazou o Paço, & quanto estava dentro. Que outra cousa podem esperar os piratas da terra? diz hum grave Escritor; 28 podem estar certos em que não ha de faltar a justiça do Ceo, se faltar a dos homens.

6 Succedem-lhes outros quatro effeytos contrarios aos que se lograõ na acquisiçãõ justa. Andão carregados na consciência, bicho, q̄ roe o interior; 29 trazem, como dizia Democrito, 30 hum sambenito de infamia, com q̄ saõ notados, posto que imaginem q̄ passaõ authorizados por qualidade, ou pompa; elles, & muyto menos seus filhos, não lograõ o mal adquirido, 31 como se vê cada dia por exemplos: disse Triverio, 32 que saõ plantas, q̄ crescendo com pressa, duraõ pouco; antes se costuma dizer, q̄ o mal ganhado leva o bem ganhado; tudo se estraga em jogo, lascivias, gula, vaidades, edificios inuteis, casos da fortuna, ou por outros meynos insensiveis; só vemos que duraõ as casas antigas fundadas em virtude: finalmente succedendo as perdas que as occasioens trazem, & o peccado provoca, sentem-se tambem a da honra, & da alma, que o mal adquirido custou.

7 Por isto disse Salamaõ, 33 que melhor he pouco com justiça, que muyto com iniquidade: & Solon Gentio: 34. *He verdade que desejo riquezas, mas não quero alcançallas por injustiça, porque se segue castigo.* E entre as felicidades de Lucio Metello se conta 35 que adquirira muyto por bons meynos, & muytos Christãos não reparaõ nelles.

8 Possuindo-se já as riquezas, se erra no uso, a que chamou Chilon, 36 pedra de tocar, em que se examinaõ os homens. As riquezas influem soberba 37 nos nescios, como no cavallo Bucefalo, que enjaezado ricamente, não soffria que o montasse se não Alexandre, & sem jaez a todos consentia: 38 servem à execuçãõ de appetites; 39 acrescentaõ cobiça; 40 atrevem-se ao mal; acobardaõ-se para o bem; humilhaõ-se aos cuydados; vãgloriaõ-se nos gostos; envilecem-se na providencia; 41 saõ inimigos dos bons costumes; 42 raramente acompanhaõ a virtude. 43 Diogenes dizia, que esta nem morava nas Cidades, nem nas casas ricas. 44 Com tantos males destruirão a muytos particulares, 45 & a grandes Imperios, 46 como se notou 47 no Romano. Erra-se nellas por varios caminhos.

9 Ha idolatras das riquezas; 48 idolatras (diz São João Chryfostomo 49) peyores que os outros; porque os outros

sacri-

28 P. Lyciscus na Philof. Christ. p. 1 e 40.

29 Psalm. 50. v. 5. Græc. Adag. Conscientia animum verberat.

Senec. ep. 97. ad finem.

30 D. moeris. apud Stob. serm. 90.

Divitiæ malis artibus comparatæ, infamæ nota inter homines infiguntur.

31 Psalm. 10. v. 38. Injusti autem disperibunt simul.

Hierem. 22. 13. Vix qui ædificant domum suam in injustitia.

32 Triver. apophthegm. 92.

33 Proverb. 16. 6. Melius est parum cum justitia, quam malci fructus cum iniquitate.

34 Solon apud Cel. l. 20. c. 25.

35 Celius ibidem.

36 Chilon apud Fulgos. l. 7. c. 2.

37 D. Aug. Ser. 24. Difficile est ut non sit superbus dives.

38 Plin. l. 8. c. 42. in p. inc.

39 Plat. apud Stob. Serm. 90. Ifec. at. ad Demonie.

40 Arist. de Rep. l. 5. cap. 7.

Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.

41 Totetus apud Stob. Serm. 92.

42 Petrarca. de prosp. fort. dial. 53.

Sallust. in fragment.

43 Joan. Garcia de nobilit. glos. 48. § 3. n. 2. Divitiæ amplæ rarò virtutis sunt comites.

44 Apud Stob. Serm. 91.

45 Ecclesiast. 8. 3. Multos enim perdidit aurum, & argentum.

46 Petrarca supra.

47 Liv. dec. 4. l. 4.

Florus l. 3. c. 2.

48 D. Paul. ad Ephef. 5. 5. Avarus, quod est idolorum servitus.

49 D. Ch. yfost. in Paul. supra Ser. 18. ad fin. tom. 4.

fabricação animaes, estes fabricação a si mesmos: os outros defendem os seus idolos, se lhes dizem mal delles; estes não se atrevem a defender a avareza; com titulo de senhores, são escravos, possuidos, não possuidores dellas. 50 Tanto lhes falta o que tem, como o que não tem. 51 He a avareza metropole de toda a maldade, 52 destroe todo o bem, chega a desprezar a Deos, 53 & a não conhecer a natureza; houve hum pay rico, que afogou os filhos pelos não sustentar. 54

10 Nos Principes he mais fea, 55 grangealhes mais odio, escurecelhes as virtudes, & muytas vezes lhe destroe o Imperio; 56 he-lhes o mal mais cruel, 57 hum Author grave lhe chamou peste; 58 por não querer gastar se perdeu Perseo Rey de Macedonia; 59 & o Papa Clemente VII. facilitou o sacco de Roma. 60 Escrevem-se notaveis exemplos da avareza de Principes: 61 os Emperadores Didio Juliano, & Elio Pertinax, se fizerao ridiculos: Juliano folgava com o presente de hum leytão, ou hum coelho, & fazia de cada hum tres ceas, havendo jantado poucaservas; Pertinax convidava a jantar, & dava só alfaces, & cardos, tal vez se alargava a huma posta de carne, cuydando que hospedava bem. 62

11 Riquezas em avarento, dizia Diogenes, que são arvores em lugares inacessiveis, de que se não podem colher os frutos; & Plutarco, que são espada na mão do menino, que se fere com o instrumento inventado para o defender; 63 elles se tem por felices, porque a imaginação de que poupaõ he manna que lhes representa quanto querem de bom; o mão vestido lhes parece galante: hum pedaço de pão, a melhor iguaria: no dinheyro que deyaõ em casa, levaõ confiança á praça: todos os trabalhos que padecem guardando, lhes são suaves; como a hum amante os frios, & chuvas da noyte, na rua que passa. Mas se he felicidade guardar riquezas sem usar dellas, felicissimos são cofres, & os muros da Cidade, que as encerraõ. 64

12 Tambem se erra com prodigalidade em diferentes despesas. Huns em vestidos, ou banquetes de que já acima tratamos. 65 Outros em jogo. O Emperador Nero jogava com El Rey Mithridates, de cada parada hum milhaõ de ouro daquelle tempo, que eraõ quasi dous dos de agora pela conta de Budeo; hoje se joga muyto mais à proporção das rendas.

13 Muytos só por ostentação, sem necessidade, sustentão mais criados do que podem, & he o excessso que mais os castiga; porque são peyor servidos: sofrem mais ignorantes, & alimentação inimigos; senhores de seus amos lhes chamou o discreto Chrysofostomo. 66 Do mesmo genero são os que em carroças ricas arrastaõ a fazenda, & muytas vezes a alma.

14 Alguns se vã gloriaõ em caprichos, & obras extravagantes Philopater Rey do Egypto, com excessiva despeza fabricou huma galè para recreação das amigas, de duzentos & oytenta covados em comprido, a largura a esta proporção,

50 *Valer. Max. l. 9. c. 4. in fin. Ipse non possedit divitias, sed a divitiis possessus est; titulo Rex Infulæ, animo pecuniæ miserabile mancipium.*

Petrarch. supra. Vi de ne non divitiarum sint, sed tu illarum; neque illa tibi servant, sed tu illis.

51 *D. Hieron. ad Paulin. Avaro tam deest quod habet, quam quod non habet.*

52 *Stobæus Serm. 10. Avaritia omnis improbitatis est metropolis.*

53 *Sallust. in Cassin. Avaritia fidem, probitatem, ceteraque bonas artes subvertit; pro his superbiã, crudelitatem, Deos negligere omnia venalia habere edocuit.*

54 *Com Stobæo refere Diogo de Payva de Anvade, no casamento porphyro c. 19. p. 155.*

55 *Gutyardin. in Hypon. polit. Avaritia in Principe modis omnibus scelerior est, & deestabilior quã in privato.*

56 *Parris. de Rep. l. 4. Avaritia magis his qui gubernat parit odiũ, quã cetera, & virtutes omnes enervat, & obseciores reddit, & læpe Imperia evertit.*

57 *Vulcan. Gall. in Avid. Caff. In Imperatore avaritia est acerbissimum malum.*

58 *Nacal. Com. hist. l. 3. Nihil est magis pestiferum in exercitu. Imperatoribus, quã parsimonia, & avaritia quæ privatas res alit, publicas destruit.*

59 *Pineda na Monach. Bezel. p. 2. l. 8. c. ult.*

60 *Ilibens. hist. Pont. l. 2. l. 6. c. 26. § 8. anst. med.*

61 *Refere os Mexia na Sylva l. 4. c. 13.*

62 *Textor in offic. p. 2. tit. Iliberater.*

63 *D'ogen. & Plutarcb. apud Stob. ser. 00.*

64 *Iu Xen. phont Inst. Cyr. l. 8.*

65 *Supra c. 13. ex n. 6. & c. 39.*

66 *D. Chrysof. hom. 65. ad pop. Arsiob. prope fin. in tom. Quod non est tibi servorum multitudo, hoc est à dominis esse liberatum.*

67 Refere de varios Autores
Brisso na Monarchia Lusit.p.1. l.2.
tit.9.

68 R. fere de Autores varios
Pedro Mexia na Sylva l.2.c.29.

69 Esther 1.4. Ut ostenderet di-
vitiis gloriæ Regni sui, ac magni-
tudinem, atque jactantiam potestatis
suz.

70 Ex Dione l 58. Franc. Diego
nos Ann. de Veleng l.4.c.3.

71 Abayxo c.49.n.9.

72 Ex Diódoro Siculo Franc. de
Mingon no Espelho de Princ. l.1.c.
82.

73 D.Thom.2.2 q. 119. art. 2.
ad 3.

74 L.1. ff. de curator. furios. &
prodig.

75 D.1.1. de curat. furios L. Tut.
35. §. 1. ff. de jurejur. l. 1 §. Cui banis
6. ff. de verb. oblig. §. Item prod g.
Insti. quib. non est permiff. sac. 1. f.
tam.

76 Senec. epiſt. Multi sunt qui
non donant, sed projiciunt: non vo-
co liberalem pecuniæ lux iratum.

ção, & quarenta & oytode alto; andavaõ nella quatro mil ho-
mens ao remo, & tres mil Soldados, além dos marcantes. 67
O Emperador Heliogabalo excogitava gastos exquisitos, man-
dou q̄ toda a distancia que corria da sua camera até o lugar em
que se havia de pôr a cavallo, ou em coche para sahir fóra, esti-
vesse cuberta de pò, & limaduras de ouro, & prata, (& assim se
fazia) para não pôr os pès sobre outra couza; 68 sustentava
os seus cães só com coraçõens de ganços, & os Leoens com pa-
pagayos, fayſsoens, & perdizes; nas alampadas do Paço, em lu-
gar de azeyte ardia balsamo. A Escritura sagrada diz, que pa-
ra ostentaçõ de riquezas, vãgloria, grandeza, & jactancia
de seu poder, 69 deu Assuero Rey de Persia (a que tambem
chamãraõ Artaxerxes Mnemõ) na Cidade de Susa aquelle ban-
quete, que durou cento & oytenta dias, a todos os Principes,
& Grandes de cento vinte & sete Provincias que dominava na
India até a Ethiopia. No meſmo tempo estava a Rainha Va-
sthi sua mulher, em outro semelhante com as senhoras princi-
paes. E logo deu outro, que durou sete dias, a toda a gente da
Cidade, do mayor até o menor, com apparato grandissimo. Dey-
xemos outras grandezas de Principes à vista da extravagancia
de hum homem particular. Mario muyto rico em Roma, enfa-
dando-se de hum vizinho, o convidou a comer, & tendo-o dous
dias em casa, no primeyro lhe fez derribar a sua, (q̄ era muyto
boa) & no segundo lha mandou reedificar cõ muyta ventagem;
sem que o convidado tivesse noticia, senaõ quando com admi-
raçãõ a achou taõ melhorada em taõ breve tempo; entaõ lhe
contou Mario o que passára, para que soubesse o poder que elle
tinha, para lhe fazer mal, & bem. 70 Mal percebo como pode o
dinheyro abreviar tanto a manufactura dos officiaes.

15 Houve excessõ de vãgloria em despezas de sepultu-
ras. Deyxo a que Artemisa fabricou a seu marido Mausolo,
porque foy mais amor, que jactancia, como diremos abayxo. 71
Simandro antigo Rey do Egypto, mandou fazer huma sepultu-
ra de marmore de trezentos & sessenta covados em circuito,
(grande gayola para taõ pequeno passaro, disse a semelhante
proposito Dom Philippe II. Rey de Castella) & ao redor com
hum circulo de ouro, que tinha hum covado de largo, & gros-
so, em que estavaõ esculpidos os Ceos, Signos, & Planetas com
seus movimentos naturaes de cada hum. Crescia tanto a emu-
laçãõ desta vaidade, que todos os Principes acordãraõ entre si,
que só se fizesse a sepultura, que dez homens pudessem lavrar
em tres dias, porque essa bastava para memoria. 72

16 Taes gastadores não dispendem, não desbarataõ, &
assim sempre peccaõ pela desordem, posto que seja pequena a
quantidade; 73 o Direyto Civil os reputa como furiosos; 74
& assim se lhes dà curador; não podem ser testemunhas, nem
obrigarse, ainda naturalmente, nem fazer testamento. 75 Se-
neca lhes chama irados contra o seu dinheyro; 76 afrontaõ as
rique-

riquezas (diz Sallustio) apressando-se a destruir eõ descredito, o que puderaõ lograr com honra. 77 O rico não he senhor, mas dispenseyro; se o prodigo não tivera o juizo leso pelo pecado, poria o gosto no bom uso das riquezas, não na abundancia; 78 comeria, lograva a sua parte, & viveria alegre; para isso has deu o Senhor, diz Salamaõ; 79 isto tem excessõ; 80 partiria com Deos, & com seus pobres; & os grandes se quizessem fazer obras famosas, fariaõ só as louvaveis. Tarquino Prisco Rey de Roma, foy celebre pelos canos que fez para limpeza da Cidade, taõ sumptuosos, que huma vez que se entupiraõ, custou o concerto mil talentos de prata, 81 & cada talento valia seiscentos cruzados de boa moeda. 82 Os Reys do Egypto foraõ louvados, por se occuparem duzentos annos na fabrica daquellas piramides, hum dos sete milagres do Mundo; cada huma tinha em quadro 315. passos, & em circuito 1700. acabavaõ em ponta como aguda a respeyto do mais bayxo; & esta ponta era huma loufa, em que bem cabiaõ 300. homens. No circuito não havia final de alicer-se; fenaõ tudo area miuda; pareciaõ nascidas allí, ou postas pela mão de Deos. Sõ em hũa trabalharaõ vinte annos continuos trezentos & sessenta mil homens; 83 outros Authores 84 escrevem, que seiscentos mil; & só em rabãos, alhos, & cebolas, que comeraõ, gastaraõ mil & oytocentos talentos. Foraõ louvados, porque faziaõ esta obra por não terem os vassallos ociosos, & para lhes communicarem os imensos thesouros que tinhaõ 85 desde o tempo em q̄ por conselho do Patriarca Joseph guardara El Rey Farãõ o trigo dos sete annos da abundancia, 86 com que nos sete de fome comprou todas as fazendas aos vassallos, que ficaraõ servindo aos Reys como escravos, ou colonos. O Rey he como o estomago, que se não repartir aos membros a subltancia do manjar que recebe, prejudicará a si, & a elles. 87 Por outras despezas louvaveis são celebrados os Emperadores Augusto, Nerva, Tito, Trajano, 88 Tiberio, (o de Constantinopla 89) & outros Principes; tendo entre os Christãos primeyro lugar a fabrica dos Templos, no que os Reys Portuguezes foraõ excellentissimos. D. Affonso I. fundou, & dotou grandiosamente cento & cincoenta, não fazendo casa para si; 90 El Rey D. Manoel mais de cincoenta; 91 taõ imitados dos vassallos, que dos muytos que ha só na Provincia de Entre-Douro & Minho escreveo Abraham Ortelio com admiração; 92 & hum Escritor Castelhanao 93 conheceo em todos opulencia superior. A Amadeu IX. Duque de Saboya perguntaraõ huns Embayxadores se tinha muytos caçadores, cães, açores, & outros animaes de caça, a que a terra he muyto accommodada. Respondeo que sim, & que eraõ aquelles, mostrandolhes hum terreyro cheyo de pobres, a que seus dispenseyros andavaõ dando de comer. 94 São Luis Rey de França, & outros Principes, se fizeram gloriosos por despezas semelhantes. Tal he o bom uso

77 Sallust. in Catill. Quibus mihi ludibrio videntur iuste divitiarum: quippe quas honestè habere licebat; per turpitudinem abuti operabantur.

78 Iserat. ad Demonic. 79 Ecclesiastes 5.17. Ut comedat quis & bibat, & fruatur laetitia. Et Ecclesiast. 14.11.

80 Plutarch. in Pelopid. 81 Brito na Monarch. Lusit. p. 1. lib. 1. tit. 20.

82 Brito supra. Castilho na hist. dos Godos, l. 1. disc. 2. Madaya, excat. da Monarch. de Hespa. c. 10. § 3.

83 Diodor. l. 2. 84 Textor in offic. p. 12. tit. Septem orb. miracula.

85 Mexia na Sylva d. c. 24. Vide Castilho d. l. 1. disc. 1. 86 Genesi. 41.

87 Mongon supra l. 1. c. 89. 88 Bellarmin. de offic. Princip. l. 1. c. 34. 89 Mongon d. l. 1. § 1.

90 Vasconcellos in Anacephala Alphorfi Henrici n. 21.

91 Maris dial. 4. c. 19. Favia no Epit. da hist. Portug. p. 3. c. 15. n. 8.

92 O. tel. in teatro, tab. Portugal.

93 Herrera Maldonado na vida do veneravel Bernardo de Obregon cap. 29.

94 Ex Votativ. an. in geograph. l. 1. Fr Heitor Pint. p. 2. dial. 1. c. 18.

das riquezas, & não os applausos em que ordinariamente as empregam os homens.

17 Na perda da fazenda (que he o quarto tempo, ou occasião que acima 95 consideramos) ha igual erro, & succede muytas vezes: passaõ como o tempo, sem aproveytar apertalhas na mão, escapaõ como enguies, dizem que o azougue se pôde fazer immovel, mas a moeda que elle ajuda a obrar, sempre ha de correr: com razão (diz Santo Agostinho 96) se bate redonda, fórmula que não pôde estar quieta; tem muytos conquistadores com força, & com manha; terremotos, inundações, esterilidades, incendios, guerras, demandas, desgraças com Principes, crimes, vaidades, latrocinios, & a roda da fortuna, que não perdoa ao mais alto. Dionysio Rey de Sicilia se vio Mestre de escola, trocado o throno em tripeça, o sceptro em palmatoria. Perso riquissimo Rey de Macedonia, morrendo prezo em Roma, deyxou alli hum filho na miseria que já em outro lugar 97 referimos: Constantino VII. Emperador de Constantinopla, veyo a ganhar de comer com pintar imagens: 98 o Papa Marcello I. morreo miseravelmente prezo pelo impio Emperador Maxencio. 99 Alexandre III. de Summo Pontifice se vio Capellaõ, outros dizem, cozinheiro de hum Convento de Religiosos em Veneza, fugindo disfarcado ao Emperador Federico Barbarroxa, até que por orações o descobrio Deos, & foy restituído: 100 Bonifacio VI. foy prezo, desterrado, & morto de fome: 101 Ricardo II. Rey de Inglaterra, 102 & outros muytos, tiveraõ femelhante fortuna.

18 Satyrizou bem Juvenal, que mais se chora em huma casa a perda da fazenda, que a morte do senhor. 103 Nalce de se pegarem os homens tanto às riquezas, que se lhes não podem arrancar sem vir carne com ellas; 104 se entenderaõ, as teriaõ como emprestadas, como deposito, ou como accessorio; & assim, nem se jactariaõ de possuillas, nem tanto lhes doeria perdellas. 105 Por todas as vias erraõ os homens, no desejo, aquisição, uso, & estimação das riquezas: no desejo se atormentaõ: na aquisição se condenaõ: no uso se deshonaõ: na perda se desgostaõ, como propuzemos; com o que as fazem prejudiciaes, podendo-as fazer uteis, para viverem honrados, & alegres.



CAPITULO XLV.

Como foy tambem ruina do peccado, não serem os homens habeis para varias sciencias, & artes, & dividirem-se em diferentes opinioens. Declara-se o que he entendimento, imaginação, & memoria, & como obraõ estas potencias.

NOtou o curioso Doutor Mattheos Gribaldis, como tinha já dito Plataõ, 1 & mostra a experiẽcia, que não ha homem igualmente insigne em diferentes artes, sciencias, ou facultades. Marco Cataõ, primeyro da familia dos Porcios, celebrado em Roma por summo Orador, summo Jurisconsulto, & summo Capitaõ, não igualou a outros daquelle tempo nos meismos ministerios; foy inferior na Oratoria a Marco Tullio; nas Leys, a Gallo Aquilio, na arte Militar, a Cayo Cesar. Escreve-se 2 que Joaõ, & Jacobo de Ravenna foraõ excellentes na Jurisprudencia, & na Medicina, mas não foraõ taõ eminentes como outros. A eminencia de S. Alberto Magno em varios estudos se attribue a causa superior, ou sciencia infusa, mas o que succede ordinariamente [donde só se formou a regra 3) he não caber tudo em hum homem, por illiberalidade da natureza. E assim he conselho para os que estudaõ, applicarem-se por principal a huma só profissãõ; 4 posto que para ornato della devaõ tambem adquirir noticias de outras, como fizeraõ Socrates, Plataõ, Aristoteles, Santo Agostinho, Raymundo Lullio, Joaõ Pico Mirandulano, Bartholo, André Tiraquello, & outros muytos, 5

2 Nem basta applicar só a hum estudo; deve ser aquelle que convenha propriamente aos engenhos; nelles succede o que nas terras, que humas saõ proprias para hum fruto, outras para outro. Hum grande Theologo não seria bom Jurisconsulto, nem hum grande Jurisconsulto seria bom Theologo. Baldo aprendendo Medicina, sabia vulgarmente: passou-se às Leys, & foy luz da Jurisprudencia. Ainda na mesma sciencia raramente se ajunta a theorica com a pratica: hum excellente especulativo na Theologia, muytas vezes he muyto mão Prẽgador, não só na representaçãõ, mas tambem na composiçãõ do papel, & muytas vezes fez excellente papel hum muyto humilde na especulativa. Hum grande Cathedratico de Leys não applica bem ao julgar. Hum Físico theorico eminente, não sabe curar, & outro menos letrado acerta melhor na curativa. Isto se estende às artes, posto que mecanicas: hum ruim official seria muyto bom letrado, & hum bom letrado não seria bom official.

E entre

1 Gribald. de method. 2: r611
 Stud. l. 1. c. 2. Plat. de leg. Nemo ar-
 tius simul lignarius sciret: du-
 enim artes, aut studia duo diligen-
 ter exercere humana natura non
 potest.

2 Cardinul. Tusc. in conclusa
 practic. litera S. Concl. 59. n. 2.

3 L. Nam ad en 5. ff. de legib.

4 Bald. cons. 441. post princip
 vers. in contrarium l. 1.
 Diximus in tract. Pers. F. D. O. l.
 qual. 11.

5 Gribald. d. c. 2. ad fin.
 Pichard. in vit. Juriscons. tit. de Barb
 Thom. Gargon no teatro dos enge-
 nhos discurs. 34.
 Diximus in d. tract. qual. 13. n. 197

E entre as mesmas artes, humas convem mais a hum engenho; de modo que o ruim official em hũa, seria muyto bom em outra, se a aprendera, & ainda na mesma arte, huns obraõ melhor certas cousas, que outras, como vimos acima 6 em Escultores, & Pintores. E assim he conselho dos Filozofos, 7 que os pays appliquem os filhos ao que naturalmente mais se inclinaõ, tendo decente a seu estado.

3 A causa do que temos dito he, que as sciencias, & artes assentaõ na alma racional, que està fugeyta ao temperamento, & compostura do corpo, como fôrma substancial; & assim formando Deos a nossos primeyros pays, que havia de encher de sciencia, os preparou, & organizou para a poderem receber; 8 & porque *Eva* não havia de ser taõ sabia como Adam, (que por isso dizem os Theologos, 9 que o demonio se atreveo mais a tentalla) a compostura do cerebro da mulher, affirmaõ os Medicos, 10 tem menos capacidade que a do homem. Para declaraçãõ desta materia, he preciso resumir algumas agudezas da Filozofia ao methodo mais facil, & intelligivel que pudermos alcançar!

4 Entendimento, imaginaçãõ, & memoria, são as officinas das sciencias, & partes, poito que mecanicas.

5 O *Entendimento*, he o lume natural que a alma tem para entender. Chama-se *lume*, porque alumea, & descobre à alma o que lhe estava escondido em escuridaõ. Chama-se *natural*, porque he dado pelo Author da natureza, como propriedade, & virtude natural da alma. 11 Por este dom he o homem taõ superior a todo o visivel, que disse David, que tudo tem debaixo dos pès. 12 Com elle gosta mais, & melhor os bens de todas as creaturas, que ellas mesmas que os possuem: pois para o entendimento he mais suave a melodia do rouxinol, mais doce o mel das abelhas, mais deleytosa a luz do Sol, q̃ para o mesmo rouxinol, abelhas, & planeta luzente. Nelle o dotou Deos de todos es instinctos, forças, armas, virtudes, & industria que repartio entre as creaturas: pois cõ o entendimento rende o homem tudo, nada lhe resiste, nem no aspero da terra, nem no profundo das aguas, nem no alto dos ares lhe escapa animal, vence toda a ligeyreza, & toda a manha. Com elle pôde fixar os olhos na Divina fonte da luz, & abyssmo de claridade, mais generosamente que a Aguia no Sol material. 13 Por elle he capaz da graça de Deos, & imagem sua, 14 de modo que por esta creatura se conhece melhor o Creador, que por todas as outras,

6 Esta luz taõ fermosa, por estar sepultada na carne, que he escura nevoa, não pôde manifestar seus rayos todos juntos, mas pouco a pouco como o Sol visivel, vay desfazendi as nuvens que impedem seu resplendor. Pouco a pouco vão entrando no entendimento as especies, & figuras das cousas, porque sem ellas não he possivel entender; 15 & por isso o entendimento cego não conhece as cores; nem o surdo os sons; nem o

que

6 *Supra c. 22 n. 15.*

7 *João Huarte de S. João no exame de engenhos, proem. 1. & 2. & atibi possim.*

8 *Ecclesiast. 17. 5. Consilium, & linguam, & oculos, & aures, & cor dedit illis excogitandi: & disciplina intellectus replevit eos.*

9 *Magist. Sens. l. 2. dist. 21. in princip. Mulierem tentavit, in qua minus quam in voto rationem vigere novit.*

10 *Huarte d. proem. 2. vers. 10. r. azon.*

11 *Ita P. Fr. Leandro de Granada trat. Luz de maravilhas discurs. 4. §. 1.*

12 *1.ª. 8. 7. Omnia subieciisti sub pedibus ejus. Ecclesiast. 17. 3. Dedit illi potestatem eorum, quæ super terram.*

13 *Vide in 2.ª. p. c. 25. n. 5.*

14 *Vide supra c. 2. n. 4.*

15 *D. Thom. 1.ª. p. q. 84. art. 7. Soar. de anim. l. 4. c. 1. & 5.*

que não tem olfacto percebe os cheyros; & assim he nas outras cousas: & quanto mais especies vay ganhando, mais cousas conhece: & assim cada dia se mostra mais sua luz.

7 He verdade que estas especies, & imagens, são muyto mais excellentes, que as que tem os sentidos, por serem espirituales, como o he o entendimento: & por serem mais universales; pois o sentido para conhecer cada cousa, necessita de nova imagem, que lha represente: de maneyra, que pela imagem de hum homem não conhece outro homem, por ser limitada; & o entendimento com a especie de hum homem, conhece todos os homens, por ser especie universal. Com tudo são tão confusas, & escuras, que não representaõ cabalmente, antes deyxão lugar a enganos, & tem a fraqueza de necessitarem de quem as ajude a representar, como hum Estudante de Mestre, que o ensina com exemplos, & semelhanças; este officio fazem as semelhanças sensiveis, servindo como exemplos, para que o entendimento possa entender. Donde nasce, que estando o sentido interior turbado com somno, doença, ou outra vehemente alteraçã, não pôde o entendimento entender concertadamente, por lhe faltar quem o ajudava naquella operaçã, quem lhe abria o caminho, & o guiava como a cego.

8 Com serem as especies tão confusas, & necessitarem da ajuda do sentido, trabalha o entendimento tão industrioso, que com ellas obra maravilhas; no inferior, & superior, visivel, & invisivel, no grande, & no pequeno, na creatura, & no Creador descobre seus segredos, & procura averiguar não só as propriedades, mas tambem as essencias, posto que como as especies o ajudaõ pouco, padece enganos, & tudo sabe com duvidas. Todavia com o exercicio vay adquirindo huma facilidade, & promptidaõ no obrar, que lhe he de grande importancia para lhe diminuir o trabalho; & a isto chama a Filosofia, *habito*, que he huma qualidade, & virtude, que com o uso de entender se gêra no entendimento, & depois serve para que se entenda mais facilmente; assim como costuma servir para facilitar todas as outras operaçoens do corpo.

9 Mas ainda não tira este habito todos os inconvenientes, porque não pôde tirar a confusaõ, & escuridaõ das especies em que elles consistem; & assim só escusa trabalho no que está muyto manifesto, como em entender, que dous, & dous fazem quatro: que hum todo he mayor que huma sua parte; & outras demonstraçoens semelhantes. Em tudo o mais lhe he penoso discernir o verdadeiro do falso, raciocinando, & discorrendo com mayor, ou menor trabalho, segundo a viveza do entendimento. Por isso o do homem se chama, *composto*; porque se compoem de muytas razoens, discursos, & conhecimentos; & ao conhecimento dos Anjos chama a Theologia, *vista simplez*; porque são as especies universales, & clarissimas, q̄ representaõ todas as cousas como são, & as daõ a conhecer melhor, do que se vê

se vê huma figura visível com a luz do Sol ao meyo dia: & por conseguinte o entendimento que usa dellas, nem se pôde enganar, nem padece trabalho em seu uso; & assim com a facilidade que nossos olhos vem que o Sol he claro, & a neve branca, com a mesma, & com mayor, vê o Anjo tudo o que alcança com aquellas clarissimas especies, que lhe são olhos limpissimos. 16

10 A *Imaginação* he huma potencia que o Author da natureza poz no animal, & com excellencia no homem: com a qual vê, & julga àcerca das cousas sensíveis, ensinando o appetite a querer, ou aborrecer; ou estas cousas estejaõ presentes, ou ausentes; 17 porque he huma vista interior, a que nem tempo, nem distancia impede; no que se assemelha ao conhecimento espiritual da alma; & por isso Santo Agostinho a chama algumas vezes *espiritual*: 18 não porque não seja corporal; mas para significar a nobreza com que se differença dos sentidos exteriores.

11 Deu-lhe a natureza assento na cabeça, por ella ser tão nobre, & porque aquelle lugar alto, he proprio ao seu officio de atalaya que vigia, Juiz que julga, & Rey que governa todo o sensitivo, & exterior do homem. 19

12 Por ser cognoscitiva, & lhe serem necessarias especies, ou imagens do que ha de conhecer, lhe deu a mesma natureza a habilidade já dita (que não deu aos sentidos exteriores) de conservar as imagens das cousas ausentes, tendo dentro de si hum pintor do que já vio. E porque não era possível, que hum homem visse, ouvisse, ou gostasse todas as cousas sensíveis, & assim não podia ter imagens de todas; lhe deu outra habilidade de fazer de muytas imagens que tem, hũa só imagem, para conhecer o que lê, & ouve sem o haver visto; & por este modo com imagem de casa, de rua, de praça, & de muro, que havemos visto, pintamos dentro de nós a Roma, ou a outra Cidade: que não vimos, mayor, ou menor, como queremos.

13 Chega sua subtileza a conhecer qualidades occultas debayxo das imagens visíveis; & assim a ovelha com a imagem do lobo, conhece que elle he seu inimigo; & outros animaes do mesmo modo conhecem suas antipathias.

14 Ella finalmente faz todos os officios de todos os sentidos exteriores; vê, ouve, gosta, cheyra, & toca, como experimentamos nos sonhos: pois estando os sentidos exteriores impedidos, & como atados, vemos jardins, ouvimos musicas, gostamos sabores, cheyramos flores, & percebemos o duro, & o brando, tudo faz a imaginação com as especies, que em si tem, posto que por estarem turbadas com os vapores do somno o não faz com concerto, & viveza do homem desperto.

15 *Memoria* he a potencia, pela qual o animo repete as palavras, & cousas passadas que percebeo. 20 Em larga significação se acha tambem nos brutos; 21 & assim alguns Authores 22 querem que no homem se chame *Reminiscencia* fazen-

16 Optimè P. Fr. Leandr. sup.
Et vide sup. c. 32. n. 2.

17 D. August. sup. Gen. ad tit. l.
12. c. 24.

18 D. Aug. d. l. 12. maximè c. 7.

19 P. Fr. Leandro sup. disc. 1. §.

fazendo differença em que *reminiſcencia* he do que nõ tempo intermedio eſqueceo: & *memoria* nõ requer, que poſſa haver eſquecimento. Nõs fallamos da memoria em quanto he conſervativa das eſpecies intelligiveis, a qual nõ he commua aos brutos, & pertence à parte intellectual da alma, como enſina Santo Thomàs; 23 & em outro lugar 24 diz com Ariſtoteles, que exercitada ſe augmenta, movendo-ſe ſuas forças pelo imperio da ração. Mithridates Rey de Ponto fallava vinte & duas linguas de outras tantas naçoens, a que imperava. Conta-ſe, (& parece incrivel) que Cyro Rey da Perſia nomeava por ſeus nomes proprios todos os Soldados de ſeu numeroſiſſimo exercito. Cynas Theſalo Embayxador d'el Rey Pyrrho em Roma, ao ſegundo dia de ſua chegada, ſaudou por ſeus nomes todos os Senadores, & grande multidaõ da plebe, q̄ com elles eſtava, Seneca, ſendo diſcipulo, ouvindo de varias peſſoas mais de duzentos verſos, os recitava do primeyro atè o ultimo, ou do ultimo atè o primeyro; & repetia dous mil nomes pela meſma ordem q̄ lhos diziaõ. Mureto 25 refere, que vio hum mancebo, q̄ repetia trinta & ſeis mil nomes Hebreos, Gregos, Latinos, & Barbaros, pela ordem com que os ouvia, ou começando do ultimo atè o primeyro, ou de qualquer do meyo para diãte, ou para os antecedentes. Eſta repetiçaõ de nomes ſe faz por memoria artificial. Eu ſendo moço me applicuey a ella com hum Meſtre, que repetia trezentos, & quatrocentos, & fazia outras oſtentaçõens notaveis. Cheguey a repetir cento, & deyxey aquelle eſtudo, por me parecer infructuoſo, mais que para vã gloria. Com tudo experimentey depois, que ſuas regras me ajudavaõ em muytas occaſioens de utilidade. Mas ſempre entendi, que nõ ſe podiaõ repetir, ſenaõ nomes ſignificativos, & ſubſtantivos, como nõ foſſem nomes proprios; porque dos que nõ ſignificaffem, dos adjectivos, & dos proprios, nõ ſe pôde formar idéa, ou figura, que a imaginativa ponha nos lugares que a arte lhe pinta, para a memoria os hir tirando dalli.

16 A todas eſtas potencias ſaõ orgãos, ou instrumentos quatro ventriculos, ou ſeyos (como lhe chamaõ os Anatomicos) que ſe achãõ no profundo do cerebro humano. Eſtes tomãõ qualidades de ſecura, humidade, & calor: a frialdade, na doutrina de Galeno, 26 he inutil para as operaçoens; só ſerve de moderar o calor, & aſſim ſe entende hum lugar de Ariſtoteles, 27 que parece contrario. Além da fraqueza natural, que expuzemos no entêdimento, & que temos outras duas potencias, ainda para a perfeçãõ, ou (por melhor dizer) ſufficiencia, que a natureza lhe deu, he neceſſario, que aquelles ventriculos eſtejaõ muyto concertados, aquellas qualidades muyto em ſeu ponto, os humores muyto compoſtos, tudo em hũa medida, & conformidade, que nõ ſe deſtrua, nem offenda entre ſi, porque havendo exceſſo, ou alteraçãõ, resulta diſſonancia, turbãõ-ſe as eſpecies, impedem-ſe, ou confundem-ſe as operaçoens: aſſim como

23 D. Thom: d. avi 6.

24 D. Thom: 1. 2. q. 50. art. 3. ad 3.

25 Muret. apud P. Mendogã, ut vid. lib. 7. c. 20.

26 Galen. quæd animi mores, c. 5: Frigiditas enim officiis omnibus animæ apertè incommodat.

27 Ariſt. 1. 1. de part. anim. c. 4.

como hum artifice não pôde obrar faltando-lhe instrumentos

17 Com todo aquelle concerto, composição, & consonancia, tinha Deos formado Adam tão perfeyto na alma, & no corpo, que aquelle estado se chama a *faude da natureza*; nelle estava capacissimo para todas as sciencias, & artes; 28 & fenaõ peccara, passára a mesma faude a seus descendentes. O peccado o despojou do gratuito, & ferio no natural. 29 Accresceo serem elle, & *Eva* lançados do Paraíso terreal, & começaram a viver com trabalhos, dormindo sobre a terra, comendo coufas destemperadas, sofrendo as inclemencias dos tempos, descalços, & mal vestidos, sem casa, nem abrigo, sendo de compostura mimosa: com o que era forçoso alterarem-se os humores, descomporse o temperamento, & offenderem-se os órgãos, & instrumentos das operaçoens. Neste estado já enfermo geráraõ, & começou a communicarse aos descendentes aquelle desconcerto, porque dizem os Medieos que passa aos filhos a doença, que os pays tinhaõ no tempo da geraçaõ.

18 Deu mayor causa a este damno o mesmo que no estado da graça nos tinha sido a mayor honra, que foy ser aquella composição tão delicada, & nobre, que qualquer accidente a desconcerta, porque o mais eminente se offende com mais facilidade: a vista aguda com a opposiçaõ de hum cabelo, & o melhor ouvido com a dissonancia de huma só voz, ou corda entre muytas bem acordadas. Assim pequena alteraçãõ turba nossas potencias: huma colera subindo o calor, hũa melancolia destemperando a humidade, & hum achaque movendo os humores. E quanto este desconcerto cresce, tanto mais nos cega, como vemos nos loucos, por dominar mais huma qualidade: & nos meninos, por não chegarem ao ponto necessario.

19 Por esta maneyra somos todos doentes: em todos pecca alguma qualidade, & reyna no cerebro a dominante. Se domina secura, he melhor entendimento: 30 & assim da afflicçaõ (que defeca) disse Isaías; que dà entendimento. 32 Se domina a humidade, se acha mais memoria, porque as especies, & figuras se imprimem facilmente no humido, como em cera; razãõ porque os moços aprendem mais que os velhos, & pela manhã sempre a memoria está melhor, humedecido o cerebro com o somno da noyte. Se domina calor, ha mais forte imaginativa; pois já não ha outra potencia racional, nem outra qualidade que lhe affinemos, & assim o mostraõ os freneticos delirando sempre em coufas, que pertencem a esta potencia. Fallamos não sendo, & dominando as ditas qualidades em demasia; porque o excesso destruirá tudo.

20 Ao entendimento pertence a theorica da Theologia Escolastica, da Jurisprudencia, & da Medicina; 32 a Dialectica, & Filosofia natural, & moral de sciencias, que constaõ de distinguir, inferir, & racioeinar, que saõ obras desta potencia. Da memoria pende a Grammatica, & aprender linguas; Theologia

28 *Ecclesiast. 17.5.* Disciplina intellectus replevit illos.

29 *Supra c. 2. a. n. 9. & c. 6. n. 2 & 4.*

30 *Heraclit. apud Galen. d. c. 5.* Splendor siccus, animum sapientissimum.

Idem Galen. de nat. hom. l. 1. tom. 11.

31 *Isai. 28. 19.* Vexatio dat intellectum.

32 *Arist. de part. anim. l. 2. c. 4.*

logia Moral, Coſmografia, Arithmetica, & parte da theorica da Jurisprudencia, que tem o trabalho de juntamente requerer memoria para as leys, entendimento para da razaõ dellas formar balizas, porque ſe acerte nos caſos, circumſtancias, & occaſioens, que ſe não acharem decididos; 34 donde veyo a dizer o Jurisconſulto Ulpiano, 33 que os Jurisperitos affectaõ huma não ſimulada, mas verdadeyra Philoſofia. Da imaginativa naſcem as artes, & ſciencias, que conſiſtem em figuras, correſpondencia, harmonia, & proporçaõ, como Poefia, Oratoria, Muſica, Prédica, Mathematica, Altrologia, Politica, & arte Militar: traçar, ler, eſcrever, jogar, & da pratica da Jurisprudencia, & da Medicina. Tambem todos os officios mecanicos, todas as maquinas, & artificios, ſer hum homem apodador, agudo nos ditos, & gracioſo na converſaçãõ. Mas he de advertir, que ainda em huma meſma potencia ha differença de grãos taõ diverſificantes, que fazem, que ſendo a theorica da Theologia, Jurisprudencia, & Medicina pertencentes em gèral ao entendimento: o eminente em huma o não ſeria em outra, como acima diziamos; 35 & o meſmo ſuccede no que pertence às outras duas potencias, principalmente à imaginativa; tal he a variedade no cerebro humano.

21 Resultando, como diſſemos, o melhor entendimento demais ſecura, & a melhor memoria de mais humidade; qualidades contrarias: já ſe vê o que enſinou Ariſtoteles, 36 que grande entendimento, & grande memoria, não pòdem eſtar em hum ſugeyto, & por conſequecia, que não pòde hum homem ſer eminente nas couſas que pertencem a hũa, & a outra potencia. Que grande imaginativa ſe não compadeça com grande memoria, tambem fica evidente, pois a humidade deſta ſe gasta com o calor daquella: que nem ſe compadeça com o entendimento ſe prova; porq̃ o entendimento, ſegundo Gale- no 37 requere o cerebro compoſto de partes ſubtilis, & delicadas; & porèm o muyto calor da imaginativa conſume o mais delicado, deyxando o groſſo, & terreſtre; & aſſim vemos, que ordinariamente os grandes Letrados eſcrevem mal, por eſta arte ſer da imaginativa, como fica dito; & os grandes eſcrivães ſão pouco entendidos. O meſmo ſuccede aos bons jogadores, & particularmente aos que jogaõ bem o Xadres, como diſſemos tratando do jogo. 38

22 Eſcrevo o ordinario, não nego as exceyçoens. Pòde haver cerebros temperados capazes de ſciencias, & artes pertencentes a duas, ou às tres potencias, como foy Seneca no juizo, que ſeus eſcritos moſtraõ, & na memoria que della referimos; mas ſerãõ rariffimos, ou aproveytarãõ nella com mediocridade, (como alguns vemos) pois para nenhuma tem qualidade eminente; porèm o que tiver eminencia para huma, he força ſer humilde nas de diferente qualidade. Queſtaõ he, ſe val mais ſer muyto eminente em hũa só, ou ſaber com medio-

R cridade

33 *Textus in L. Neque leges 10. cum ſeq. ff. de leg.*

34 *In l. 1. ff. de juſt. & juv.*

35 *Supra n. 2 in fin.*

36 *Ariſt. l. de Memor. & Remiſcent.*

37 *Galen. lib. ult. Med. c. 12.*

38 *Supra c. 37. n. 10.*

cridade muytas. E supposto que já ninguém, por muyto eminente que seja, poderá dar mais luz que os passados: eu escolhe-
ra ser mediocre em muytas, pelo gosto das noticias, & pelo a-
grado geral, que mais se paga de trato, & conversação não li-
mitada: mero Theologo, mero Jurisconsulto, ou perito em
huma só arte, posto que Musica, com ser tão suave, he cousa
cançada: só na variedade se acha satisfação.

23 Da mesma causa procede a differença de opinioens em
qualquer materia. 39 Dizem os Filosofos naturaes, 40 que
as potencias que haõ de conhecer de alguma cousa, deym
estar sans, & limpas da qualidade daquelle objecto, sob pena de
fazerem delle varios, & falsos juizos. Para exemplo, finjamos
quatro homens leõs na potencia visiva, que hum tenha no hu-
mor crystallino empapada hũa gotta de sangue, outro huma de
colera, outro hũa de fleyma, outro huma de melancolia. Se (naõ
sabendo elles da enfermidade que tem) lhes offerecerem á vis-
ta hum pano azul para julgarem de que cor he; a cada hum pa-
recerá da cor da gotta que tem nos olhos: ao primeyro parece-
rá vermelho, ao segundo amarello, ao terceyro branco, ao quar-
to negro; & se estas quatro gottas estiverem nas linguas, & be-
berem agua, hum dirá que he doce, outro que amargosa, ou-
tro que salgada, outro que azeda: enganando-se as potencias
do ver, & do gostar, cada huma por sua enfermidade. O mesmo
succede nas potencias interiores com seus objectos: julgaõ del-
les conforme o amor de que o cerebro está enfermo, & assim
do que hum louco, ou frenetico faz, & falla, conjecturaõ os
bons Medicos, que humor nelle pecca, & em que grão. Dizia
bem Democrito a Hippocrates, 41 que todos os homens ti-
nhaõ no cerebro varias enfermidades; & o inferia de os ver ra-
ciocinar, & obrar tão variamente.

24 De tudo o acima dito se conclue, que por ruina da
natureza pelo peccado ficamos doentes, & destemperados no
cerebro; & com destemperanças differentes, nem podemos al-
cançar juntamete diversas sciências, nem deyxar de ter diversas
opiniões ainda nas materias livres de odio, ou affeyção. A pie-
dade Divina com grande providencia nos deu a certeza da Fè,
para q̄ não errassemos no que mais nos importava. A Fè nos he
luz certa, mestre verdadeyro, guia fiel; força sobrenatural, mais
poderosa que todo o creado, que metida em nossas almas, nos
mostra o importante para a salvação. Esta só he hum dom de
Deos; 42 não alcança com forças humanas: he sabedoria
escondida aos olhos da carne; infallivel o que ensina, porque
o disse Deos, que não pôde faltar. 43 Posto que o entendimen-
to fórme razoens, & faça discursos para provar o que ella diz,
naõ he porque necessite della para crer; he porque a Theolo-
gia (que he outro lume distincto da Fè) os dons que Deos deu
à alma para a ajudar, & o mesmo lume natural, agradecido à
nobreza que logra em sua companhia, faz o que pôde para per-
suadir

39 Quot capita, tot sententia.
Mille hominum species, & rerum
discolor usus;
Velle suum cuique est, nec ævo vi-
vitur uno.

40 D. Thom. p. 2. quest. 91. artic.
1. ad 3. Huarte de S. João, exame de
engenhos proxm. 2. ante med.

41 Refere Huarte supra.

42 D. Paul. aa Ephef. 2. 8.

43 De his omnibus D. Paul. 1. ad
Corinth. 2.

suadir que he verdadeyra, contra as calumnias de seus inimigos. Bendito seja o Pay de misericordias, que não deyxou nosso mayor bem fugcyto à nossa ignorancia.

25 Que compreyção seja mais apta para as sciencias, trata com elegancia o Padre Francisco de Mendoça, no seu amenissimo Viridario entre seus curiosos problemas. 44.

44 P. Mendoça in viridar. l. 6.
probt. 21.

CAPITULO XLVI.

Morte de Adam, & Eva; annos que viverão; como os annos, & os mezes se computavaõ entre varias naçoens; & porque nos primeyros seculos eraõ as vidas mais largas.

1 **E** Stando o mundo tão arruinado, no anno novecentos & trinta de sua creação, Adam da idade do mesmo mundo, 1 de que era Pay, & irmão gêmeo, havendo visio netos em oytavo grão, 2 cahio na cova que abrira, tão cheyo de trabalhos, como de dias, dando exemplo a medir a vida pelas calamidades, aos mesmos 25. de Março, 3 em que fora creado. 4 Morreo a feytura original da mão de Deos; os que nascemos de corrupção, que esperamos? Porém se morreo ao temporal como peccador, ganhou a vida eterna por penitente. Theofilo diz, 5 que o Arcanjo S. Miguel levou sua alma ao lugar deputado para os Santos Padres. He-nos devedor da causa de cahirmos; & acredor do exemplo para nos levantarmos. Alguns Escretores 6 dizem que viveo mil & trinta annos, mas que o Texto santo não conta cento, em que chorou a morte de Abel; 7 porque viver em lagrimas não he vida.

1 Genes. 5. 5.
2 Bened. Pever in Gen. l. 7. n.
102.

3 Ex D. Ignat. ep ad Polycarp.
Horat. Scogaus Catacensis in bist. d
primord. Eccles. l. 1. v. interim.

4 Supra c. 2. n. 2. in princip.

5 Theophil. hom 60.

6 Refert Avulens. 5. Gen.

7 Vide supra c 17. n. 6.

8 Orig. trat. 35. in Matth.

Tertullian. l. 1. in Marcion.

Pever. in Gen. l. 7. n. 116.

Alti apud Pined. Monarch. Eccles. l.
1. c. 11 §. 3. in princ.

9 Apud Pined l. 2. c. 6. §. 7.

10 Textor in offic. p. 1. tit. quã
diu vixer.

Matute na Profap. de Christo idad.
p. c. 4. §. 1. no fim.

11 Apud Virg. Æneid. 4.

Ille meos, primus, qui me sibi jun-
xit amores.

Abstulit, ille habeat secũ, servetque
sepulchro.

Simitis Evadne apud Guid. l. 3. de

12 Floscul. bist. p. 1. c. 1.

13 Marian. Scot. l. 1. Chion. atate.

2 Foy sepultado no monte *Calvario* de Jerusalèm, como escrevem mais commumente os Authores; 8 posto que alguns digaõ que em Ebon, distante duas jornadas; & dizem que acertou de fixar o pê da Cruz de *Christo* sobre sua caveyra mysteriosamente, pois o remio.

3 Textor, & outros Escretores 10 referem que *Eva* morreo juntamente: companheyra até na morte, & feliz em não ser viuva, sendo honrada. Não só o amor, como dizia *Dido*, 11 mas tambem a si mesma quiz enterrar com elle. O Flosculo das 12 historias tem, que morreo no anno seguinte; & *Mariano Scoto*, 13 que viveo dez annos mais que Adam. Nesta opiniaõ se jactaõ as mulheres, de que nos primeyros dous casados, a mulher venceo ao marido em vida; mas em Roma recuperou esta victoria hum homem, que havendo viuvado vinte vezes, casou com hũa mulher que havia viuvado vinte & duas, ambos de humilde condição; & estando-se em grande expectação daquella batalha, morreo primeyro a mulher; & elle coroado de louro, & com palma na mão, foy levado no enterro da

14 D. Hieron. ep. apud Gerone.

15 Genes. 5.

16 Pineda d. l. 1. c. 13 §. 3.
D. August. de Civ. Dei l. 1. c. 30

17 Genes. 8. n. 4. & 5.

18 Pineda supra.
Abulens. d. p. defens. c. 92.

19 Hac apud Plin l. 7. c. 48.

Alex. ab Alex. l. 3. c. 24.

Pined. l. 1. c. 1. §. 3.

Mexia na Sylva l. 1. c. 2. ubi citat

D. August. & alios.

Vide etiam D. August. de Civ. Dei l. 1. c. 10.

20 Pineda supra.

21 Tentor in officin. p. 1. tit. de
temp. ann. & dieb.

22 Macrobi in Somnio Scipion.

23 Alex. ab Alex. Gen. d. 1. c. 24.

24 Gen. 5. 27.

25 Joseph de antiquit. l. 1. c. 3.

26 Apud Matute sup. atat. l. 1. c. 3. §. 3 & 4.

Perer. in Genes. l. 30. q. 30.

Ex D. Irenco l. 5. advers. hereses,
ac aliis.

27 Genes. 2. 17. condecit quod ait
idem Perer. in Genes. 7. n. 110.

28 P. Lyficus na Philot. Christ.
p. 1. c. 11. no princip.

29 Mexia d. l. 1. c. 1.

P. Benedic. Fernand. in Gen l. 5. sect
3. n. 1.

30 Esdr. 4. 5. in fin Quasi i m
senescentes creaturæ, & fortitudi-
nem juventutis prætereuntes

Petr. de Peremat l. de evacuandi
rat. c. 24.

Alii apud Fræco in Campo Elyso q.
25. ubi latè agit.

31 Pineda d. l. 1. c. 13. §. 2. & §. 5.
in fin.

mulher como em triunfo. São Jeronymo 14 conta que o vio, sendo Papa São Damaso.

4 Tanto viverão nossos primeyros Pays, & todos pouco mais, ou menos em primeyros seculos, como lemos no sagrado Texto; 15 & os annos de que falla eraõ dos que usamos, solares de doze mezes; 16 pois no anno do diluvio faz menção de mezes septimo, & decimo; & nos mezes, dos dias vinte & sete; 17 & quando se diga que os Hebreos regulavaõ os mezes pela Lua, que faz suas mudanças em 19. dias; & 14 horas, como hoje regulaõ os Arabes, 18 pouca he a differença. Sõmente em alguns tempos os Egepcios contáraõ annos de quatro mezes, & lunares de hum mez; os Arcadios, Caldeos, & Arabes, de tres mezes; os Romanos, reynando Romulo, de dez; & outras naçoens, de seis; 19 & os annos entre os Parthos começavaõ do primeyro de Fevreyro: entre os Romanos, de Março: entre os Sacerdotes Egepcios, de vinte de Julho: entre os Alexandrinos, de 29 de Agosto: entre os Ethiopes, do primeyro de Setembro; 20 como tambem os Babylonios computavaõ o dia entre dous nascimentos do Sol: os Athenienses entre dous occasos: os Umbros, de hum meyo dia a outro: os Sacerdotes Romanos, & Egepcios de meya a meya noyte: & o vulgo, do amanhecer até anoytecer. 21 Alguns Authores trataõ de hum anno que se chamava grande, & se cumpunha de seis centos annos, cuja explicação se pòde ver em Macrobio. 22 Porém, como fica dito, os annos de que falla a Escritura Santa, eraõ como os nossos. 23

5 Nota-se, que ninguem chegou a viver mil annos; porque o que mais viveo, foy Matusalem novecentos sessenta & nove; 24 & os Historiadores donde Josefo 25 refere que chegaraõ homens a mil annos, ou fallaraõ dos mais curtos que dissemos, ou não merecem credito. As razões que tenho lido, 26 são suasorias para não se passar de mil annos; mas não convencem, que se não possa chegar a elles; ou perto delles: cuydo que por ser numero de mil o mayor, o devia tocar, quem pelo peccado estava condemnado à morte. 27

6 Hum Escriitor espirital 28 reputa vidas taõ largas, por pena larga aos que foraõ primeyros peccadores. Fallando literalmente, obrava nellas a Providencia Divina, para os homens multiplicarem na terra despovoada, & serem testemunhas das obras de Deos. 29

7 Mas tambem era effeyto da natureza bem acompreycionada, como sahida havia pouco tempo das mãos de Deos; influida de astros mais benevolos, por não terem passados tantos aspectos; conjunçoens, eclipses, & outras impressoens; 30 alimentada de frutos da terra, que tinha mais substancia; regulada no comer sem excessos, 31 & menos oprimida de cuydados que alteraõ o sangue, impedem a digestaõ, corrompem os humores, fatigaõ o cerebro, ferem o coração.

8 Ajuntava-se ter Adam perfeyta noticia, que commu-
nicou a seus descendentes, das virtudes das hervas, plantas,
pedras, animaes, & outras cousas com que se acodia aos acha-
ques; foy o primeyro Medico ensinado por Deos; 32 por isso
disse o Ecclesiastico, 33 que de Deos viera a Medicina. Como
Deos o fez Rey, o fez juntamête Medico, por ser officio do su-
perior curar os súbditos no corpo, & no espirito. Por isso Pla-
tao 34 comparou o Rey ao Medico; & em Isaías dizia o que
era rogado com a coroa, que pois não era Medico, o não fizef-
sem Rey. 35 Depois mostrou Deos esta conveniencia, pondo
em alguns Principes virtude para só com o tacto sararem doen-
ças corporaes, como figuras das espirituaes nos costumes. Pyro
Rey dos Epirotas com o tacto do dedo pollegar do pé direyto
sarava as enfermidades do baço. 36 Dos Emperadores Adria-
no, & Vespasiano se lê, que saravao outras. 37 Mas porque Au-
thores 38 attribuem aquelles casos a pacto Magico; sejaõ
exemplo os Reys de França, q̄ com o tacto curaõ em muytos as
alporcas, por dom concedido a El Rey Clodoveo, para elle, &
seus successores, quando se fez Christaõ; ou como dizẽ outros
Escritores, alcançado por oraçoens de S. Marculfo. 39 A mes-
ma virtude se diz haver Deos concedido aos Reys de Inglaterra
por merecimentos do Santo Rey Eduardo; outros escrevem,
que por oraçoens do Santo Varaõ Joseph ab Arimathæa, que ef-
teve naquelle Reyno. 40 Na Primavera costumaõ ainda hoje
fazer esta cura; eu a vi fazer com solemnidade tres vezes, (&
se fez outras) no mez de Mayo de 1669. acodindo cada dia
quasi cem doentes; he de crer, que não acodiriaõ todos os an-
nos tantos, se não se experimentasse que saravaõ alguns. Dos
Condes de Hausperg houve quem escreveo o mesmo; †1 & dos
Reys de Aragaõ; mas não he authentico.

9 Conhecendo Adam as virtudes occultas, usando-as, &
communicando-as, não era muyto conservaremse as vidas lar-
gos annos. 42 Os segredos da natureza são taõ admiraveis,
que por incriveis offenderaõ a reputaçãõ de alguns Authores
que os escrevêraõ; 43 sendo que a muytos achou a experien-
cia verdadeyros. Dizem que as pedras da cabeça do dragaõ da
India, trazidas que toquem a carne, fazem invisivel a quem as
traz: & que se vio em huma que Giges pastor em hum monte
de Lydia achou em hum anel na mão de hum Gigante morto;
44 da qual ufou para furtar a mulher a El Rey Candaulo, & o
matar, & se fazer Rey; mas porque isto se attribue a arte Ma-
gica, 45 seja exemplo em nossas historias, 46 que hindo o
grande Affonso de Albuquerque para a conquista de Malaca,
cativou em hũa embarcaçãõ hum Mouro principal, que havia
pelejado bem; & estando com muytas feridas mortaes, nem
morria, nem lançava gotta de sangue; achouse ser virtude de
hũa manilha, que no braço trazia, do osso de hum animal, cha-
mado *Cabal*, nascido na Provincia de Jahoa. Perdoe o nosso il-

*Mexiana Sylva l. 4. c. 7. ante mea.
Senec ep. 96. post princ. Quæ deside-
rantibus alimenta erant onera sunt
plenis, &c. Ex discordi cibo mor-
bus est. In l. 15. Epist.*

32 *Marsil. Ficen. l. 4. Epist.
Fræc. sup. q. 1. n. 18. & q. 3. n. 2. & 6.
33 Ecclesiast. 1. 1.*

34 *Plato de Regno.*

35 *Isai. 3. 7.*

36 *Alex. ab Alex. l. 4. c. 26.*

37 *Rhodigin. l. 11. c. 13.
Tacit. hist. l. 4. ad fin.*

38 *Deirius disquisit. Magic. l. 3
c. 3. q. 4. vers. denique.
Franco sup. q. 24. n. 3. & 5.*

39 *Guido in Chirurg. magna ty.
2. doct. 25.
Senert. l. 2. p. ax C. de strumis.*

40 *Polydor. Virgil. hist. Arg. l. 8
De hoc Deirius sup. vers. septimo ob-
jiciuntur, post princ.*

41 *Felix Tabrus relat. à Phi-
lip. Camerar. centur. 2. bor. succes. 64
42.*

42 *Noca Nienemberg, na Phi-
losofia curiosa. l. 1. c. 33.*

43 *Plin. na hist. natur.
Dora Oliva, & Don Alexo de Pia-
monse nos segredos.*

44 *Philostrat, apud Jul de Cas-
tilho, na hist. dos Godos l. 2. discurs. 4*

45 *Floscul. hist. p. 1. c. 6. statim
post princ.*

46 *Joaõ de Barros dec. 2 l. 6. c. 2*

47 Refere Lopez da Veyga na
Arcad. l. 4.

48 Plin. lib. 28. c. 24.

49 Refereem muytos, Pedro Me-
xia, na Sylva de var. ligad. l. 2. cap.
39. com os dous seguintes: & Hiero-
nymo Cortes no tratado dos segredos
da natureza.

50 Galen. l. de morasma. c. 2.

51 Ex Suid Alexandrin. Gemun-
cio, & alius, Matute na Profap. de
Christo idade 1. c. 8 §. 1.

Textor d. tit. qui diu vixer.
Mexia sup. l. 4. c. 7. ad fin.

52 Petr. Crispin in aphorism.
Sorani in vita Hippocrat.
Textor supra.

1 Matute na Profap. de Christo
idade 1. c. 1. §. 2.

2 Genes. 9. 3.

Vide in 2. p. c. 2. n. 5.

3 Venustus in harmonia.

4 Genes. 50. n. 2.

Exod. 11. 19. & sepius.

5 Apontau muytos. P. Mexia na
Sylv. l. 2. cap. 41. E Fraco no Campo
Elyso q. 3. n. 6.

lustre Capitaõ a nota de apartar esta manilha de sua pessoa; & perdella com outras joyas no naufragio de hũa não voltando de Malaca. Tambem se diz 47 que na cabeça do çapo se acha huma pedra chamada *Crepudina*, que engastada em hum anel, estando junto de veneno, aquenta o dedo de maneyra, que he conhecido para se guardarem delle. Facilmente pôde experimentar huma menina o que escreve Plinio, 48 que se hũa donzella tocar com o dedo pollegar da mão direyta a quem estiver cahido com gotta coral, se levantará logo. Ha outros em que a curiosidade se podera empregar. 49

10 Foy-se perdendo a memoria daquellas noticias medicinaes de Adam, em grave detrimento das vidas; principalmente depois do Diluvio, em quasi tudo pereceo. Dizia hum Medico Egypcio citado por Galeno, 50 que os homens de bom temperamêto morrião por ignorancia de remedios. Porque sabião muytos, & os applicavaõ como para si: viveo o mesmo Galeno, já mais nas idades curtas, cêto & quarêta annos; 51 & Hippocrates cento sessenta & nove, segundo Pedro Crispino, Sorano, Textor, 52 & outros Authores; ainda que alguns digaõ menos.

CAPITULO XLVII.

Em continuagaõ da materia do Capitulo precedente, se trata do progresso, & dignidade da Medicina.

1 Logo depois do Diluvio se foraõ abreviando as vidas, porque ainda que Noè conservou muytos remedios na medicina natural; 1 se foraõ perdendo, & a natureza enfraqueceo pela mayor substancia dos mantimentos, & menos benigna influencia dos astros.

2 Deos a foccorreio ordenando, que se comesse carne, & peyxe, 2 o que se não ufava. Misray neto de Noè começou a ensinar medicina por arte, & delle diziaõ os Egypcios, que a haviaõ aprendido; 3 já na doença, & morte de Jacob assistiraõ homês entendidos, & experimentados, que curavaõ por officio com o nome de Medicos: & daquelle tempo em diante continua a Escritura sagrada a mençaõ delles. 4 Sua curiosidade, & cuydado atê dos animaes brutos aprendia os remedios, que naturalmente ufavaõ em suas doenças; 5 quem acertava com algum, era acclamado entre os Gentios *Inventor*, ou *Deos da Medicina*. Assim o foraõ Mercurio, Isides, Oro, Olyris, Apis, Cadmo, Arabo, Chiron, Machoon, Podalyro, & principalmente Esculapio pay destes dous; o qual disseraõ ser filho de Apollo, & de Coronis Larissea, (porque houve outros dous Esculapios) & que seu pay fonte das sciencias lhe ensinára esta. Escreveo li-

vros della; hum se intitulou *Navicula*; edificaraõ-lhe tēplos, & lhe punhaõ grande barba, como velho experimentado. Em hū templo a tinha de ouro: & Dionysio Ienior tyranno de Sicilia lha tirou, dizendo, que naõ convinha ser taõ barbado filho de Apollo, que se pintava lampinho. Na maõ lhe punhaõ baculo em lugar de sceptro, como a Rey da vida, & da morte; cheyo de nõs, significadores da difficuldade da arte; nelle enroscada hūa serpente, que significava o veneno que elle remediava; & as vidas que renovava, como a serpente despindo a pelle, & porque o dragaõ he symbolo da vigia, & cuydado necessario do Medico. Aos pēs lhe punhaõ hum caõ, que lambendo cura as chagas suavemente, & he hieroglifico da lealdade, sacrificavaõ-lhe o gallo despertador do somno, imagem da morte; & gallin as, alimento de doentes. 6

3 Sem aproveytarem tantas diligencias, ja no tempo de Jacob se vivia taõ pouco, que se espantou Faraõ de elle ser de cento & trinta annos; 7 & David ja disse 8 que depois de setenta, ou de oytenta annos, tudo eraõ dores; & o Ecclesiastico, que ao mais se vivia cem annos. 9 Os Egypcios entendiaõ, que naturalmente naõ podia ser mais, porque por anatomias se via, que o coraçãõ de hum menino de hum anno pezava duas drachmas, & cada anno crescia duas, atē q̄ aos cincoenta annos pezava cem drachmas; & dalli em diante hia cada anno diminuindo outro tanto, atē que nos cento ficava em duas como no primeyro, & era força morrer. 10 Beroso dizia, que atē 117. annos se vivia naturalmente; Epigenes negava poder chegar a cento & vinte & dous. Contra estas opinioens escreve Plinio 11 com exemplos; mas reputaõ-se prodigios viver Argenton Rey dos Tartesios em Andaluzia de Hespanha trezentos annos, & ficou em Proverbio: 12 Pictorio Etolo, outros tantos: & Eginio duzentos. 13 Os trezentos annos de Nestor se attribuem a fabula de Poetas: 14 & os setecentos, ou mais, que elles deraõ de vida à Sibylla Cuma. 15 Nem aos historia-dores se dà credito, quando escrevem, que os Reys de Arcadia costumavaõ viver trezentos annos: que Dando Illirico viveo quinhentos & noventa: Impetris Rey da Ilha dos Purotinos, oytocentos & oytenta & hum, seu filho seiscentos. 16

4 Pelo que Salamaõ, valendo-se de sua sabedoria, fez hum livro medicinal das virtudes das plantas; 17 mas perdeu-se, & as copias que haveria, com outros muytos, nos incendios que Jerusalēm padeceo por inimigos. Alguns Rabbinos 18 dizem que o Santo Rey Ezequias o queymou, porque os doentes confiados nas maravilhas que por elle se obraõ, naõ recorriaõ a Deos, (como succedeo a El Rey Afa, 19) & que este serviço lhe allegou estando para morrer, & por elle lhe alargãra o *Senhor* os quinze annos de vida. 20

5 Finalmente por ignorancia dos remedios se usava ex-por os doentes às portas das casas, para que os que passavaõ pelas

6 Franco d. q. 3.
P. Sandeus in Aviar. Marian. orat.
4. Maria nota p. st. princ.
7 Joseph de antiq. l. 2. c. 4. ad men.
8 Psalm. 89 v. 10. & 11.
9 Ecclesiast. 18. 8.

10 Refert Mexia. sup. 2. c. 7.
11 Plin. 7. c. c. 9.
12 Silius l. 3.
Terdens decies et mensus belliget annos.
13 Textor in offi. p. 2. tit. qui diu vixer.
14 Juvenal Satyr. 10.
Tibul. l. 4.
Propert. l. 2.
Ovid. Metam. l. 12. ex Homer. Iliad.
15 Ovid. Metam. l. 14.

16 Plin. d. l. 7. c. 48.
Textor supra.
17 3. Reg. 4. 33. Disputavit super lignis.
18 Apud Marute sup. idade 4. c. 16 §. 4.
19 2. Reg. 16. 12.
20 4. Reg. 10.

pelas ruas ensinasse algum experimentado. Os que succediao bem, se escreviao em memorias, que se guardavao nos templos, com os nomes dos que os haviaõ ensinado. Assim passou o mundo muytos seculos; & com tudo ainda assim, de Esculapio atè Hippocrates, em que houve quinhentos annos, escreveraõ de Medicina alguns Authores; mas infelizmente; Hippocrates em suas obras faz mençaõ delles.

6 No anno tres mil quinhentos & vinte da creaçãõ do mundo, quatro centos oytenta & quatro antes do Nascimento de Christo, (confórme os Authores Medicos, 21 com pouca differença dos Historiadores 22) quasi no tempo em que viveo Esdras, nasceo Hippocrates Grego na Ilha de Coos, em q̄ era Principe. Por seu pay Heraclides foy xvii. neto de Esculapio; & por sua mãy Praxithea, vigesimo neto de Hercules, segundo agenealogia que varios Authores 23 trazem, nomeando particular, & successivamente (o que em poucas se acha) todos os avòs nobilissimos; nem podia deyxar de o ser taõ excellente juizo. Aproveytouse daquellas memorias, q̄ achou nos Tēplos; examinou outros remedios: dizem que em sonhos se lhe revelaraõ muytos, tomando-o Deos por instrumento seu; & com sabedoria, que parece mais que humana; reduzio a Medicina a fórma de sciencia, comprovando a razaõ com a experiencia, & abreviando tudo em aforismos. Admira ser inventor, & escrever como em materiaj à assentada, coroando os principios como fins. Foy o primeyro que envestigou as qualidades dos elementos: o primeyro que cortou membros do corpo humano por salvar o todo: o ultimo que chegou a Medicina ao ponto mais alto, pois todos ignoraõ o que elle naõ alcançou: & o unico que fugeytou a natureza ao seu conhecimento. Na vida foy venerado atè com estatuas. Pintava-se com a cabeça velada, insignia da mayor honra. 24 Morreo em Larissca, da largidade que já diffemos. 25 Os Gregos lhe decretaraõ as honras que se faziaõ a Hercules: & lhe levantaraõ huma sepultura sumptuosa, sobre a qual se vio muyto tempo hum enxame de abelhas, cujo mel sarava as chagas da boca a meninos; 26 curãdo aquelle grande Mestre ainda depois de morto. Enxames de abelhas se viraõ na boca de Plataõ, de Pindaro, de Virgio, & de Estesichoro Poeta quando nasceraõ, 27 annunciando-lhe eloquencia; de Hippocrates se mostraõ eloquentes as cinzas frias.

7 Desta escola sahiraõ nos tempos seguintes grandes Mestres, & sobre ella edificaraõ varias seytas. Prodicco inventou hum modo de curar chamado Medicina *Jatraleptica*; Acron Agrigentino instituhio outro, q̄ chamaraõ medicina *Fempirica*; outros foraõ inventores de outras, & todos tiveraõ sequazes.

8 Pelos annos cento & dez, atè cento & oytenta do Nascimento de Christo, imperando Trajano, Adriano, Antonino, Pio, Marco Aurelio, Commodo, & floreceo em Roma Gale-

21 *Istomachus l. de Hippocrat. fest.*

Franc sup. q. 4. n. 4.

22 *Escul. hist. p. 1. c. 7. ad med. v. s. anno mundi 3618.*

23 *Henricus Meibovius in comment. ad Hippocrat. & alii relati a Franc d. q. 4. n. 3.*

24 *Cel. Rhodig. antiq. lib. 1. 20. cap. 12.*

25 *No fim do cap. precedente.*

26 *Franc sup. n. 6.*

27 *Aelian. var. hist. l. 12. c. 45. Plin. l. 11. c. 17.*

Photus in vit. Virg.

PARTE I. CAP. XLVII. 211

no natural de Pergamo Cidade na Asia, Varaõ de sublime engenho. Escreveo com abundancia de doutrina, magestade de estylo, elegancia no dizer, & tal disposiçãõ no ensinar, que deyxou esta sciencia no mayor esplendor escurecendo os antigos, (excepto Hippocrates) & dando luz a todos os que foraõ depois. Tambem se diz, que em sonhos lhe mostrou Deos remedios. Refere elle, 28 que seu pay o puzera no estudo da medicina, por sonhar que lhe convinha. Em Roma se lhe levantou estatua, 29 & era respeytado como oraculo. Tendo cento & quarenta annos de idade, 30 lhe chegou fama dos milagres, que em Judèa faziaõ os novos Christãos, farando enfermos só com o nome de *Christo*; & se embarcou para os hir ver; só tanta curiosidade alcança tanta sciencia. Teve no mar huma grande tempestade, & deo-lhe huma febre, de que ao decimo dia morreo no navio; 31 naquelle desejo lhe poderia o Divino Medico farar a alma; bem se pòde esperar, que pagaria a quem havia aproveytado, & proveyta a tantos enfermos.

9 Principes, Reys, Emperadores; & Varoens grandes, estudáraõ medicina: Giges, & Sabor Reys de media, Eva, & Sabiel de Arabia, Dionysio de Sicilia, Hermes de Egypto, Mithridates de Persia, Salamaõ de Judèa, Adriano Emperador de Roma, Constantino IV. de Constantinopla. Alguns dizem, que tambem Alexandre Magno; & he muyto decantado havelha Achilles aprendido de Chiron. Tambem dizem que Meles foy neto de hum Rey de Damasco; & Avicena Principe em Cordova; 32 de Hippocrates já dissemos que o foy em Coos; & em têpos menos antigos, Medicos haviaõ sido os Summos Pontifices Eusebio Grego, Joã XX. Portuguez de Lisboa, chamando-se Pedro Hispano; & Nicolao V. Italiano de Luca; Cardeaes, & outros Varoens de altas dignidades, de que fazem mençaõ os Escriutores; 33 & sobeja para o mayor lustre haver sido Medico o Evangelista S. Lucas; 34 & haver tambem exercitado medicina o Apostolo S. Paulo. 35

10 Aos professores desta sciencia se fizeraõ em todos os tempos grandes honras. Já dissemos que aos primeyros se deu culto de Deoses; & que a Hippocrates, & Galeno se levantáraõ estatuas. Ao mesmo Hippocrates levou Artaxerxes Rey de Persia para seu Reyno com grandes somas de dinheyro. A Tribuno offereceo Cosroe Rey da mesma Persia o que quizesse: pedio huns Romanos cativos, & ElRey lhe deu tres mil. 36 Os primeyros Cesares davaõ a cada hum de seus Medicos por salario cada anno, duzentos & cincoenta sestercios, de q̄ cada hum valia dous arrateis & meyo de ouro: & Quinto Ester-tino teve quinhêtos. 37 Julio Cesar concedeo privilegio de Cidadãõ Romano aos de qualquer naçaõ q̄ vivessem em Roma: & Augusto, q̄ pudessem trazer annel de ouro, que era insignia illustre: 38 a Antonio Musa levantou estatua junto da de Esculapio, 39 & premiou liberalissimamente pela cura que lhe fez

28 Galen. meth. cap. 4.

29 Franco sup. q. 3. n. 9. & q. 4. n. 9.

30 Supra s. preced. in fin.

31 Ex Mundo Benoniensi

Simphorin Camper. c. 11. apud Matusi in Prosop. Christ. an. 4. c. 6. §. 4.

32 Destes, & de outros fazem mençaõ Ficin. ep. 1. ad Thom. Valer. Elian. l. 9. c. 22. Plutarch. in Alex.

33 Refert Franco in Camp. Elyf. q. 2. c. 29. & 30.

34 D. Paul. ad Colossens. 4. 14. Cum multis Maiden. in prasut. ad Luc. n. 2.

35 Refert. Franco d. q. 2. n. 27.

36 Suidas.

37 Plin. l. 29. c. 10.

38 Sueton. & Plutarch. in eorum vitis.

39 Ex Sueton. in August. Textor in officin. p. 1. tit. qui stat. meruet.

fez, quando em Andaluzia adoeceo de melancolia, por lhe succeder mal a guerra que viera fazer aos Biscainhos, Galegos, & Portuguezes de entre Douro, & Minho. 40 O Direito Civil lhes dà outros privilegios, & honras. 41 Até os mãos Medicos (dizia Niocles) 42 tem privilegio de matarem sem castigo, & verem seus bons successos, cobrindo a terra seus erros.

11 Dizer-se que foy esta sciencia desterrada de Roma, he calumnia, fundada em hum lugar de Plinio, 43 mal entendido. He verdade, que até o anno quinhentos & trinta & cinco de sua fundação não teve Medicos Roma, por empregada nas armas, alhea das sciencias, & da politica; como nem teve Poetas, 44 nem Grammatica, 45 nem ainda muyto depois luz da Filosofia; 46 nem relógio, senão de Sol, & pouco certo; o de mão conheceo no anno de sua fundação, quinhentos & noventa & cinco; 47 & o que he mais notavel, não houve em Roma Barbeyros, senão depois do anno quatrocétos & cincoenta & quatro, em que Pulio Ticino Mena trouxe hum de Sicilia, de antes traziaõ cabello naturalmente crecido. 48 No anno quinhentos & trinta & cinco depois de fundada, que são os quasi seis centos annos que com Plinio se diz que esteve Roma sem Medicos, lhe veyo de Grecia o primeyro chamado Archagato; foy recebido com grandes applausos, comprouse-lhe casa do erario publico, & se lhe deo honra de Quirite. Consta do mesmo Plinio.

12 O vulgo começou a estranhar, & aborrecer, o ver cortar, queymar, abrir, & usar outros remedios violentos quando eraõ necessarios. Ajuntou-se, que sendo os Medicos Gregos, cuja patria os Romanos no mesmo tempo hiaõ conquistando, 49 & muytos delles trazidos prizioneyros da guerra, serviaõ aos seus de espias; com veneno matãraõ alguns Romanos; commettãraõ adulterios em casas onde entravaõ. Pelo que justamente foraõ desterrados, & ficou Roma sem Medicos, porque não havia senão aquelles desterrados Gregos, ou Egypcios: Accresceo dizerem os zelosos, que a conversação dos Gregos introduzia costumes, que a feminavaõ o valor; 50 & assim se tinha por oraculo o dito de Cataõ, *que bostava, ver o engenho dos Gregos, & não convinha imitallos*; 51 & com este odio, por pequenas causas desterrãraõ os Romanos todas as boas artes que lhes tinhaõ vindo de Grecia. 52

13 Passados cem annos, no tempo de Julio Cesar, à persuasão de Cornelio Celso, Varaõ consular, se admittiraõ os Medicos outra vez em Roma; & da Biblioteca delRey Mitridates vencido por Pompeo, se trouxeraõ livros da Medicina herbolaria; 53 & se seguiu logo a grande estimação que delles se fez como já referimos.

14 A vida breve não he falta da Medicina, mas condição de nossa fragilidade, faltandolhe os arrimos que a alargavaõ, como acima apontamos. 54 Tanto que nascemos, adoe-

ceemos,

40 *Bristo na Monarch. Lusit. p. 1. l. 4. c. 27. no princ.*

41 *In l. Medicos C. de profess. & medic. l. 10. & l. un. C. de comis. & Ambiatr. & l. Archiostros, C. de metatis l. 12.*

42 *Niocles apud Max. serm. 50*

43 *Plin. l. 29. c. 1.*

44 *Dissemos c. 25. n. 16.*

45 *Sueton. de illust. Grammat. Rudi scilicet, ac bellicosa tunc civitate nec dum liberalibus disciplinis magnopere vacante.*

46 *Cicer. 1. Tuscul.*

47 *Plin. l. 7. c. 60.*

48 *Plin. 7. c. 45.*

Aut. Gel. l. 3. c. 4.

Alex. ab Alex. l. 5. c. 18. post med.

49 *Flor. l. 1. c. 7.*

50 *Flor. l. 1. c. 7.*

51 *Plin. l. 29. c. 2.*

52 *Crinis. de honest. disc. l. 5. c. 4.*

53 *Plin. l. 29. c. 40.*

54 *Lex Illicitas §. sicuti ff. de offic. Praesidis.*

ce mos , 55 & toda nossa vida he huma doença continuada , 56 antes muytas combatem continuadamente cada membro ; só contra os olhos contou Galeno 57 cento & quinze, he maravilha vivermos tanto ; & podem-se attribuir a milagre as largas vidas do Francez João , que chamãraõ *des temps* , pelos muytos tempos que viveo ; o qual havendo sido Soldado de Carlos Magno, morreo no anno de *Christo* mil cento & vinte & oito, tendo vivido trezentos sessenta & hum. 58 E a do outro hoim em, que o grande Portuguez Nuno da Cunha Governador da India achou na Cidade de Diu , em idade de trezêtos & trinta & cinco annos ; & não se sabe quanto depois mais viveo. 59 Foy furor de Alexandre na morte de Ephestião seu privado mandar crucificar o Medico que o não pode curar ; & fazer derribar o templo de Esculapio ; 60 & em outros Medicos se executãraõ semelhantes crueldades ; 61 como se a Medicina pudera immortalizar. O bom Medico não está no successo, mas em obrar o que pôde fazer feliz ; 62 devera Alexandre reconhecer o que ficou devêdo a esta sciência,quãdo Critobolo lhe tirou hũa setta de que morria. 63 A mesma, ou mayor excellencia mostrou Eristrato, quando pela alteraçã do impulso de Antioco , filho do Rey Ptolomeo , em presença de Estratonia sua madrastra, entendeo que a grave doença que padecia, era arder em seu amor deshonesto ; & tal foy o pay que lha entregou, & deu ao Medico cem talentos. 64 Assiste-nos a Medicina como mãy : trabalha por nos acodir, quando não aprovey-tãõ riquezas, nem dignidades. 65

15 Aquelles castigos se deviaõ aos Medicos *16 de barba*, como lhes chama hum seu elegante Escritor, 66 aos quaes a mula dá o grão, authorizados, & vãos, como estatuas ; pois não sómente são condenados pelas leys, quando mataõ por impericia ; 67 mas ainda que acertem, commettem crime capital ; porque o successo foy acafo ; não só levaõ com peccado o que se lhes dá, mas tambem são devedores dos homicidios : hum Juiz posto q̄ grande Letrado, estuda muyto para julgar qual-quer pequena causa ; & estes nada estudaõ para julgarem, & executarem as vidas ; por isso vemos que de ordinario não se logra nos filhos o que ajuntaõ ; porque o mal ganhado não se conserva em successor.

16 Tiberio Cesar procurava escusar todos, & tinha por ignorante quem passando de trinta annos se não sabia curar. 68 Mas pudera enganallo certo enfermo, que se achou mal to-mando sem Medico a purga, que hum lhe havia receytado em outra occasiã para a mesma enfermidade, & lhe havia dado saude ; queyxando-se ao Medico, respondeo elle : *He verdade que a enfermidade era a mesma, & a purga a mesma: porêm agora não aproveyrou, porque eu a não dey.* 69 Não basta saber os remedios, saber como, & quando se haõ de applicar ; qualquer circunstantia altera.

No cap preced. n. 7. 8 & 9.

55 D. August in *Psalm* 102. *Ægrotare incipimus, in x ubi nascimur.*

56 *Democritus*. *Totus homo ab ipso ortu morbus est.*

57 *Galeni. introd. c. 15.*

58 *Ætioscul. hist. p. 2. c. 4. ad fin.*

59 *Duarte Nunes na Chron. de D. Affonso Henriques.*

Maris dial. 5. c. 1.

60 *Resere Brito na Monarch. Lusit. p. 1. l. 2. tit 7.*

61 *Panivro! memorabil. p. 2. tit.*

62 *Ito Diatmus apud Anton. in Melis. p. 1. serm. 56.*

Nicol. apud Maxim. serm. 50.

63 *Q. Curt. de reb. Alex.*

64 *Aul. Gel. na Æ. Attic. l. 16.*

Pontan. in Philosoph.

65 *Cassiodor. l. 6. ep. 19.*

Materna gratia semper assistit, & ibi nos nititur sublevare ubi nullæ divitiæ, nulla potest dignitas subve-nire.

66 *Franco sup. q. 3. n. 4.*

67 *D. L. Illicitas §. Sicut ff. de of- fic. Præsid. L. Quæ actiones 6. §. fin. ad leg. Aquil. glossa, verb. ex damno in l. 4 de act. & obligat.*

68 *Erasm. l. 6. apophthegm. Tacit. annal. l. 6. ad fin.*

69 *Ex D. August. refert Poly- ant. verb. medica.*

70 *Ecclesiast.* 38.1. Honora medicum propter necessitatem.

71 *Genes.* 42.15.

72 *Baptista Peregr. in Agelog. advers. medic. calumn. fol. mibi 242.*

73 *Hippocrat. l. de loc. in hom. prope fin. & l. de cent. ornat.*

74 *Notat B: et. de consolat. c. 4.*

75 *D. Isidor. l. 4. etymolog. Ex quadam confidentia, quam agrotus inde concipit, natura jam deficiens convalescit.*

76 *Hippocrat. l. de art. Bonam agrotis fortunam contingere, si in bonum, malam, si in malos incidant medicos.*

77 *Cels. in proem. l. in fin. Ideo cum par scientia sit utiliore tamen esse medicum amicum, quam extraneum.*

78 *Ecclesiast.* 38.1. A Deo est omnis medela

79 *Matth.* 9. *Marc.* 5. *Luc.* 8.

80 *Matth.* 9. 11. *Marc.* 2. 17.

Luc. 5. 31.

81 *Isai.* 43. 5. Eius livore sanati sumus.

Per. ep. 1. c. 2. n. 24.

82 *Pier. Valerian.* l. 11. & 21.

83 *Matth.* 3. 16. *Luc.* 3. 22. *Joan.* 1. 31.

17 He logo necessario honrar os bons Medicos; pela necessidade, (como diz o Espirito Santo 70) necessidade mais urgente, pois he da faude, cousa mais estimavel, como entendo aquella, q̄ desejava outras riquezas, Reynos, & varias felicidades, elle só desejava esta, sem a qual nada se pôde lograr; & assim Joseph jurou pela faude de Faraõ 71 como mayor juramento; & inventando Pythagoras, que ou no principio, ou no fim, ou no sobrescrito das cartas se deprecaffe faude, contentou este costume tanto, que se usa até hoje.

18 Deve-se escolher Medico bem afortunado: 72 não porque a fortuna tenha poder na medicina, 73 ou em outra cousa; mas porque sendo erro commum deferir-lhe, 74 aquella boa opiniaõ que o doente concebeo do Medico ajuda muyto a faude. 75 A boa, ou má fortuna do doente, disse Hippocrates, 76 só consilte em cahir nas mãos de bom, ou de máo Medico. Entre os de igual sciencia aconselha Celso 77 que se escolha o amigo, pelo mayor cuydado com que se applicará. E o mais certo remedio, diz o Ecclesiastico, 78 he recorrer a Deos; como entendo, & experimentou aquella mulher, que recorre a Christo, havendo em espaço de doze annos gastado quanto tinha com os Medicos da terra, sem melhorar; 79 o Senhor professou que o era, & que vinha curar os enfermos: 80 Medico do corpo, & d'alma; curou muytos, & quer sempre curar de graça, pondo tambem os medicamentos à sua custa. 81 Sem remedios penosos, sem dilacoes de tempo alcança faude quem deseja sarar, & não recair: oh quanto devemos a quem poz nossa principal faude em nossa mão!

19 He hieroglifico da Medicina, huma pomba com hum ramo de louro no bico; porque dizem que se cura com elle sentindo-se doente: ou huma cegonha com hum ramo de ouregaõ; porque com elle concerta o estomago, se o sente danado. 82 Tambem a medicina espiritual se mostrou em figura de pomba descendo do Ceo ao Jordaõ. 83

CAPITULO XLVIII.

Filhos que Adam, & Eva tiveraõ. Apontaõ-se homens que tiveraõ muytos. Gigantes que houve. Se nos seculos passados erãõ os homens mayores que nos proximos. Se erãõ de mais forças. Toca-se o que se disse dos Pigmeos.

1 **C**ontinua o Texto sagrado, 1 que havendo Adam gerado a Seth [depois que gerára a Caim, & Abel] viveo mais oytocentos annos, em que gerou filhos, & filhas. Os Escritores 2 dizem, que por todos foraõ os filhos trinta & tres,

1 *Genes.* 5. à princ.

2 *Textor in offic. p. sit. liber, qui multo bavet.*

Trata d'isto Pineda na Monarch. Eccles. p. 1. d. 1. c. 12 § 1.

tres, & as filhas outras tantas; nascendo em aquelles principios macho, & femea gemeos, para que pudessem casar; 3 primeyro vinculo dos casados, pois ja nascião juntos, & fundamento da irmandade entre ambos *Irmã esposa* chama o Esposo Divino à Esposa Santa nos Cantares. 4 As allegorias dos antigos Poetas fazião a Jupiter, & Juno casados, & irmãos; 5 com titulo de irmãos se tratao os casados entre os Castelhanos, & entre outras naçoens.

2 Porẽm a este principio, entã justo por necessario, succedeo prohibiçãõ de direyto natural secundario; 6 & se nota, que o Texto insinua aquelles casamentos; mas naõ os declara, por ja naõ serem imitaveis. Os nomes das filhas de Adam, que me lembra achar em varios Escritores, saõ, *Asuama*, (gemea, & mulher de Seth) *Calmana*, *Save*, & *Themec*, (huma destas, naõ se sabe qual foy gemea, & mulher de Caim) *Asuran*, & *Delbora*, (dizem que huma destas foy gemea de Abel, q̄ morreo virgem) *Risan*, *Edoclam*, & *Noaba*. Trinta & tres forãõ os Partos de *Eva*; & trinta & tres os annos q̄ andou *Christo* no Mundo em redempçãõ do peccado original.

3 Naõ forãõ muytos aquelles filhos dos primeyros pays, em comparaçãõ dos que tiverãõ outros em idades mais curtas; deyxõ os que tiverãõ de varias mulheres, & concubinas, como Gedeãõ setenta & hum: 7 Roboãõ vinte & oyto filhos, & sessenta filhas: 8 Acab setenta filhos: 9 Artaxerxes filho de Xerxes cento & quinze; 10 Silverio oytenta: 11 Conrado Duque de Moscovia, oytenta; 12 & hum Jeronymo, refere Justino por authoridade de Trogo, 13 seiscentos de huma só mulher; houve muytos, que tiverãõ vinte, & trinta; de alguns faz mençãõ Ravisio Textor. 14 Hũa mulher chamada Combe Chalcide, de que falla Erasmo nos Proverbios, dizem q̄ pario cem vezes, 15 o que parece incrível. Em Lisboa conhecemos Antonio Luiz de Ayala, homem Fidalgo, que de dous, ou tres matrimonios teve mais de quarenta filhos, & filhas.

4 Dividira assim os descendentes de Caim peccador, dos de Seth virtuoso, porque a companhia dos mãos naõ pervertesse aos bons. Os de Caim eraõ chamados, *filhos dos homens*, como filhos da culpa: os de Seth *Filhos de Deos* como filhos da virtude; 16 foy tal a de Seth, que o chamãrãõ *Deos*. 17 Prohibio tambem casarem huns com outros, 18 porque os bons se naõ inficionassem, pois qual he o campo, tal a sementeyra: quaes as flores, tal a tinta: qual o olheyro, tal a obra: qual o lavrador, tal a cultura. 19 Os Cervos naõ geraõ Leocns, nem as Aguias pombas, 20 os filhos saõ ramos, & os pays raizes; 21 feriaõ os frutos como as arvores; 22 & sobre o natural obraria nos costumes o exemplo paterno. 23 *Espantaisvos* (dizia Plauto 24) *de que patrissem os filhos?* He verdade, que nisto ha exceções, como Jonathas, Joã, Ezequias, & Josias, filhos dos impios Saul, Joraõ, Achaz, & Amon, forãõ virtuosos; Cham fi-

3 *Pineda sup. cum Abulens. Matutina Presap. de Christo idade 1. e. 4. §. 1. Ex Beresish. Rab. Gen. 4. 4 Cant. 4. 9 Vulnerasti cor meum foror mea sponsa.*

5 *Virg. Aeneid 1. Et foror, & conjux.*

6 *De hoc latè Sancb. de Matrime 1. 7. disp. 52.*

Pineda d. l. 1. c. 2. §. 4.

7 *Judic. 8. n. 30. & 31.*

8 *1. Paralipom. 11. 21.*

9 *4. Reg. 10. 1.*

10 *Justin. l. 10.*

11 *Plutarch. in apophibeg.*

12 *Textor supra.*

13 *Justin. 39. in epitom.*

14 *Textor supra.*

15 *Refert idem Textor ibidem.*

16 *Genes. 6. 3.*

Explicat D. Cyrill. in Gen. hom. 22.

17 *Suidas verbo. Seth.*

18 *Joseph de antiq. l. 1. c. 3.*

Hist. Sch. olost. c. 31.

19 *Esdr. 9. 17.*

20 *Horat. l. 4. Ode 4.*

Fortes creantur tortibus; nec imbellem fetoces.

Progenerant aquilæ columbam.

21 *Sap. 4. ex n. 3.*

22 *Matib. 7. 7. Arbor bona fructus bonos facit; mala autem malos fructus facit.*

23 *Cicer 3. de orat. Duo illa nos maximè movent, similitudo, & exemplum.*

Vide text. in L. Quod si nol. 31. §. Quæ mæcipua. ff. de adit. edict. & ibi glos ordinav. & marg. verbo, non insanato.

24 *Plaut. in Pseudot. Iude tu miraris si patillet filius.*

lho de Noè, Esaù de Isaac, Amon, & Absalaõ de David, Joraõ de Josafat, Manassés de Ezequias, filhos de justos, foraõ mãos, & assim seriaõ alguns descendentes de Caim; & mãos alguns da descendencia de Seth; 25 mas a regra se faz do mais commum; 26 familias em que os bons se contaõ, taõ abominaveis; as em que se contaõ os mãos, naõ deyaõ de ser boas.

5 Mas diz o Texto, 27 que vendo os da familia de Seth, que as mulheres da familia de Caim eraõ fermosas, em fim se casaraõ com ellas. Entre as filhas dos de Seth, tambem haveria fermosas; mas as outras o pareciaõ mais, porque eraõ prohibidas; 28 & as que naõ saõ filhas da virtude, tem fermosura que engana com traças. S. Theodoreto 29 entende que com musicas namoraraõ as descendentes de Caim aos de Seth, & naõ lhes faltariaõ outros meyo.

6 Profegue o Texto, que daquelles matrimonios nasceraõ Gigantes; de casamentos por amores, muytas vezes resultaõ monstruosidades. Tiveraõ principio na Cidade de Henoch, 30 que fundara Caim; 31 & ainda que em alguns lugares da Escritura Santa, por Gigantes se entendem Varoens fortes, 32 neste falla propriamente de Gigantes, na estatura.

7 Consta que de entaõ atè os seculos proximos houve sempre Gigantes; 33 posto que alguẽm disse, que os naõ houve depois da vinda de Christo Senhor nosso. 34 Os Poetas Genticos lhes deraõ varios nascimentos, de que trataremos na Segunda Parte; 35 aqui basta dizer, que fingiaõ alguns taõ altos, que de Atlas differaõ, que sustentava o Ceo nos hombros: 36 & que Ticio lançado em terra occupava quanto nove juntas de boys podiaõ lavrar hum dia; 37 de alguns fabulãraõ, que tinhaõ cem braços, como de Briarco, 38 de seu irmaõ Giges, 39 & de Egeo, accrescentando que tinha tambem cincoenta boccas.

40 (Alguns querem 41 que este fosse o mesmo que Briarco.) Costumavaõ pintallos cõ pès de dragaõ, donde lhes davaõ epitheto de *anguipedes*, & *serpentigenas*; para mostrarem que nada tinhaõ de sublime, & recto, & que em passos torcidos caminhaõ para as cavernas tartareas. 42 Os mais celebres nas fabulas saõ (alẽm dos ja nomeados) Tyfeo, Japeto, Aleo, Esialtes, Encelado, Polyfemo, Antheo, Astrco, Porfirion, Adamastor, & Numas.

8 Na verdade da Escritura lemos, que o Rey de Basan era de casta de Gigantes, & que em Rabbath se mostrava o seu leyto, que era de ferro, & tinha nove covados de comprido, & quatro de largo, 43 & que o Gigante Goliath era de seis covados, & hum palmo de alto; & as armas que trazia eraõ de pezo, que naõ se pudera crer, se o naõ dissera o Texto sagrado. 44

9 Nas historias humanas Arthacus Persa, no tempo de Xerxes tinha de alto cinco covados: outros tantos tinha Eleazar Hebreo, q̄ Arthabano Rey dos Parthos mandou a Tibe-

rio

25 Advertis Benedict. Fernand.
in 4. Genes. sect. 18. n. 1. in fin.
26 L. Nam ad eff. de legib.
27 Genes. d. 6. 2.

28 Mitimur in vetitum.
29 Theodor. in Gen. q. 47.

30 Bened. Perer. in Gen. l. 8. n. 113. & 116.

31 Supra c. 19. n. 3.

32 Latè D. Ch. ylost. retatus à Franco in Camp. Ulys. q. 25. n. 8.

33 D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 9. Cassian. de gigant. c. 6.

34 Refert, & reprobat Perer. d. l. 8. n. 127.

35 P. 2. c. 3. n. 5.

36 Ovid. Metam. l. 9. & Fast. 5. Virgil. Æneid. 6.

Ubi caesifer Atlas.

Siat Torbaid. l. 8.

Altriterumque domus Atlanta supernas ferre laborantem.

37 Virg. Æneid. d. l. 6.

Nec non Tivium, cui tota novem per jugera corpus porrigiunt.

38 Virg. supra.

Et centum geminis Briareus.

Horat. l. Carm.

Nec si resurgat centimanus Gigas.

39 Ovid. 4 Trist.

Centimanumque Gygen.

40 Virg. Æneid. 10.

Ægeon qualis, centum eni brachia dicunt.

Centenasque manus, quinquaginta oribus ignem.

Claudian. l. 1. de rapt. Proserp.

Hæc centugemini strictos Ægeonis enles.

41 Refertur in offic. p.

1. 111 Gigant.

Viana no comment. a Ovid. Metam. l. 9. n. 3.

42 Ita explicans Macrob. Saturn. l. 1. c. 20.

Textor supra.

43 Deu. 3. 17.

44 1. Reg. 17.

rio Cesar: Orestes sete, Arnathas Bebricio oyto, Harthbeno nove, Gemagog doze. No Pontificado de Clemente VII. se achou o cadaver de Pallante, filho d'elRey Evandro, cuja gentileza encareceo Virgilio, 45 (posto que fabulou, que fora queymado;) & era taõ grande, que levantado em pè podia chegar ás ameas dos muros de Roma. 46 Com hum terremoto se descobrio em certo monte de Creta hum corpo de quarenta & seis covados; huns imaginaõ que era de Orion, outros o de Oton: 47 o que se faz crível, escrevendo Santo Agostinho 48 que na costa de Utica, ou Biserta, vio hum dente molar de hum corpo humano, que lhe pareceo teria cem dentes dos nossos. Francisco Drak Inglez, quando foy roubar as Indias de Castella, achou Gigantes de tres varas de alto. 49 Na famosa casa de Anatomia, que tem a Universidade de Leyde em Hollanda, vi encostadas à parede tres, ou quatro ossadas de corpos inteyros, que teriaõ a mesma altura, & me disseraõ, que haviaõ sido trazidos das mesmas Indias.

10 Geriaõ, que no antigo tempo reynou em Hespanha, vencido por Hercules nos campos do Mondego, aonde o lugar da Geria conserva seu nome, disseraõ os Poetas, 50 que era Gigante, & com tres cabeças; o que entendem os Historiadores, 51 que se fabulou de serem tres irmãos taõ conformes, que pareciaõ tres cabeças regidas por huma só alma; ou porque era homem de grande conselho, ou porque senhoreava tres Reynos; mas eu o naõ avalio totalmente por fabula; pois o Chronista Fr. Bernardo de Brito 52 escreve, que em Portugal junto de Braga nasceraõ dous meninos, cada hum com duas cabeças, & em outras partes se vio por vezes o mesmo; & hum com quatro cabeças; & outro com sete; ao que os Filozofos, & Medicos achaõ causa facilmente. 53 Lembrame, que no anno 1629. pouco mais, ou menos, vi em Madrid hum moço que se mostrava por dinheyro, com duas cabeças, & andava jugando o toque emboque. Depois o torney a ver em Inglaterra no anno de 1641. & entaõ com mais idade, & juizo o notei melhor, & lhe fiz perguntas; era Genovez, de vinte & cinco, ou vinte & seis annos, bem disposto do corpo: o rosto da cabeça principal muyto bem figurado, com seu bigode; & vestia galante, de seda com sua espada; do peyto lhe sahia outra cabeça com seu pescoço, & parte dos hombros de outro corpo, como deytada de costas; o rosto desta era grosseyro, mas perfeyto; estava sempre com os olhos cerrados, como que dormia; se o lastimavaõ, mostrava doer-se; & o principal naõ sentia. Este a sustentava com huma toalha, que trazia ao pescoço, andava muyto leve; & desembaraçado; do que comia se sustentavaõ ambos, servindo-se de hum mesmo estomago. E assim naõ seria muyto que Geriaõ com tres cabeças reynasse, & pelejasse com Hercules.

Houve outros homens de grande estatura. Agatho

45 Virg. *Eneid* l. 11.

46 P. Mendoga in *viridav* l. 4. *problem* 2 n. 8.

47 *Joseph de antiq.* l. 18. c. 6. *Plin.* l. 7. c. 16. *Textor supra.*

48 *D. Aug. de Civ. Dei* d. l. 15. cap. 9.

49 *Luis Cabreva na hist. del Rey D. Philip* d. l. 12. c. 23.

50 *Virg.* d. l. 6.

Gorgones, Harpyæque, & forma tricornis umbra: & l. 8. Tergemini nec Geryonæ, Spoliisque superbus. *Quid Metam.* 9.

----- nec me pastoris Iberi Forma triplex, nec forma triplex tua, Cerbere movit.

51 *Pineda Monarch. Eccles.* p. 1. l. 2. c. 8. § 7. *Britto, Monarch. Lusit.* p. 1. l. 1. cap. 10. in princ.

52 *Britto sup.* p. 2. l. 6. cap. 9.

53 *Franco in Comp. Etyl.* q. 45. n. 44 & 45.

Hieron. Cortes nos Secret. natur. trat. 5 c. 7.

Athenienſe, imperando Adriano, tinha de alto oytto pès. Gaba-
ra Arabio, no tempo de Plinio, mais de nove; Pulio, & Secun-
dilla, tinhaõ dez pès de alto: Poro Rey da India, a quem Ale-
xandre venceo, tinha quatro covados, & hum palmo: ao Em-
perador Maximo ſerviaõ de ancis os braccettes da Empera-
triz ſua mulher; 54 & com tudo naõ ſe avaliáraõ aquelles ho-
mens por Gigantes; do que parece que em aquelles ſeculos
eraõ os homens maiores que hoje, pois taes eſtaturas ſó ſe no-
tavaõ; por grandes hoje outras muyto menores ſe mostraõ por
admiraveis. No anno de 1669. viem Londres hũa mulher, que
tendo dez palmos de alto ganhava muyto dinheyro em ſe dey-
xar ver; & em Irlanda no porto de Kinſaile; no meſmo anno
me mostráraõ por couſa extraordinaria outra mulher do cam-
po, quaſi da meſma eſtatura; ambas tinhaõ muyto bom pare-
cer.

12 Esta queſtaõ tratou eruditamente o curioſo Gaſpar
dos Reys Franco, no ſeu agradavel livro, *Campo Elyſio*; 55 &
reſolve, que nem niſto, nem em outras couſas, fez a natureza
mudança. Mas o contrario ſe lê expreſſo no livro quarto de Eſ-
dras, q̄ poſto q̄ naõ he Canonico, tẽ grande authoridade, dizen-
do: 56 *Consideray, que ſois de menor eſtatura, que os que forãõ an-
tes de vòs; & os que vos ſuccederem ſerãõ de menor que vòs, quaſi
envelhecendo ſe as creaturas, & paſſando a fortaleza de ſua mocidade.* He a meſma raziã que já dêmos 57 das vidas ſerem mais
curtas. Já em ſeus tempos o notãrãõ Homero, Juvenal, Plinio,
Santo Agoſtinho, & outros Eſcritores. 58 Ve ſe em Marſelha
de França a cabeça de Santa Maria Magdalena muyto mayor
que as das mulheres ordinarias; 59 & do que o ſagrado Evan-
gelho diz deſta Santa, parece que devia ſer proporcionada, &
fermoſa. Notey na Sè da Cidade de Compoſtella em Galliza,
que a Imagem de Santiago, que em meyo corpo eſtã no Altar
mayor, representa homem quaſi agigantado; differãõ-me, que
de tempo muyto antigo era daquelle modo, & he verofiſimil
que ſe fariã representando a eſtatura do Santo, ou a de qualquer
homem ordinario daquelle tempo. O inſigne Patriarca S. Ben-
to, que era de gentil compoſtura no corpo, tinha dez para
onze palmos de alto. 60 Parece que iſto ſe faz indubitavel pe-
los mayores offos que ſe achaõ nas ſepulturas antigas. No an-
de de 1634. mudãrãõ os Religioſos de São João de Tarouca da
Ordem de Cifter, a ſepultura do Infante D. Pedro, filho do noſ-
ſo Rey D. Dinis, & ſe achou inteyra a armaçaõ dos offos, tendo
de comprido quaſi onze palmos, & meyo, & foy em ſeu tempo
avaliado por homem de galharda diſpoſiçaõ. 61 O meſmo ſe
vê pelas armas de alguns Reys, q̄ ſe conſervaõ em Templos co-
mo troſeos de ſuas vitorias. Na Igreja da inſigne Collegiada
de N. Senhora da Oliveyra da Illuſtre Villa de Guimaraens,
eſtã huina veſte, que o memoravel Rey Dom João I. trazia de-
bayxo das armas, que mostra bem ſua grande eſtatura. Nos
Reaes

54 *Textor ſup. cum Plin. d. l. 7. c.*
16.

55 *Franco in Camp. Elyſ. q. 25.*

56 *Eſdr. d. 4. c. 5. m. 54.*

57 *Sup. 46. m. 7.*

58 *Homer. apud Plin. d. 7. c. 16.*

Juvenal Satyr. 15.

Plin. d. c. 16.

D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 9.

Alti apud Franco in Camp. Elyſ. q. 25. a. n. 1.

Pineda. Monarch. Ecol. c. 1. c. 14. § 3.

Britio Monarch. Luſit. p. 1. l. 1. c. 2.

59 *Vit. gas, Flores Sanct. vida de
Santa Maria Magdalen. ad fin.*

60 *Do. 101. Fr. João de S. Tho-
mas n. Ben. diſtina Luſit. no fim do
tom. 1.*

61 *D. Fr. Fr. arcieſco Brandoõ na
Monarch. Luſit. p. 5. l. 17. c. 3. no fim.*

PARTE I. CAP. XLVIII. 219

Reaes Conventos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, & em outras partes se guardaõ espadas, maças, & armaduras, que era impossivel servir a homem deste tempo. Em Londres na Igreja de Westmester, que foy nobilissimo Convento de Mõnges Benedictinos, & he sepultura dos Reys, & no Castello, & Paço de Winsol, cinco leguas da mesma Cidade, vi espadas dos Reys antigos, do mesmo pezo, & grandeza; do que se segue que tambem os cavallos eraõ muyto mais corpulentos, & forçosos que hoje; pois de outra maneyra não eraõ iguaes a tanta carga.

13 Confirma-se com que em boa proporção da simetria; abrindo o homem os braços, & estendendo mãos, & dedos, esta braçada he a medida da sua estatura; 62 & de tempos antigos ficou introduzido, no que se mede por braçadas, fazellas de dez palmos; (posto que hoje os braços, & mãos estendidas não chegaõ a tanto) sinal de que entãõ faziaõ aquella medida, & por consequencia as estaturas ordinarias eraõ de dez palmos de hoje.

14 Não faz contra isto dizerem os antigos, que a perfeyta estatura era ao menos de seis pès, & que não passasse de sete, 63 que vinha a ser sete para oytos palmos, sendo pès geometricos, de quatro palmas de mão, cada palma de quatro dedos de largo: & se diz, que de tal estatura foy *Christo* Senhor nosso; 64 pelo que *Suetonio* 65 chamou a *Octaviano* de meã estatura, sendo de cinco pès, & hum drodante, (que são nove partes de doze) & vinha a ser de sete palmos, ou pouco mais, o que tudo não discrepa muyto do que temos hoje. Porque se responde, que pois dissemos que as estaturas daquelles tempos eraõ mayores, segue-se que os pès o eraõ; & assim os que se sinalavaõ à estatura perfeyta, faziaõ mais que os de agora; & no Santo Sudario de *Christo* Senhor nosso se acha comprimento de nove palmos de hoje. Corrobora-se esta resposta, vendo que *Plinio* com *Varraõ* 66 nomea a *Manio Maximo*, & *Marco Julio* por notavelmente pequenos, dizendo que eraõ de dous covados de alto; estatura que hoje se não notara por taõ pequena como elle a nota.

15 O mesmo procede nas forças; foraõ-se diminuindo à proporção dos corpos. Com *Virgilio* o advertio Santo *Agostinho*: 67 *Galeno* o reconheceo para os remedios, comparando o seu tempo com o de *Hippocrates*; 68 & bem se mostra nas armas que dissemos, das quaes seria impossivel usar hoje.

16 He verdade que vio a nossa idade homens, que pondo a mão no peyto de hum cavallo no impeto da carreya, o faziaõ parar: que fugeytavaõ, & derribavaõ hum touro pegando-lhe pelas pontas: que com huma mão levantavaõ por hum pè hum bofete: que com os braços estendidos sustentavaõ em cada palma da mão hum homem, & tomavaõ, & manejavaõ pezos grandissimos; vem-se bolantins, que daõ saltos estupendos,

62 *Pedro Mexia na Sylva de var. ligão l. 2. c. 19.*

63 *Mex. sup. ex Vitruvio, & Vegetio.*

64 *Matute na Profop. de Christ. idade 3. c. 4. §. 1.*
P. Fr. Joseph de Jesus Maria, na hist. de nossa Senhora l. 1. c. 14. n. 2.
 65 *Sueton. in Octavian.*

66 *Plin. d. d. 7. c. 16.*

67 *Virg. Æneid. 11.*
Vix illud lecti bis tex cervicis subiret, Qualia nunc hominum producit corpora tellus.
D. August. d. l. 1. c. 9.

68 *Galén. comment. 2. de frab. l. 1. c. 27. & 6 apud. 28. 29. & 30.*

& voltando o corpo, exercitaõ forçã admiraveis.

17 Porẽm se para a regra geral se pudera argumentar de casos particulares, a antiguidade nos deyxou exemplos mayores, sem contarmos Samião mysterioso, nem Hercules fabuloso em parte. Milon natural de Croton, Cidade de Italia na Calabria, corria de aposta com qualquer homem hum estadi Romano (que são cento & vinte & cinco passos) sem tomar o alento, levando às costas hum touro vivo, & ganhava o preço; & matava hum touro com huma punhada. 69 Mas hum Tirermo apostando com elle a forçã, levantou hum penedo que Milon não pode mover; & por hum pè teve mão em hum touro furioso, com admiração do mesmo Milon. 70 Polydames no Reyno de Dario (filho de Artaxerxes) de quem foy estimado, tambem pegando no pè de hum touro furioso, o teve até q̄ lhe deyxou a unha na mão; & detinha os carros correndo a toda a furia de quatro cavallos. 71 Seleuco Nicanor Emperador de Asia, soltando-se hum touro que estava para ser sacrificado, o teve com a mão por huma ponta, como se o tivera atado com cordas. 72 Tusio Salvio subia escadas levando nos pès duzentos arrateis, nas mãos outro tanto, & outro tão em cada hombro. 73 Plinio conta que vio hum chamado Athanato passear no Theatro vestido de cincoenta couraças de chumbo, & com huns çapatos que pezavaõ quinhentos arrateis. 74 Escreve-se 75 que Cynegiro Atheniense, na guerra contra os Perças, deteve com a mão direyta huma não contra a força do vento: sendo-lhe cortada, a deteve com a esquerda: & sendo-lhe tambem cortada, a deteve com os dentes, pegando em alguma corda; entãõ eraõ as nãoõs barcos; mas ainda assim parece incrivel. O Emperador Maximino corria mais que hum cavallo. 76 De outros admiraveis em correr faz menção Plinio. 77 Amelongo, Soldado de Remualdo Rey dos Longobardos, com o bote de hum bordaõ tirou da sella a hũ cavalleyro Grego, & o lançou para o ar por cima de sua cabeça. 78 Outros exemplos traz Ravisio Textor, 79 & não se podem referir facilmente os que ha mais. Até de huma velha Grega conta Stobeco, 80 que trazia hum touro nos braços; tinha-se costumado de quando era bezerro que mamava.

18 De serem hoje menores as estaturas, & forçã, não se segue naturalmente que hajaõ de hir diminuindo ao mesmo passo que atẽgora, & em consequencia se venhaõ a aniquilar em breve tempo, como argumentãõ os que dizem que nellas não tem havido mudançã. 81 Porque assim como nos primeyros seculos obrou a Divina Providencia para as largas vidas; como em seu lugar dissemos, 82 assim obrará q̄ não se destrua a natureza em quanto durar o mundo, decrescendo só até certos limites; & assim vemos que já de dous seculos a esta parte não houve diminição notavel.

19 Parece que se deleyta a natureza, jogando, ou zomban-

69 *Mexia sup. l. 1. c. 19.*
Jul de Castilb. hist. dos Godos lib. 3.
discu. 3

Aguida nos lugares com verbo, Mi-

70 *Celius l. 11. c. 69.*

71 *Celius l. 7. c. 56.*

72 *Genebrard. Chronol. c. 2.*

73 *Plin. l. 7. c. 20.*

74 *Plin. ibidem.*

75 *Textor in offic. p. 1. tit. fortissimi, ex Trogo, & Herodoto.*

76 *Marian. hist. de Hespamb. l. 4.*
cap. 9.

77 *Plin. d. c. 20.*

78 *Textor supra ex Paulo Diacono.*

79 *Textor d. tit. fortissimi.*

80 *Stob. serm. 29 in 1. tom.*

81 *Affen argumenta Franco d. q.*
25. n. 3. vers. in maxima.

82 *Sup. c. 46. n. 6.*